

Revista **Estendere**

ISSN 2318-2350



Curricularização e desafios da extensão na contemporaneidade.

v. 8, n. 2, jul.-dez./2022

PROEX UERN

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO - PROEX

REITORA

Dra. Cicília Raquel Maia Leite

VICE-REITOR

Dr. Francisco Dantas de Medeiros Neto

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO

Me. Esdra Marchezan Sales

PRÓ-REITORA ADJUNTA DE EXTENSÃO

Ma. Anairam de Medeiros e Silva

EDITORIA-CHEFE

Dra. Denise dos Santos Vasconcelos Silva

EDITORES-ASSISTENTES

Ma. Anairam de Medeiros e Silva

Dr. Saulo Gomes Batista

REVISÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Prof. Me. Márcio Alexandre da Conceição

REVISÃO DA LÍNGUA INGLESA

Ma. Aritania Alves Vieira

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Marcos Antonio Barros Junior

CONSELHO TITULAR:

Dr. Adalberto Veronese da Costa

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dra. Allyssandra Maria Lima Rodrigues Maia

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dra. Ana Mônica Medeiros Ferreira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Centro Universitário do Rio Grande do Norte - UNI-RN

Dr. Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dr. Hilderman Cordona Rodas

Universidad de Medellín

Dr. José Albenes Bezerra Junior

Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA

Dr. José Rodolfo Lopes de Paiva Cavalcanti

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dra. Regina Célia Pereira Marques

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dr. Rommel Wladimir de Lima

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dra. Sandra Meza-Fernández

Universidad de Chile

Dr. Sidcley D´Sordi Alves Azeiteiro da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN



CONSELHEIROS AD HOC

Este número contou com a indispensável contribuição de docentes e pesquisadores de diferentes Instituições de Ensino Superior (IES) e de diversas áreas do conhecimento, encarregados da avaliação da qualidade dos artigos e relatos de experiência, em processo de análise para publicação, tendo como responsabilidade a emissão de pareceres sobre o material submetido.

Dr. Ailton Siqueira de Sousa Fonseca

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Me. Alexandre Milne-Jones Nader

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dr. Allan Solano Souza

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dra. Cyntia Carolina Beserra Brasileiro

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dra. Danielle Peretti

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Me. Francisco Rafael Ribeiro Soares

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UFRN

Dr. Hélio Junior Rocha de Lima

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dra. Isabela Pinheiro Cavalcanti Lima

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dr. Lucídio Clebeson de Oliveira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dra. Maria da Conceição Vieira de Almeida Menezes

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dra. Maria José Costa Fernandes

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dr. Pedro Adrião da Silva Junior

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dra. Rafaela Catherine da Silva Cunha de Medeiros

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Me. Raimundo Nonato Santos da Costa

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dr. Ridalvo Medeiros Alves de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Dr. Rodrigo Guimarães de Carvalho

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dr. Saulo Gomes Batista

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dra. Wênka Preston Leite Batista da Costa

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

COLABORADORES

Cláudio Henrique Pereira de Araújo

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dionízio Cosme Neto

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN



Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião da Revista Extendere e da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Os(as) autores(as) são responsáveis pelo inteiro teor do texto; pela exatidão dos dados apresentados e pelos dados sobre pessoas que podem conter ou aparecer em pesquisas publicadas; pela revisão ortográfica/gramatical e correta observância da formatação da obra, bem como, pelas opiniões nele contidas. É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

REVISTA EXTENDERE, v. 8, n. 2, jul.-dez./2022. ISSN: 2318-2350

**CURRICULARIZAÇÃO E DESAFIOS DA EXTENSÃO
NA CONTEMPORANEIDADE**



rev.extendere@uern.br



[@proexuern](https://www.instagram.com/proexuern)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pró-Reitoria de
Extensão, Endereço: Av. Prof. Antônio Campos - Pres. Costa e Silva,
Mossoró - RN, 59610-210

Envio de trabalhos e normas: <http://periodicos.apps.uern.br/index.php/EXT>



SUMÁRIO

08

EDITORIAL

Esdra Marchezan Sales

Denise dos Santos Vasconcelos Silva

ARTIGOS

10

CONEXÕES, PROTAGONISMO E EMPODERAMENTO DE PORTADORES DA DOENÇA DE PARKINSON APÓS REATIVAÇÃO DO PROJETO GAIPP: UM RELATO VIVENCIAL

Natanias Macson da Silva

Allyssandra Maria Lima Rodrigues Maia

22

O JOGO DE XADREZ NO ESPAÇO DA BRINQUEDOTECA: EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E APRENDIZAGENS

Lívia Sonalle do Nascimento Silva

31

A LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A EXTENSÃO NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

João Batista Sena Neto

Nádia Maria Silveira Costa de Melo

Pedro Henrique Lopes de Melo

Raissa da Silva Pereira

Sarah Kiarely dos Santos Silva

43

EDUCAÇÃO EM SAÚDE E A HIGIENE NA PRIMEIRA INFÂNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Janilene da Silva Siqueira

José Antonio da Silva Júnior

Álvaro Micael Duarte Fonsêca

Ellany Gurgel Cosme do Nascimento

55

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM PERIÓDICOS BRASILEIROS NO PERÍODO DE 2012 A 2021

Ana Geysa Guilherme Bezerra

Francisco Maikom Soares Marcos

Maria Roberta de Alencar Oliveira

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

67 A REDE DE PROTEÇÃO ANIMAL (RPA) COMO MEIO DE EDUCAR A POPULAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Ana Bárbara Filgueira dos Santos
Esther Gouvêa Goldbarg
Hortência Luara Santana de Melo
Patricia Estela Giovannini
Renata Paula de Sousa Azevedo Henriques*

78 PROGRAMA DE FORMAÇÃO PARA BANDAS DE MÚSICA: ENSINO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS POR MEIO DE AULAS ONLINE

*Bruno Caminha Farias
Evandro Hallyson Dantas Pereira
Fernando Bueno Menino
Melquíades Vasconcelos da Mota Negreiros*

87 VESTIR PARA DESPIR: UM OLHAR SOBRE A CRIAÇÃO DE FIGURINOS EM DANÇA CONTEMPORÂNEA

*Luiz Felipe Ferreira da Rocha
Suênia de Lima Duarte
Alberto Assis Magalhães*

96 SAÚDE LGBT+ NA POPULAÇÃO IDOSA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UM OLHAR INCLUSIVO NA GERIATRIA

*Ana Karollyne Salviano Ferreira de Melo
Allyssandra Maria Lima Rodrigues Maia
Fernanda Clara da Silva
Milton Roberto Furst Crenitte
Tammy Rodrigues*

104 PRIMEIROS PASSOS PARA EDUCAR EM DIREITOS HUMANOS: O GRUPO DE ESTUDOS DO INSTITUTO AURORA COM O IFPR

*André Bakker da Silveira
Cássia Cristina Moretto da Silva
Patrícia Meyer*

117 REDE TRANS: POLÍTICAS DE SAÚDE DIRECIONADAS À POPULAÇÃO DE TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E TRANSGÊNERAS

*Fernando Teixeira Silva Filho
Luana Oliveira Santos
Ludmila Ellen Silva Bessa
Luiz Henrique Callovi Balarin*

Samara da Souza Cruz

129 **MÚSICA, DANÇA E DINÂMICAS COMO
RECURSOS DE APRENDIZAGEM INFANTIL SOBRE HIGIENE
CORPORAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Gabrielly Moreira Façanha

Beatriz Barros Guimarães

Laura Baima Silveira Souza

Thais Mendonça da Costa

Ellany Gurgel Cosme do Nascimento

138 **A UTILIZAÇÃO DO INSTAGRAM NO PROJETO DE EXTENSÃO
TURISMO EXPRESSO COMO FERRAMENTA PARA O PROCESSO
ENSINO-APRENDIZAGEM NO ESTÁGIO CURRICULAR
SUPERVISIONADO**

Cláudia Regina Tavares do nascimento

Gustavo Lopes de Santana

CURRICULARIZAÇÃO E DESAFIOS DA EXTENSÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Ao mesmo tempo em que promoveu a potencialização da prática extensionista no ensino superior e a garantia de maior envolvimento dos estudantes com ações diretamente ligadas à comunidade, por meio da extensão universitária, a obrigatoriedade da inserção curricular da extensão - Resolução N° 7, de 18 de dezembro de 2018, do Conselho Nacional de Educação (CNE/MEC) - apresentou um cenário de desafios para as instituições de ensino superior, principalmente as públicas. Mais do que isso, a medida forçou as instituições a repensarem muitas de suas práticas e experiências extensionistas, assim como as prioridades em seus planejamentos financeiros.

Com a extensão integrada ao currículo dos cursos, com uma quantidade bem maior de estudantes envolvidos nas ações extensionistas, é evidente que para que este compromisso institucional seja efetivamente concretizado, os orçamentos para a extensão precisam ser seriamente repensados. Não à toa, o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Ensino Superior (FORPROEX) vem pautando este assunto, junto a reitoras e reitores, às fundações de amparo e apoio à pesquisa, e aos governos estaduais e federal. Sem a superação desta barreira, todo o projeto da inserção curricular da extensão estará seriamente comprometido.

Junto a estudantes, servidores técnicos e professores integrados às ações extensionistas nas IES, as primeiras experiências práticas da inserção curricular da extensão vão criando um mosaico interessante de resultados exitosos, que servem de referência, mas também de identificação de desafios a serem superados, seja na capacidade operacional de suporte logístico às ações, na necessidade de recursos financeiros, ou mesmo na mudança cultural em alguns cursos, historicamente sem experiências acumuladas no campo da prática extensionista junto aos estudantes. A prática diária vai promovendo uma maturidade necessária ao objetivo que se almeja, do fortalecimento da extensão no processo formativo discente, mas principalmente na sua capacidade transformadora junto aos grupos participantes das ações.

Nesta edição da *Extendere*, apresentamos uma panorama de experiências extensionistas no âmbito da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), mas também de outras instituições brasileiras. Além da visibilidade importante possibilitada pelas revistas científicas, este espaço serve também de intercâmbio de saberes e conhe-

cimentos em diversas áreas. São cinco (05) artigos e oito (08) relatos de experiência que constituem esta edição da revista. Em cada um, a apresentação de perspectivas de vivências da extensão junto a grupos diversos da comunidade, e de resultados concretos de mudanças positivas no dia a dia das pessoas.

Pela partilha do que vivenciamos e temos construído, identificamos no que precisamos evoluir e inovar, no campo da extensão, para torná-la uma base ainda mais fundamental do processo de aprendizagem no ensino superior e da formação cidadã e profissional das pessoas que chegam à universidade e/ou institutos em busca de uma mudança de vida pela educação.

Boa leitura,

Esdra Marchezan Sales
Pró-Reitor de Extensão da UERN

Denise dos Santos Vasconcelos Silva
Editora-Chefe da Revista Extendere



CONEXÕES, PROTAGONISMO E EMPODERAMENTO DE PORTADORES DA DOENÇA DE PARKINSON APÓS REATIVAÇÃO DO PROJETO GAIPP: UM RELATO VIVENCIAL

Natánias Macson da Silva¹

Allyssandra Maria Lima Rodrigues Maia²

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência pautado em ações extensionistas do projeto Grupo de Apoio Interativo aos Portadores de Parkinson (GAIPP). Este projeto foi idealizado em 2016 e tem como público-alvo pessoas que vivem com a Doença de Parkinson e seus cuidadores. O GAIPP é desenvolvido por docentes e discentes do curso de Medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e possui a colaboração de profissionais da saúde de diferentes áreas, bem como discentes de pós-graduação. No ano de 2022, o projeto realizou ações pautadas em Educação Popular em Saúde e em práticas complementares em saúde, com foco no cuidado multiprofissional e integral em saúde, incluindo apoio social, aspectos de autocuidado, saúde mental, gerenciamento das incapacidades físicas e qualidade de vida em geral. Os encontros também fortaleceram as relações interpessoais e propiciaram um ambiente democrático para intercâmbio de vivências e percepções sobre a doença, bem como a realização de debates sobre as necessidades em saúde do público-alvo.

PALAVRAS-CHAVE: Grupo de Apoio; Educação em Saúde; Doença de Parkinson.

ABSTRACT

This is an experience report based on the extension actions of the Interactive Support Group for Parkinson's Disease (GAIPP) project. This project was conceived in 2016 focusing on patients with Parkinson's disease and their caregivers. GAIPP is developed by teachers and students of the Medical School, part of The State University of Rio Grande do Norte (UERN), in collaboration between health professionals from different areas and students. In 2022, the project has done actions based on Popular Education in Health and actions based on complementary health practices, focusing on a multiprofessional and integral health care, in-

1 Graduando em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Graduado em Biomedicina na Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Saúde e Sociedade – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: nataniassilva@alu.uern.br.

2 Professora do Curso de Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutora em Ciência Animal – Universidade Federal Rural do Semiárido. E-mail: allyssandrarodrigues@uern.br.



cluding social support, self-care aspects, mental health, management of physical disabilities, and quality of life in general. The meetings also strengthened interpersonal relationships and provided a democratic environment for exchanging experiences and perceptions about the disease, and also provided discussions about the health needs of these patients.

KEYWORDS: Self-Help Groups; Health Education; Parkinson Disease.

1 INTRODUÇÃO

A Doença de Parkinson (DP) é uma condição clínica neurodegenerativa que ocorre mediante perda progressiva de neurônios dopaminérgicos da substância negra, a qual está associada à deposição de inclusões proteicas denominadas corpos de Lewy. Clinicamente, tornou-se uma doença conhecida por uma téttrade de déficits motores, incluindo a bradicinesia, rigidez dos membros, tronco e pescoço, além do tremor em repouso e instabilidade postural (LINDQVIST *et al.*, 2012; TANSEY *et al.*, 2022; ZHONG *et al.*, 2022). Atualmente, sabe-se que a DP apresenta alterações multissistêmicas, não restritas a alterações neurológicas, como distúrbios do sono, disfunção gastrointestinal e imunológica (LINDQVIST *et al.*, 2012; TANSEY *et al.*, 2022).

Embora tenha uma causa multifatorial, os estudos mostram que a DP apresenta uma combinação de fatores genéticos predisponentes à condição (TANSEY *et al.*, 2022). De acordo com inquéritos epidemiológicos, sabe-se que a maioria dos pacientes acometidos desenvolve a doença com o avançar da idade, isso porque o envelhecimento cerebral por si só culmina com a perda neuronal progressiva, o que parece contribuir com a evolução natural da doença (DORSEY; BLOEM, 2018; TANSEY *et al.*, 2022; ZHONG *et al.*, 2022).

Com o envelhecimento da população, a DP se insere na classe de doenças crônicas não transmissíveis que, atualmente, são desafiadoras para os profissionais de saúde. Tal perspectiva mostra que o manejo dessas doenças exige um cuidado integral em saúde pautado em fatores diversos, como o alto conhecimento técnico, habilidades práticas no cuidar, aspectos nutricionais, prevenção de complicações (como quedas de própria altura) e gerenciamento das incapacidades físicas e psicossociais da patologia (CHIONG-RIVERO *et al.*, 2011; LUBOMSKI; DAVIS; SUE, 2021; CHEN *et al.*, 2022; LOBUONO *et al.*, 2022).

Considerando a complexidade da DP e a diversidade de condições inerentes ao idoso, as quais estão relacionadas às atividades de vida diária, convívio com outras doenças crônicas, questões psicossociais, entre outros, faz-se necessário uma maior estruturação do sistema de saúde para garantia de um cuidado integral e multiprofissional fundamentados em cuidados e terapias especiais com fins de propiciar a redução do impacto das limitações funcionais inerentes à doença (NUNES; ALVAREZ; VALCA-

RENGHI, 2022). A garantia desses elementos no cuidado integral em saúde permite uma maior autonomia às pessoas que vivem com a Doença de Parkinson, trazendo-lhes maior empoderamento em suas atividades de vida diária e participação social (IRONS *et al.*, 2021; SUBRAMANIAN *et al.*, 2021; LUBOMSKI; DAVIS; SUE, 2021).

Particularmente, o apoio social aos portadores da DP é uma das principais metas do cuidado integral em saúde. Estudos mostram que as desigualdades nos cuidados de saúde mental e a carência de apoio social podem reduzir a qualidade de vida das pessoas que vivem com a doença e, além disso, podem aumentar a incidência de doenças psiquiátricas (DOBKIN *et al.*, 2013; SUBRAMANIAN *et al.*, 2021).

Este cenário agravou-se durante a pandemia da COVID-19, visto que houve baixa conscientização e/ou falta de recursos para atuação sobre as questões de saúde mental dos pacientes com a DP, tanto por parte dos profissionais de saúde quanto pelos cuidadores e/ou pacientes (SUBRAMANIAN *et al.*, 2021). Curiosamente, estudos mostram que o subdiagnóstico de doenças mentais também é decorrente da falta de conhecimento sobre a associação entre a DP e a ocorrência da apatia, alterações de humor, ansiedade e/ou depressão pelos portadores da doença e seus cuidadores (SHULMAN *et al.*, 2002; KUA *et al.*, 2018).

Pesquisas já provaram que os sintomas psicológicos podem ser tão incapacitantes quanto às limitações motoras causadas pela neurodegeneração, por isso, os fatores psicológicos são considerados preditores da qualidade de vida desses sujeitos (SOH; MORRIS; MCGINLEY, 2011; LEROI *et al.*, 2012). Em razão disso, o apoio social deve ser um dos pilares no cuidado integral em saúde de pessoas que vivem com a DP (SUBRAMANIAN *et al.*, 2021); cenário que introduz os benefícios da criação, desenvolvimento e manutenção de grupos de apoios em instituições públicas com acesso universal pelos indivíduos portadores da DP.

Para além do suporte social, os grupos de apoio a idosos com doenças neurodegenerativas mostram-se úteis no fortalecimento da Educação Popular em Saúde, socialização entre os indivíduos do grupo e com os seus familiares e cuidadores, promoção em saúde com a redução de distúrbios psiquiátricos e, por fim, melhoria do cuidado multiprofissional e integral (ARTIGAS *et al.*, 2015; ILHA *et al.*, 2017; SUBRAMANIAN *et al.*, 2021).

Nos espaços destinados ao encontro do grupo parkinsoniano, há uma diversidade de práticas que podem promover saúde e qualidade de vida. Atualmente, as práticas mais utilizadas são voltadas para Educação Popular em Saúde e Práticas Complementares, como a musicalização (IRONS *et al.*, 2021) e a dançaterapia (MICHELS *et al.*, 2018).

O objetivo deste trabalho foi relatar a experiência do Grupo de Apoio Interativo aos Portadores de Parkinson (GAIPP) durante a sua reativação, após a pandemia pela COVID-19. Com isso, apresentamos a estruturação do projeto, atividades desenvolvidas e uma análise atitudinal do grupo em

relação à construção de novas conexões sociais, protagonismo e empoderamento sobre educação popular, qualidade de vida e cuidado em saúde.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

2.1 Grupo de Apoio Interativo aos Portadores de Parkinson: concepção e uma breve contextualização retrospectiva

A idealização do projeto GAIPP ocorreu em 2016, por pesquisadores do Grupo de Estudo em Saúde Coletiva (GESC) da Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Nos dois primeiros anos, o projeto desenvolveu ações extensionistas e pesquisas científicas com os portadores da Doença de Parkinson; fato que validou o surgimento de um grupo de apoio estruturado e multiprofissional (DO VALE *et al.*, 2016).

Contudo, após dois anos de atuação, o Grupo sofreu com perdas irreparáveis de integrantes, seja por parte de pacientes que evoluíram a óbito ou por parte da equipe fundador-executora da proposta extensionista, com a formação de acadêmicos de Medicina (anteriormente extensionistas) e alunos de pós-graduação envolvidos no projeto, o que fragilizou o grupo.

Outro fator importante a ser mencionado foi o advento da pandemia pela COVID-19. Embora a equipe residual tenha se organizado para dar continuidade às atividades, a citada pandemia trouxe consigo várias modificações nas relações interpessoais e maneiras de comunicação, as quais foram marcadas pelo distanciamento social e crescimento do uso de Tecnologias da Comunicação e Informação pela comunidade em geral.

Nesse cenário pandêmico muitos projetos de extensão publicaram iniciativas de abordagem ao público-alvo mediante uso de tecnologias digitais (CARDOSO *et al.*, 2021; DO NASCIMENTO *et al.*, 2022;), realidade que não foi exequível para o GAIPP. Isso porque a maioria dos idosos não mostrou adesão para participação em atividades online; um dos fatores limitantes foi o manuseio de redes sociais e aplicativos de videoconferência, como o Google Meet. A idade dos participantes e possíveis comorbidades crônicas associadas à Doença de Parkinson caracterizou o grupo como de risco para infecção pelo Sars-Cov-2. Isso preocupou a equipe executora em promover encontros presenciais, mesmo dispondo de medidas de biossegurança.

Nesse seguimento, em 2020 e 2021, o GAIPP garantiu a manutenção da conexão com parte do público-alvo, por meio de um grupo de WhatsApp, o qual foi útil na resolução de dúvidas de caráter médico, interação entre os portadores da doença e os profissionais de saúde e, por fim, fortalecimento dos vínculos.

2.2 Retorno às atividades presenciais do GAIPP: formulação da proposta extensionista, objetivos e delineamento metodológico

A equipe executora se estruturou novamente e reativou o grupo em abril de 2022, com a vinculação oficial do projeto GAIPP ao Programa de Extensão do Comitê Local da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - Comitê Local da Federação Internacional das Associações dos Estudantes de Medicina do Brasil (IFMSA BRAZIL LC UERN); ambos institucionalizados após aprovação no edital 11/2021 - Pró-Reitoria de Extensão da UERN.

Na edição de 2022, o objetivo geral foi desenvolver atividades psicomotoras a fim de possibilitar a socialização e a realização de exercícios físicos e mentais para doentes de Parkinson. Além disso, buscamos colaborar com a aprendizagem do grupo sobre as questões relativas à sua própria saúde e a atenção em saúde multiprofissional e integral, potencializando o cuidado e o autocuidado.

Por outro lado, o projeto também abordou a equipe executora, com o desenvolvimento de práticas interprofissionais pautadas na escuta qualificada, boa comunicação com o paciente e educação popular em saúde. Todas as atividades foram realizadas com foco nas necessidades em saúde do grupo, as quais suscitaram encontros para discussão sobre prevenção de doenças, promoção da saúde e manutenção da qualidade de vida.

O cumprimento dos objetivos fidelizou a relação entre a universidade e a comunidade, representada pelos portadores da Doença de Parkinson. De acordo com o Plano Nacional de Extensão Universitária (BRASIL, 2001), a extensão oferece uma via de mão dupla para o desenvolvimento da universidade e seus integrantes, bem como para toda a comunidade em geral, o qual é marcado pela troca de saberes de maneira sistematizada, acadêmica, científica e popular.

Em relação ao delineamento metodológico, a equipe executora desenvolveu atividades diversas no primeiro semestre de atuação, as quais foram sistematizadas no Quadro 1. As Reuniões Ordinárias de Planejamento ocorreram com a participação de integrantes da equipe executora: uma docente coordenadora, doutora e especialista em psicopedagogia, três discentes de pós-graduação (um mestrando e duas doutorandas) e 19 discentes extensionistas regularmente matriculados no curso de Medicina (FACS/UERN). O público-alvo cadastrado foi composto por 45 portadores da Doença de Parkinson, perfazendo uma média de 15 indivíduos por encontro. No geral, foram programados 12 encontros presenciais, a serem realizados aos sábados, no turno da tarde e com a periodicidade mensal. O local escolhido para as ações foi o Hospital da Polícia Militar do município de Mossoró/RN.

Quadro 1 – Sistematização das metodologias e objetivos das atividades realizadas

ATIVIDADE	EIXOS TEMÁTICOS - MÉTODOS
Reuniões Ordinárias de Planejamento	Reuniões mensais de planejamento, estruturação das ações com a revisão dos objetivos, métodos e parcerias.
Encontros Presenciais com o público alvo	<p>1) Primeiro encontro: conexões, depoimentos e roda de conversa sobre as necessidades em saúde do público-alvo;</p> <p>2) Segundo encontro: nutrição, qualidade de vida e confraternização junina - rodas de conversa, musicalização e rodas de dança;</p> <p>3) Terceiro encontro: Saúde física e mental no contexto do Parkinson – rodas de conversa, exercício físico, musicalização e rodas de dança;</p> <p>4) Quarto encontro: Resgatando a criança que existe em você – práticas integrativas, musicalização e rodas de dança.</p>
Produção acadêmica	<p>1) Desenvolvimento de resumos expandidos para eventos científicos;</p> <p>2) Produção de artigos do tipo relato de experiência e qualitativos (vivências, percepções e anseios dos parkinsonianos).</p>

<p>Educação Popular em Saúde com parkinsonianos e comunidade em geral</p> <p>- Produção de material digital – posts e matérias sobre temáticas de educação em saúde de indivíduos parkinsonianos e comunidade em geral via conta de Instagram: @gaipp.uern</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) Da prevenção ao diagnóstico, o carinho sempre será o melhor tratamento – mês de abril alusivo à Doença de Parkinson; 2) Porque a tulipa vermelha representa a Doença de Parkinson?; 3) Momento cultural – Reflexões sobre o filme “Amor e outras drogas”; 4) Parkinsonianos que se destacaram no mercado de trabalho; 5) Perfil epidemiológico da Doença de Parkinson; 6) Neurotransmissores e o Parkinson; 7) A dopamina e o Parkinson; 8) Previdência Social: Quais os direitos dos parkinsonianos?; 9) A importância do SUS para os parkinsonianos; 10) Parkinson e o exercício físico; 11) Edições especiais: dia das mães parkinsonianas; dia dos namorados; mês do orgulho LGBTQIA+; dia dos pais; semana da pessoa com deficiência intelectual e múltipla; independência é liberdade e libertação não tem preço (alusivo ao dia da Independência) e setembro amarelo.
--	---

Fonte: Próprio Autor (2022).

2.3 Um novo caminho de conexões, protagonismo e empoderamento

Sabe-se que o planejamento é o primeiro passo para a execução de uma ação extensionista, pois permite à equipe executora conhecer o ambiente de atuação e o seu público-alvo (FERREIRA *et al.*, 2005). Nesse cenário, o projeto GAIPP empregou planejamentos contínuos, em encontros denominados Reuniões Ordinárias de Planejamento, que permitiram adaptar estratégias de abordagens durante os encontros presenciais, além de captar necessidades de Educação Popular em Saúde com a comunidade em geral; o que estimulou, neste último caso, a produção de materiais educativos disponibilizados via *Instagram* – temáticas apresentadas no Quadro 1.

Os encontros foram estruturados com o formato de palestras interativas, seguidas de roda de conversa, as quais permitiram a construção de

novas conexões entre os participantes e intercâmbio de saberes sobre a DP e cuidados em saúde integral.

À luz de uma análise atitudinal do grupo, notamos que a proposta trouxe benefícios importantes a seus membros, já no primeiro encontro (Figura 1). O primeiro deles foi a disponibilidade de um espaço seguro, democrático e com lugar de fala disponível para cada participante. Este ambiente de socialização e apoio mútuo estimulou o empoderamento dos sujeitos, os quais se mostraram com maior autonomia sobre o seu autocuidado e capacidade de se adaptarem às limitações causadas pela DP, sobretudo nas atividades de vida diária.

Figura 1 – (Re)conectando integrantes do GAIPP: intercâmbio de saberes, anseios e perspectivas em relação ao Grupo de Apoio.



Fonte: Acervo do Grupo de Apoio Interativo aos Portadores de Parkinson (2022).

Outro benefício foi a construção de novos conhecimentos sobre a doença e seus desdobramentos, bem como aspectos de qualidade de vida (nutrição, saúde física e mental). Os debates ocorreram com o protagonismo dos portadores da DP, cuidadores e familiares (Figura 2). Tal protagonismo foi marcado pelo relato de vivências, limitações e necessidades em saúde, as quais podem ser foco de estudos futuros. Secundariamente, a equipe executora do projeto e os profissionais de saúde participaram como facilitadores dos debates.

Sob o ponto de vista nutricional, as discussões foram motivadas com base em estudos epidemiológicos que mostram que a perda de peso é um achado clínico comum nos portadores de Parkinson, o qual pode estar associado à depressão, aos efeitos colaterais de medicações, às disfunções sensoriais e a negligência com o autocuidado (MORAIS *et al.*, 2013). Dessa

maneira, buscou-se atuar com esclarecimentos e discussões sobre a qualidade nutricional dos alimentos e principais benefícios apontados por pesquisas científicas. De modo geral, o grupo se mostrou aberto para reflexão e, quando possível, mudanças em hábitos alimentares.

Figura 2 – Protagonismo de portadores da DP, cuidadores e familiares



Fonte: Acervo do Grupo de Apoio Interativo aos Portadores de Parkinson (2022).

A realização de atividades físicas, exercícios mentais e práticas complementares em saúde (dançaterapia, arteterapia e musicalização) tiveram uma boa aceitação e interatividade pelos parkinsonianos. O desejo autodeclarado da busca por melhoria na qualidade de vida revelou uma tendência de autocuidado em saúde que já vem sendo observada em outros estudos e que envolve a prática de exercício regular, ingestão diária de alimentos de maior valor nutricional, maior independência nas atividades de vida diária e a valorização da saúde mental (BLOEM; OKUN; KLEIN, 2021).

3 CONCLUSÃO

A manutenção da rede de apoio mediada pelo Grupo de Apoio Interativo aos Portadores de Parkinson mostrou-se fundamental para os participantes, principalmente por dinamizar relações interpessoais e permitir aos parkinsonianos novos significados à sua condição de saúde e à própria vida.

Além disso, o ambiente destinado às ações tornou-se palco para discussões, relatos de vivências e luta pela garantia de boas condições de saúde e qualidade de vida. Várias necessidades em saúde foram alvos de debates, porém a resiliência dos participantes em detrimento das limitações causadas pela Doença de Parkinson foi o que mais ganhou destaque durante os encontros.

Com base nesta boa experiência, sugerimos a implantação de grupos de apoio aos portadores da DP em centros universitários e/ou serviços de saúde que já forneçam assistência a esses pacientes, de modo preferencial, pois facilitará a execução longitudinal das ações e maior adesão do público-alvo. Além disso, é importante que o gerenciamento dos encontros seja realizado por uma equipe multiprofissional, com adição de novos focos de atuação e investigação científica.

REFERÊNCIAS

ARTIGAS, Nathalie Ribeiro *et al.* Evaluation of quality of life and psychological aspects of Parkinson's disease patients who participate in a support group. **Dementia & neuropsychologia**, v. 9, p. 295-300, 2015.

BLOEM, Bastiaan R.; OKUN, Michael S.; KLEIN, Christine. Parkinson's disease. **The Lancet**, v. 397, n. 10291, p. 2284-2303, 2021.

BRASIL, MEC-SESU. Plano Nacional de Extensão Universitária. **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras-2000, 2001.**

CARDOSO, Maria Cristina *et al.* Utilização das redes sociais em projeto de extensão universitária em saúde durante a pandemia de COVID-19. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 1, p. 551-558, 2021.

CHEN, Yi-Wen *et al.* Living with Parkinson's disease: disease and medication experiences of patients and caregivers. **International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being**, v. 17, n. 1, p. 2018769, 2022.

CHIONG-RIVERO, Horacio *et al.* Patients' and caregivers' experiences of the impact of Parkinson's disease on health status. **Patient related outcome measures**, v. 2, p. 57, 2011.

DO VALE, Jennifer *et al.* Grupos terapêuticos como cenário de aprendizagem na formação médica: a experiência do Grupo de Apoio Interativo aos Portadores de Parkinson-GAIPP. **Extendere**, v. 4, n. 2, 2016.

DO NASCIMENTO, Bruna Baioni *et al.* Atuação do projeto pronto sorriso

em um serviço oncológico: um relato de experiências e desafios durante a pandemia da covid-19. **Interfaces-Revista de Extensão da UFMG**, v. 10, n. 1, 2022.

DOBKIN, Roseanne D. *et al.* Barriers to mental health care utilization in Parkinson's disease. **Journal of geriatric psychiatry and neurology**, v. 26, n. 2, p. 105-116, 2013.

DORSEY, E. Ray; BLOEM, Bastiaan R. The Parkinson pandemic—a call to action. **JAMA neurology**, v. 75, n. 1, p. 9-10, 2018.

FERREIRA, Maraísa Angélica D. *et al.* A importância do planejamento estratégico para o crescimento das empresas. **Maringa Management: Revista de Ciências Empresariais**, v. 2, n. 1, p. 34-39, 2005.

ILHA, Silomar *et al.* Complex educational and care (geron) technology for elderly individuals/families experiencing Alzheimer's disease. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 70, p. 726-732, 2017.

IRONS, J. Yoon *et al.* Group singing improves quality of life for people with Parkinson's: an international study. **Aging & Mental Health**, v. 25, n. 4, p. 650-656, 2021.

KUA, Zhong Jie *et al.* How well do caregivers detect depression and anxiety in patients with Parkinson disease?. **Journal of geriatric psychiatry and neurology**, v. 31, n. 5, p. 227-236, 2018.

LEROI, Iracema *et al.* Cognitive impairment in Parkinson disease: impact on quality of life, disability, and caregiver burden. **Journal of geriatric psychiatry and neurology**, v. 25, n. 4, p. 208-214, 2012.

LINDQVIST, Daniel *et al.* Non-motor symptoms in patients with Parkinson's disease—correlations with inflammatory cytokines in serum. 2012. Disponível em: [deb_pone.0047387 1..7 \(plos.org\)](https://doi.org/10.1371/journal.pone.0047387). Acesso em: 5 Set. 2022

LOBUONO, Dara L. *et al.* Diet Quality and Nutrition Concerns of People with Parkinson's Disease and Their Informal Caregivers: A Mixed Methods Study. **Journal of Nutrition in Gerontology and Geriatrics**, v. 41, n. 1, p. 1-21, 2022.

LUBOMSKI, Michal; DAVIS, Ryan L.; SUE, Carolyn M. Health-related quality of life for Parkinson's disease patients and their caregivers. **Journal of Movement Disorders**, v. 14, n. 1, p. 42, 2021.

MICHELS, Kristi *et al.* "Dance Therapy" as a psychotherapeutic movement



intervention in Parkinson's disease. **Complementary Therapies in Medicine**, v. 40, p. 248-252, 2018.

MORAIS, Maite Barcelos *et al.* Doença de Parkinson em idosos: ingestão alimentar e estado nutricional. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 16, p. 503-511, 2013.

NUNES, Simony Fabíola Lopes; ALVAREZ, Angela Maria; VALCARENGHI, Rafaela Vivian. Doença de parkinson na atenção primária à saúde e o cuidado de enfermagem: revisão de escopo. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 56, 2022.

SHULMAN, L. M. *et al.* Non-recognition of depression and other non-motor symptoms in Parkinson's disease. **Parkinsonism & related disorders**, v. 8, n. 3, p. 193-197, 2002.

SOH, Sze-Ee; MORRIS, Meg E.; MCGINLEY, Jennifer L. Determinants of health-related quality of life in Parkinson's disease: a systematic review. **Parkinsonism & related disorders**, v. 17, n. 1, p. 1-9, 2011.

SUBRAMANIAN, Indu *et al.* Mind the gap: Inequalities in mental health care and lack of social support in Parkinson disease. **Parkinsonism & Related Disorders**, v. 93, p. 97-102, 2021.

TANSEY, Malú Gámez *et al.* Inflammation and immune dysfunction in Parkinson disease. **Nature Reviews Immunology**, p. 1-17, 2022.

ZHONG, Yuke *et al.* A review on pathology, mechanism, and therapy for cerebellum and tremor in Parkinson's disease. **npj Parkinson's Disease**, v. 8, n. 1, p. 1-9, 2022.



O JOGO DE XADREZ NO ESPAÇO DA BRINQUEDOTECA: EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E APRENDIZAGENS

Lívia Sonalle do Nascimento Silva¹

RESUMO

O presente trabalho busca relatar sobre as experiências do Projeto de Extensão Xadrez na escola: uma ferramenta lúdico-pedagógica e educativa, vinculada à brinquedoteca do CAPF/UERN. O objetivo do projeto foi difundir o jogo de xadrez e desenvolver as várias habilidades que esse jogo proporciona, como: paciência, concentração, imaginação e raciocínio lógico. Metodologicamente, optamos por utilizar uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e de campo, tendo como lócus o espaço da brinquedoteca e como corpus as observações realizadas no percurso da referida ação extensionista. Desta forma, consideramos que as atividades que envolveram todo o projeto foram bastante satisfatórias, despertando nos discentes o desejo de aprender e conseguir jogar. Destaca-se que de todas as escolas atendidas, nenhum dos profissionais responsáveis sabiam jogar xadrez. Mediante realização da ação extensionista, percebemos que o xadrez se trabalhado em parceria com as escolas vem oferecer condições para o pleno desenvolvimento dos educandos.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto de extensão; Jogo de xadrez; Brinquedoteca.

ABSTRACT

The present paper discusses the experiences in the extension project "Chess in School: pedagogical and educational playful tool in the toy library of CAPF/UERN". The main purpose of this project was to disseminate the chess game and to develop the several abilities that this game provides, such as: patience, concentration, imagination and logical thinking. Methodologically, we use a qualitative approach based on bibliographic sources, as locus we used the toy library of CAPF/UERN and as a corpus we used the observations made along the way. In this sense, we consider that the results of this project were quite satisfactory by helping to improve students' will of learning and playing chess. Also, it has been noticed that among the schools that were included in the project, none of the responsible professionals who work in these schools knew how to play chess.

During the extension project activities, it has been noticed that the chess can be used in schools when it comes to offer conditions for students' development.

¹ Professora do Departamento de Educação DE/CAPF/UERN. Mestra em Educação – Universidade Federal da Paraíba-UFPB. liviasonalle@uern.br



KEYWORDS: Extension Project; Chess game; Toy library.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho que discorremos trata-se de uma experiência vivenciada no Projeto de Extensão “Xadrez na escola: uma ferramenta lúdico-pedagógica e educativa”, vinculado à Brinquedoteca do CAPF/UERN, desenvolvido no período entre 2018 a 2020. Buscamos ainda arguir sobre a seguinte questão: como o jogo de xadrez contribuiu de forma lúdico-pedagógica no espaço da brinquedoteca?

O jogo está presente em todas as etapas do desenvolvimento humano, mas é na infância que reside sua principal importância. Através do jogo, as crianças aprendem quem são, entendem que cada um tem um papel a cumprir, e tornam-se familiarizadas com o espaço cultural e com as regras da sociedade.

Huizinga (2010) vem nos dizer que no jogo há algo que transcende as simples necessidades da vida e dá sentido à ação. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que tem como objetivo nortear a organização de conteúdos curriculares em âmbito nacional e servem de referência para orientar o professor no processo de formação dos nossos alunos e alunas, afirmam que, o fato de ser propiciado a participação em jogos de grupo também representa uma conquista tanto cognitiva, como emocional, moral e social para o estudante e ainda um estímulo para o desenvolvimento de sua competência matemática (BRASIL, 1988).

Assim, é perceptível o quanto as atividades que envolvem o jogo são necessárias para o desenvolvimento de várias habilidades. Vial (2015, p.24) acrescenta: “o jogo exerceria uma função de adaptação, de aceitação das condições sociais mais acessíveis, de participação experimentada na vida em conjunto”.

Considerando, então, as inúmeras qualidades que os jogos oferecem e a diversidade que existe, optamos em explorar no projeto de extensão, o jogo de xadrez.

O jogo de xadrez é uma prática milenar praticada há muito tempo, sendo difundida pelo mundo como um jogo para divertir e passar tempo.

Segundo Doubek (2007, p.9)

O jogo de xadrez é antiquíssimo. A sua origem remonta, talvez aos tempos pré-históricos, pois foram encontradas figuras em sepulturas pré-históricas que na opinião de arqueólogos, representam uma espécie de jogo de xadrez.

Mas hoje podemos perceber que esta atividade desempenha outras funções e habilidades, como por exemplo, o raciocínio lógico, a paciência e a imaginação. Vygotsky (1988, p.125) afirma “que jogar xadrez, por exemplo, cria uma situação imaginária”, mesmo não havendo uma substituição direta da vida real existe um alto grau de capacidade em idealizar as jo-

gadas mediante a abstração, concebida como a capacidade de resolver problemas compostos por símbolos abstratos.

O xadrez é um famoso jogo de tabuleiro que pode ser jogado entre duas pessoas. Adota um caráter de dificuldade elevada por exigir além de conhecimento das regras, o uso do raciocínio lógico que utiliza diversas habilidades mentais e estratégicas.

Vial (2015) ressalta que o xadrez exige um esforço intelectual para organização dos lances a serem feitos, favorecendo assim a um bom desenvolvimento lógico e cognitivo. Lembrando que como um bom campo de combate, o objetivo de xadrez é capturar o rei. Temos duas expressões que são bastante famosas no jogo, a primeira é xeque que Rezende (2002, p. 9) fala que essa jogada ocorre “cada vez que o rei é atacado, diz-se que o rei está em XEQUE”. Logo, o rei deve buscar uma alternativa de fuga, se livrando do xeque-mate. O xeque-mate conforme Doubek (2007) tem origem da cultura dos países de língua persa-árabe, tendo como significado rei perdido.

Muito mais do que movimentar peças, o jogo de xadrez é estratégia, cada movimento é intencional traçando metas para capturar o rei do adversário. Doubek (2007) salienta que um jogador inteligente não examina todos os lances de uma partida, pois tem consciência dos lances que são corretos e dos que simplesmente são errados. A princípio não foi fácil, pois o jogo exige o entendimento das regras, já que cada peça tem um movimento diferente, como enfatiza Rezende (2002, p. 7), “o perfeito conhecimento da importância e da utilização das diversas áreas do tabuleiro é o que vai permitir ao jogador de xadrez elaborar o seu PLANO DE JOGO para vencer a partida”, além de ter atenção nos movimentos do adversário, consiste em criar estratégias para capturar o rei adversário.

Entendemos que o jogo de xadrez pode ser realizado nas escolas como uma ferramenta lúdica, promovendo diversão, alegria e aprendizado. Nesta perspectiva, este trabalho tem como objetivo, refletir sobre as experiências vivenciadas no percurso do referido Projeto, enfatizando aspectos positivos e os desafios enfrentados.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho inspirou-se nas atividades desenvolvidas no Projeto de Extensão “Xadrez na escola: uma ferramenta lúdico-pedagógica e educativa”, vinculado à Brinquedoteca do CAPF/UERN desenvolvido no período entre 2018 a 2020.

Desta forma caracterizamos esse trabalho como uma pesquisa de campo, que segundo Lakatos e Marconi (2013) é utilizada com objetivo de conseguir informações, respostas para um problema, comprovação de hipótese sobre a temática tratada.

A brinquedoteca foi o lócus da pesquisa, e o material para o corpus se deu através das observações realizadas mediante os atendimentos do

desenvolvimento do projeto.

Como o período do projeto de extensão tem a duração de um ano, (contamos com a participação de mais de 20 participantes no primeiro ano) e replicamos para o ano seguinte (contamos com 18 participantes no ano seguinte) e assim recebíamos várias instituições, mas focamos nosso olhar sobre uma escola, aqui denominada de “Sol nascente”, pois todo mês, atendemos alguma turma da referida escola, principalmente pelo fato de ficar localizada próximo ao nosso campus. Neste sentido, todas as turmas do 2º ao 5º (crianças dos 7 aos 11 anos de idade) foram contempladas nos atendimentos. Um total de aproximadamente 120 crianças e seus respectivos professores, que somaram 08.

Sobre as brinquedotecas, são espaços educativos, de construção de saber e desenvolvimento das crianças. Santos (1995, p. 96) vem definir a brinquedoteca como:

Um ambiente criado especialmente para a criança e que possui como objetivos principais o estímulo à criatividade, o desenvolvimento da imaginação, da comunicação e da expressão bem como, incentivar a brincadeira do faz-de-conta, a dramatização, a construção, a solução de problemas, a socialização e o desejo de inventar. A brinquedoteca coloca ao alcance da criança inúmeras atividades que possibilitam a ludicidade individual e coletiva, permitindo que ela construa seu próprio conhecimento.

A conceituação elaborada por Santos sobre a brinquedoteca nos mostra o quão é propício este espaço para a prática do xadrez.

A brinquedoteca que existe no CAPF/UERN funciona como laboratório de ensino, realiza atendimentos às crianças das escolas do município de Pau dos Ferros e municípios vizinhos, proporcionando o brincar de forma livre e mediada. A mesma está ligada ao Departamento de Educação do CAPF/UERN.

As primeiras ações aconteceram no espaço da brinquedoteca e consistiram em duas formações para os membros do projeto e monitores da brinquedoteca, através de oficinas, resultando em atividades práticas e teóricas sobre o jogo. Com o propósito de articular o projeto de extensão ao ensino, também aconteceram oficinas para os discentes do curso de Pedagogia, através de inserções nas aulas do componente curricular Ensino de Matemática, e por fim, o atendimento aos alunos das escolas públicas do município de Pau dos Ferros/RN, na brinquedoteca.

Esta primeira etapa considerou a formação inicial para monitores, alunos do curso de Pedagogia e membros da brinquedoteca com a realização de oficinas para apresentação do jogo e suas características, favorecendo a troca de informação entre os membros e a prática do jogo. Com a equipe formada, era hora de colocar em prática o aprendizado. A primeira escola atendida foi a que aqui chamamos de “Sol nascente”, e da qual todas as turmas do 2º ao 5º ano foram contempladas. Além dessa escola,

todas instituições de ensino que procuraram atendimento no espaço da brinquedoteca nesse período de desenvolvimento do projeto receberam intervenção sobre o jogo de xadrez.

Os atendimentos na brinquedoteca são previamente agendados para que se possa planejar as ações de acordo com a faixa etária das crianças, destacando que na utilização do jogo do xadrez mediante atendimentos, foi perceptível o interesse de todas as crianças que por ali passavam, independente da idade ou etapa escolar. Salientando que o projeto iniciou no mês de agosto de 2018 e suas ações foram replicadas no ano de 2019, com a previsão de término para o ano de 2020, mas teve suas atividades interrompidas devido à pandemia da Covid19.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das observações realizadas, apontamos alguns resultados. Assim, as crianças que apresentavam comportamento mais agitado, eram repreendidas com frequência pelas professoras no momento do desenvolvimento dos atendimentos, mas, era também essas mesmas crianças que voltavam maior atenção ao jogo, que se concentravam na hora de jogar, ficavam atentas em cada movimento e lançavam desafios para quem já sabia jogar e até mesmo para os monitores da brinquedoteca.

Doubeck (2007) realça que o xadrez atrai todos os níveis, independente da idade, não importa se pratica o jogo como recreação nas horas de lazer ou se pretende, com o tempo, atingir a perfeição, e isso era notado na empolgação das crianças. O xadrez envolvia e atraía a todos e todas.

Durante os atendimentos com o jogo de xadrez, as crianças se mostraram motivadas e interessadas. Mas como afirma Kishimoto (1998, p.1) “Há regras externas que orientam as ações de cada jogada. Tais ações dependem [...], da estratégia do adversário. Entretanto, nunca se tem a certeza do alcance que será dado em cada passo do jogo”.

Foi também possível perceber que os professores que acompanhavam seus alunos não sabiam as regras do jogo de xadrez e tão pouco demonstravam interesse em compreender, o que a nosso ver, comprometeu a continuação da prática do jogo em sala de aula (já que pretendíamos ir até as escolas reforçar o desenvolvimento desse jogo) e consequentemente o desenvolvimento das habilidades que o xadrez pode proporcionar, atitudes que consideramos, como um grande entrave para potencializar este tipo de jogo e explorar assim suas diversas potencialidades.

De todas as turmas, de todos os professores e de todas as escolas atendidas e em especial a “Sol nascente”, os profissionais responsáveis não sabiam jogar xadrez. Não há como praticar o xadrez nas escolas se os profissionais responsáveis pela educação não sabem jogar xadrez. O incentivo deve partir inicialmente da escola, se esta não está preparada, o desenvolvimento da cultura do jogo de xadrez, tende a não progredir.

O projeto do xadrez nas escolas foi uma iniciativa da equipe da brin-

quedoteca, em incentivo à promoção de uma educação que levasse em consideração a formação integral dos indivíduos, favorecendo por meio do xadrez, o exercício do intelecto.

A seguir, o registro de alguns momentos das etapas da realização do Projeto de Extensão: *Xadrez na escola: uma ferramenta lúdico-pedagógica e educativa* ilustrando assim, alguns resultados.

Figura 1 – Oficina para os membros e monitores da brinquedoteca



Fonte: a autora (2018)

Figura 2 - Oficina para os discentes do 6º período do curso de Pedagogia no Componente Curricular Ensino de matemática.



Fonte: a autora (2018)

Figura 3 - Monitoras mostrando as regras do xadrez aos alunos e alunas.



Fonte: a autora (2018)

Figura 4- Momento do jogo de xadrez no atendimento



Fonte: autora (2019)

Figura 5 - Crianças jogando xadrez no atendimento da brinquedoteca.



Fonte: autora (2019)

4 CONCLUSÃO

Após o término do Projeto de extensão Xadrez na escola: uma ferramenta lúdico-pedagógica e educativa, ressaltamos que a proposta ora desenvolvida serviu para difundir e despertar nas crianças atendidas na brinquedoteca, uma nova consciência sobre o xadrez, potencializando os valores educacionais presentes neste tipo de jogo, como a paciência, concentração, imaginação e raciocínio lógico, servindo também como sugestão de atividades lúdicas e significativas na formação das nossas crianças, promovendo melhorias nas condições de aprendizagem do ensino em suas mais variadas formas. Destaca-se a relevância deste estudo na disseminação do xadrez no campo da educação, que se trabalhado em parceria, vem oferecer condições para o pleno desenvolvimento dos educandos.

A escola sendo um lugar privilegiado de acesso e apropriação do saber socialmente elaborado, deve ofertar possibilidades de acesso e conhecimento ao jogo de xadrez. Acreditamos ser propício o desenvolvimento de um projeto de extensão voltado para o jogo de xadrez, já que não é uma prática tão constante nas escolas da nossa região. Desta forma, por meio do referido projeto, trouxemos para a realidade dos discentes da universidade, alunos e alunas de escolas públicas municipais de Pau dos Ferros/RN, a proposta de um jogo que possibilita estimular continuamente a capacidade de pensar. Contudo, as experiências vivenciadas trouxeram aspectos positivos, como as formações e o conhecimento através de oficinas para os membros e monitores da brinquedoteca, bem como, para os discentes do curso de Pedagogia; no decorrer dos atendimentos foi perceptível a curiosidade e empolgação dos alunos e alunas pelo jogo de xadrez, mas não podemos dizer o mesmo por parte dos professores que os acompanhavam, o que destacamos como negativo, pois demonstraram indiferença e desinteresse, em que pressupomos que não utilizaram essa prática em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Matemática**. v. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/matematica.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2022.

DOUBEK, J. **Xadrez para principiantes**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

HUIZINGA, JOHAN. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2010.



KISHIMOTO, Tizuco Morchida. **O jogo e a educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**- 5. ed.- São Paulo: Atlas 2003. Disponível: [http://joinville.ifsc.edu.br/~thiago.alencar/Tecnologo_Mecatronica/TCC1/outros/Fundamentos%20de%20Metodologia%20Cien%20-%20Eva%20Maria%20Lakatos\(1\).pdf](http://joinville.ifsc.edu.br/~thiago.alencar/Tecnologo_Mecatronica/TCC1/outros/Fundamentos%20de%20Metodologia%20Cien%20-%20Eva%20Maria%20Lakatos(1).pdf). Acesso em 15 dez. 2022.

REZENDE, Sylvio. **Xadrez na escola**: uma abordagem didática para principiantes. Rio de Janeiro, RJ: Ciência moderna. 2002.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. (Coord.). **Brinquedoteca**: sucata vira brinquedo. Porto Alegre: Artes médicas, 1995.

VIAL, Jean. **Jogo e educação**: as ludotecas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.



A LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A EXTENSÃO NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

João Batista Sena Neto¹

Nádia Maria Silveira Costa de Melo²

Pedro Henrique Lopes de Melo³

Raissa da Silva Pereira⁴

Sarah Kiarelly dos Santos Silva⁵

RESUMO

O presente texto tem como objetivo principal relatar experiências advindas de uma ação extensionista de um projeto de extensão da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Foi executada de forma remota para alunos do 9º ano do ensino fundamental de 4 escolas públicas. A realização se deu por meio de uma oficina “A leitura do texto literário: de Cascudo a Saramago” que ocorreu em duas etapas. Nessas etapas, buscamos promover o ensino de literatura enfatizando um autor local (CASCUDO, 1964) e outro internacional (SARAMAGO, 1995). Partimos da concepção discente acerca de literatura, do que caracteriza um texto literário, ainda discutimos sobre gêneros discursivos e literários; poemas e poesia. Em meio ao cenário de ensino remoto emergencial, enfatizamos as competências orais e escritas dos alunos, através da literatura. As aulas foram ministradas por meio da plataforma digital do GMeet, onde foram formuladas discussões sobre os temas abordados e apresentada uma proposta de atividade. Verificou-se que a ação contribuiu para que o conhecimento dos alunos sobre literatura fosse ampliado e consolidado. Alguns produtos gerados a partir desta ação foram produção de texto escrito e oral pelos alunos e publicação e apresentação de comunicação pelos extensionistas. Por fim, a ação foi muito bem avaliada pela comunidade participante (escolas, alunos, graduandos).

1 Graduando em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Extensionista do Projeto de Extensão De língua e mãos dadas com a cidadania (UERN). Contato: joaosena@alu.uern.br

2 Doutora em Estudos da Linguagem e professora do departamento de Letras do Campus Avançado de Assu (CAA)/ (UERN). Coordenadora do Projeto de Extensão De língua e mãos dadas com a cidadania (PROEX/ UERN). Contato: nadiacosta@uern.br

3 Graduando em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Extensionista do Projeto de Extensão De língua e mãos dadas com a cidadania (UERN). Contato: henriquelopes@alu.uern.br

4 Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Extensionista do Projeto de Extensão De língua e mãos dadas com a cidadania (UERN). Contato: raissapereira@alu.uern.br

5 Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Extensionista do Projeto de Extensão De língua e mãos dadas com a cidadania (UERN). Contato: sarahkiarelly@alu.uern.br



PALAVRAS-CHAVE: Ensino; Extensão; Literatura; Competências.

ABSTRACT

The main purpose of this paper was to report experiences and results from an extension project at the State University of Rio Grande do Norte. This extension project was developed online with 9th grade students from four public schools. This project was developed by means of a workshop called "The literary text reading: from Cascudo to Saramago", occurring in two stages. In these stages, as the main goal, we promote literature teaching focused on a local author (CASCUDO, 1964) and an international one (SARAMAGO, 1995). Also, we focused on the definition of literature in order to identify what defines a literary text, also we studied literary genres like poems and poetry. Due to the remote teaching practice, we emphasized students' oral and written skills through literature. The meetings were performed online through the digital platform Google Meet and the discussions during the meeting were about the topics presented. At the end, there was an activity based on the discussion. As a result, it was possible to identify that the students had a lack of knowledge on the subject and this project contributed to improve this knowledge. Some results from this project like oral and written text production were by the students while the publication and presentation by the extensionists. In conclusion, the project was well evaluated by the community (schools, students and graduates).

Keywords: Teaching; Extension; Literature; Competences.

1 INTRODUÇÃO

As atividades acadêmicas voltadas para o ensino, pesquisa e extensão, em virtude da pandemia da Covid-19, precisaram se reinventar para adaptar-se ao contexto mundial inusitado que obrigou a adotar medidas emergenciais para que se pudesse dar continuidade às ações planejadas. Dessa forma, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) fez adesão ao ensino remoto emergencial com aulas síncronas e/ou assíncronas, auxiliadas por ferramentas tecnológicas como o Google Apps (GEmail, GClassroom, GMeet, GForms, etc), Whatsapp, entre outros, assegurando o tripé acadêmico indissociável que envolve ensino, pesquisa e extensão.

Esta proposta de caráter educativo, social, cultural e artístico visou a tecer uma possibilidade para a curricularização da extensão, em atendimento à proposta pedagógica do Curso de Letras Língua Portuguesa (DLV/CAA/UERN) como uma atividade obrigatória com vistas à formação humana de todos(as) os(as) seus participantes que parte da inserção da oferta de Unidades Curriculares de Extensão (UCEs) cuja obrigatoriedade está prevista para o ano de 2020 (cf. Art 11 da Res. 25/2017/CONSEPE/

UERN).

Por essa razão, o projeto institucionalizado “De língua e mãos dadas com a cidadania: uma proposta para ampliação da competência discursiva - edição II” (PROEX/UERN) planejou a execução das ações no formato híbrido (remoto/presencial) para atender a demanda de alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental da rede pública (2 escolas municipais e 2 estaduais) que estavam vivenciando o ensino remoto emergencial via GMeet. Assim, fizeram-se presentes por meio de encontros remotos síncronos, alunos do Ensino Fundamental-Anos Finais de três municípios e um distrito do RN (Assu, Parnamirim, Triunfo Potiguar e Pataxó).

Visto que esses alunos estavam se preparando para o processo seletivo para ingresso em cursos técnicos integrados do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), foram ofertadas dez oficinas voltadas para leitura, produção e revisão textual. Neste relato, discutiremos resultados observados durante a prática da oficina “A leitura do texto literário: de Cascudo a Saramago”. Aplicada em Triunfo Potiguar e Pataxó, contando com a colaboração de 4 professoras titulares das turmas atendidas e 2 coordenadoras do projeto de extensão, além de 6 extensionistas e a participação de 42 alunos.

A oficina parte da apresentação de autores e conceitos literários para os alunos, bem como da prática de leitura e produção de sentido (interpretação textual), proporcionando um momento agradável em meio ao desassossego causado pelo isolamento social, como medida protetiva para reduzir/impedir a disseminação do vírus.

O objetivo era auxiliar as escolas parceiras do projeto com um ensino da língua materna integrado à leitura, literatura e produção textual que viabilize a aquisição de habilidades e competências necessárias ao ensino básico. Tendo como objetivos específicos ampliar as habilidades de leitura e de escrita dos participantes; apresentar autores da literatura potiguar à portuguesa; compreender as habilidades de leitura e escrita como essenciais para o exercício pleno dos direitos civis e autonomia dos estudantes; e promover o ensino de leitura e produção textual numa perspectiva discursiva de alunos do ensino fundamental e para formação/atualização de professores (graduandos ou em serviço) viabilizando o elo entre pesquisa, ensino e extensão.

Parte-se da necessidade de ampliar o ensino de literatura nos anos finais do Ensino Fundamental, tendo em vista a demanda existente no tocante ao conhecimento dos alunos a respeito de autores luso-brasileiros, apresentando-os em específico o escritor português José Saramago e o escritor potiguar Câmara Cascudo.

O texto está organizado em 5 seções. A primeira é esta parte introdutória que apresenta o tema, objetivos entre outros. Na segunda, abordam-se os fundamentos teórico-metodológicos. Já, na seção 3, são expostos alguns resultados e discussões. E, por fim, na conclusão é evidenciada a importância da prática extensionista na formação acadêmica e humana dos

envolvidos.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Partindo do entendimento de que o “melhor produto do Brasil ainda é o brasileiro” (CASCUDO, 1964, p. 72) urge proporcionar uma educação que possibilite a autonomia dos alunos, no sentido de que contribua para a melhoria da compreensão leitora e identidade cultural, e assim aprimorar a produção escrita do gênero argumentativo artigo de opinião. Nessa ação, foi priorizado, especificamente, o gênero em sua forma de exposição literária, conforme proposto por Bakhtin (1997 p. 280-281),

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas), o relato familiar, a carta (com suas variadas formas), a ordem militar padronizada, em sua forma lacônica e em sua forma de ordem circunstanciada, o repertório bastante diversificado dos documentos oficiais (em sua maioria padronizados), o universo das declarações públicas (num sentido amplo, as sociais, as políticas). E é também com os gêneros do discurso que relacionaremos as variadas formas de exposição científica e todos os modos literários (desde o ditado até o romance volumoso).

Dentre os modos literários, há uma classificação que os distingue em gêneros: lírico, narrativo e dramático. A discussão do texto literário em seus respectivos gêneros atesta que o acesso à literatura “parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (CANDIDO, 1989, p. 112), assim é preciso que fazendo uso das bases teóricas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os alunos atuem como protagonistas principais dessa ação.

De acordo com Marcuschi (2007), trabalhar os gêneros em sala de aula promove a análise de eventos linguísticos e contribui para a prática da escrita. De encontro a isso, a oficina objetivou possibilitar a compreensão das modificações que ocorrem nos gêneros textuais, principalmente quando passados do oral para o escrito, numa participação ativa dos alunos acompanhada pelos extensionistas

No ensino de uma maneira geral, e em sala de aula de modo particular, pode-se tratar dos gêneros na perspectiva aqui ana-

lisada e levar os alunos a produzirem ou analisarem eventos linguísticos os mais diversos, tanto escritos como orais, e identificarem as características de gênero em cada um. É um exercício que, além de instrutivo, também permite praticar a produção textual. (MARCUSCHI, 2007, p. 35)

O ensino da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental - Anos Finais requer que o docente assegure práticas de linguagem que motivem os alunos a desenvolverem conhecimentos e habilidades, sempre com base na empatia e no diálogo. Nessa oficina de extensão, o desafio maior foi viabilizar

o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BRASIL, 2018, p.138)

Afinal, a formação de leitor-fruidor é uma das missões do presente e para executá-la é necessário que haja um trabalho coletivo, pois o “presente é tão grande, não nos afastemos. Não nos afastemos muito, vamos de **mãos dadas**. [...] O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente”. (ANDRADE, 2012). E a literatura é uma forma eficaz de se fazer presente e atuante.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa-ação cuja finalidade desenha-se como uma pesquisa básica e exploratória (cf GIL, 2010), de natureza descritiva e empírica. É produto de uma ação extensionista executada em salas de aula de Língua Portuguesa, do 9º ano do Ensino Fundamental, via GMeet, durante o ensino remoto emergencial e síncrono. Participaram 4 professoras titulares das turmas atendidas, 42 alunos ao todo, 2 coordenadoras do projeto, 6 graduandos e voluntários da comunidade externa.

Tendo neste trabalho, por isso, o intuito de relatar experiências. Antes do início das oficinas criamos um grupo no WhatsApp e fizemos reuniões pelo GMeet para organização e planejamento das aulas remotas, bem como para o compartilhamento de um arquivo do Google: apresentação para confecção dos slides. As aulas também foram ministradas pelo

GMeet, já os questionários de avaliação da oficina foram elaborados pelo GForms que foram respondidos ao término de cada aula pelos alunos.

As ações ocorreram por meio da oficina “A leitura do texto literário: de Cascudo a Saramago”, realizada em duas etapas. O primeiro momento se iniciou com a apresentação dos ministrantes e a acolhida com os alunos a partir do desafio: “Cite em poucas palavras um momento de alegria que você vivenciou”, introduzindo o tema trabalhado. Em sequência, foi declamado o poema “Alegria” de José Saramago e foram apresentados questionamentos sobre o texto a fim de promover um debate na sala de aula virtual. Trabalhando com a subjetividade do aluno ao praticar a interpretação textual.

Após esse momento inicial, foi estabelecida uma distinção dos conceitos de alegria e felicidade, novamente instigando a participação dos alunos ao propor-lhes que fizessem uma lista de coisas que lhes trouxesse alegria. Na sequência foi discutido acerca do que seria literatura, assim juntos construímos um conceito para literatura baseada em autores da área, ainda foram elencadas algumas de suas funções para o indivíduo e para a sociedade. Após este momento foi apresentado de forma breve a vida e a obra do escritor português José Saramago.

Outras discussões suscitadas estavam centradas quanto à caracterização de prosa e/ou verso e a diferenciação entre poema e poesia. Além disso, questionou-se o que era compreendido por literatura (afinal, o que é literatura e o que não é?), bem como suas funções. Assim foi explicado o que seria uma linguagem literária e não literária por meio da prática de leitura de um texto evidenciando a importância do “como dizer”.

Por fim, apresentamos a proposta de uma atividade em que os alunos deveriam entrevistar pessoas de suas comunidades sobre contos locais de origem oral, ou seja, os conhecidos popularmente como “causos”. Essa atividade deveria ser transcrita da oralidade para a escrita e apresentada em sala de aula.

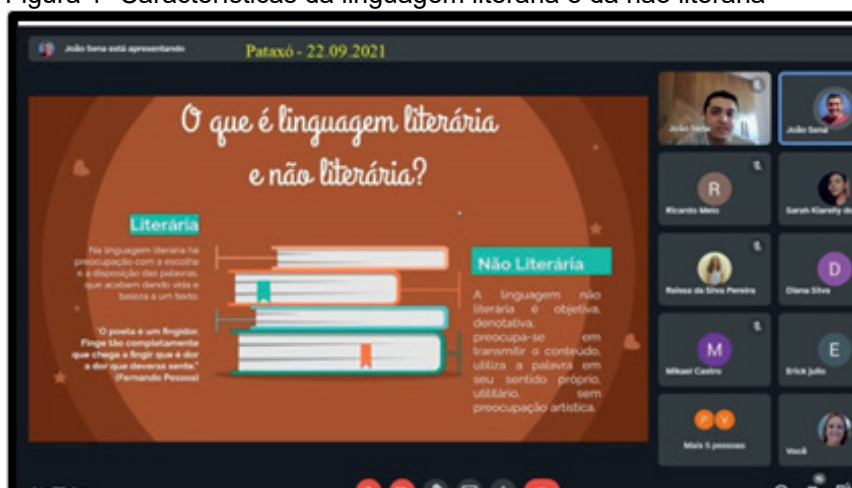
O segundo encontro foi iniciado com o retorno da atividade pedida. Os alunos socializaram com a turma os contos coletados, sendo indagados acerca dos contos de forma a possibilitar conhecer suas origens e interpretá-los. Após uma breve apresentação do autor potiguar Câmara Cascudo e do Museu Câmara Cascudo, foram apresentadas características do gênero conto e a importância do regionalismo presente nos textos de Cascudo. Na ocasião foi aplicado um quiz sobre o que foi explanado durante a aula.

As aulas eram iniciadas com música e conduzidas visando a interação, como também um momento agradável visto que acolher os alunos no contexto de isolamento social era uma prioridade. Certamente, trabalhar a literatura em sala de aula do Ensino Fundamental, em especial, contribuiu tanto para desenvolver o senso crítico tanto quanto para a formação humana desses indivíduos enquanto leitores e produtores de textos escritos.

Trabalhando com leitura, que está presente no cotidiano do aluno e em sua formação como cidadão. Tal projeto buscou ampliar o conhecimen-

to dos estudantes em relação ao seu lugar como leitores assíduos e possíveis escritores. Consolidar a importância da literatura foi um dos pilares da aula ministrada, apresentando-a no cotidiano dos discentes. Os prints abaixo são registros autorizados da ação.

Figura 1- Características da linguagem literária e da não literária



Fonte: Arquivo do projeto De língua e mãos dadas com a cidadania

A ação desenvolvida (ver figura 1) objetivou o entendimento do que é linguagem literária e quais suas particularidades, possibilitando que alunos passassem a identificar textos literários ou não literários no seu cotidiano. Já na figura (2), foi abordada a concepção de gêneros literários.

Figura 2 - Gêneros literários: o que são?



Fonte: Arquivo do projeto De língua e mãos dadas com a cidadania, 2021.

Nessa ocasião (figura 2), marca-se o momento em que se discutiu a compreensão dos alunos acerca dos gêneros literários, estabelecendo a diferenciação que os classifica em: gênero lírico, narrativo e dramático. Tra-

balhando-se, posteriormente, principalmente, com os dois primeiros. Na figura (3), há o registro da apresentação da biografia de um dos autores propostos para a oficina.

Figura 3 - De Portugal - o escritor José Saramago



Fonte: Arquivo do projeto De língua e mãos dadas com a cidadania, 2021.

A figura (3) evidencia a imagem e uma breve biografia do escritor José Saramago. Alguns de seus textos foram trabalhados durante as aulas de modo que os alunos pudessem ampliar seus conhecimentos literários por meio da obra desse escritor. Por fim, nesta seção apresentamos os recursos metodológicos aplicados na execução extensionista. Na seção seguinte, apresentamos resultados e discussão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o término das aulas foram compartilhados links pelo chat do GMeet com questionários produzidos no GForms para que os alunos pudessem avaliar a ação. Essa avaliação foi mensurada como positiva. Por meio das respostas ao questionário aplicado ao final da aula sobre a compreensão do conteúdo abordado e sobre dúvidas acerca do tema debatido, como se pode observar no retorno de (1) a (3).

- Boaa! (participante a)
- Entendi tudo. Parabéns (participante b)
- A aula foi ótima, foi compreensível sim! (participante c)

A participação dos alunos durante as aulas também foi satisfatória, tanto recorrendo ao microfone para responderem e comentarem oralmente quanto pelo chat através de respostas e comentários escritos. Ainda sobre os questionários respondidos, ao serem questionados sobre o que mais gostaram das aulas e sobre o que queriam aprender mais, algumas das

respostas atestam a participação da turma: a) _ Literatura (participante d)/ b) _ Poema e poesia (participante e); e c) _ Adorei os poemas, e quero saber mais sobre o autor (participante f).

Dessa forma, o intuito de trabalhar com literatura em sala de aula, evidenciando tanto a oralidade quanto a escrita ao trabalharmos com contos de origem oral e poemas escritos foi concretizado. Apresentando autores e conceitos literários, na prática da leitura e interpretação textual, contribui-se para a formação acadêmica e pessoal dos alunos.

Partindo dessa perspectiva, vale salientar o que alguns participantes do projeto de extensão e ministrantes das aulas já descritas previamente consideraram como principal aprendizado da ação, algo debatido em reunião pelo GMeet, do (4) ao (6).

- Acho interessante perceber como elementos multimídia chamam atenção dos alunos, sejam vídeos ou música que proponham alguma leitura mais reflexiva (participante g)

- É preciso que o docente indague o aluno, que converse com ele e o escute. Assim é possível mostrar que ele lê, escreve e fala bem, podendo sempre aprender algo novo (participante h)

- Acredito que foi positivo apresentar aos alunos dois autores de origens diferentes, um potiguar e um português, afinal, não há só uma forma de fazer literatura (participante i)

Com isso, notamos o envolvimento tanto dos extensionistas quanto dos alunos das escolas parceiras da UERN nesse projeto. A participação atuante da universidade na comunidade abrange, entre outros meios, a prática extensionista. A relevância da extensão está, sobretudo, na consolidação da formação dos graduandos relativo à sua inserção no chão da escola para que se conscientizem das atribuições de um docente e o funcionamento de uma sala de aula no cotidiano. Além disso, do retorno à sociedade. No campo das licenciaturas, valorizamos e contribuimos para um ensino público de qualidade.

4.1 Histórias orais coletadas

A partir da aula sobre os escritores José Saramago e Câmara Cascudo, os alunos puderam perceber que eles escreveram sobre temas do conhecimento deles, que retratam o lugar e cultura de onde vieram. Conjuntamente com a abordagem dos contos orais, foi proposto que os alunos coletassem histórias de sua comunidade e as transcrevessem. Tendo como resultado textos como os títulos abaixo, seguido da codificação dos nomes dos autores: a) Entidade ou não? (FR); b) Momentos de pânico (E); c) Histórias de escola (FT); e, d) O bisavô da minha mãe (VS)

Foi possível a partir do exercício perceber que os alunos pesquisaram no lugar em que vivem as histórias que por ali perpassam entre as gerações, como em “Entidade ou não?” e “Bisavô da minha mãe”, que retratam mitos e lendas, além de causos familiares. Bem como impuseram

sua autoria ao transcrever essas narrativas da oralidade para a escrita e fazerem uso de suas próprias experiências, como em “Momentos de pânico” e “Histórias de escola”. Proporcionando num momento de quarentena que eles se conectassem às pessoas e cultura local, aprendendo e exercitando a criatividade. Fazendo-os além de conhecer o trabalho de autores já prestigiados, como José Saramago e Câmara Cascudo, perceber que a escrita como arte também pode ser desenvolvida pelo exercício da prática.

4.2 Quiz literário

Foi aplicado um quiz abordando os temas das aulas, possibilitando com isso que fosse possível ter uma compreensão maior do que os alunos absorveram do que lhes foi passado durante as aulas e as atividades bem como do que ainda precisa ser melhor explicado ou abordado de forma mais aprofundada.

A primeira questão versava sobre a identificação do gênero que não é comum ser escrito em prosa, 95% das respostas apontaram o poema. Apenas 5% responderam inadequadamente (fábula, conto ou crônica). No tocante à segunda questão, buscava saber sobre quem teria sido o primeiro escritor de Língua Portuguesa a ganhar o prêmio Nobel. Esta pergunta gerou mais dúvidas, de forma que 70% responderam que foi José Saramago, a resposta certa; e, 30% responderam outros (Ariano Suassuna, Câmara Cascudo ou Machado de Assis).

Outra questão, era sobre a fama do vaqueiro Quirino que obteve 96% de acertos para o fato de ele não mentir. Por fim, questionou-se sobre o maior legado de Câmara Cascudo centrou-se na cultura popular e no folclore, com um percentual de 60% de acertos.

5 CONCLUSÃO

A partir da experiência vivenciada na pandemia, ficou clara a importância da aproximação universidade-escola para todos os envolvidos. Além de tratar de conteúdos da língua, cuidou-se da autoestima dos alunos isolados na ocasião emergencial do ensino remoto. Assim a ação extrapolou assuntos da vida da escola ao tratar de assuntos da escola da vida; Nesse sentido ocorreu a prática da leitura e da interpretação textual a partir de textos literários, instigando-se os alunos a conhecerem autores da literatura local e mundial por meio de gêneros tanto na modalidade escrita quanto na oralidade.

Nesse momento de pandemia devido à Covid-19, a ação extensionista pode ir até a casa dos alunos com aulas de qualidade sobre um tema, ao que parece, pouco discutido em salas de aula de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. Assim a literatura proporcionou não apenas conhecimento teórico, mas acolhimento e conforto durante o período de isolamento social e aulas virtuais. Nesse contexto, cada um de sua casa e de sua

cidade se encontrava para discutir literatura entrelaçada com palavras de esperança de que voltaríamos ao convívio, como foi ocorrendo ao final do projeto, o retorno do ensino presencial ou híbrido.

Embora esse não fosse o objetivo principal dessa oficina, em específico, sua execução também contribuiu para a preparação dos alunos para o processo seletivo para ingressar nos cursos técnicos integrados do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), visto que uma parte da prova é dedicada a Língua Portuguesa e que a interpretação textual contribui para o entendimento das questões de modo geral, bem como as obras literárias vistas servem como repertório sociocultural.

Ademais, promover a iniciativa da pesquisa por parte dos alunos através da atividade proposta de coletar contos orais em suas comunidades contribuiu para o reconhecimento da sua cultura que é parte integrante da sua identidade. O que foi evidenciado com a escolha dos autores apresentados, o português José Saramago e o potiguar Câmara Cascudo, em suas semelhanças e distinções ao contar histórias. O fazer literário pôde ser entendido como algo possível independente da origem, dado que os alunos escreveram a partir de sua compreensão e “forma de dizer” as histórias que pesquisaram.

Pode-se afirmar que os objetivos previamente estabelecidos foram alcançados e que o viés dinâmico das aulas promoveu uma genuína interação entre ministrantes e alunos. Os textos lidos auxiliaram na compreensão do tema, o que promoveu uma consolidação dos conhecimentos prévios dos estudantes, dando destaque a individualidade de cada um deles.

Por fim, a extensão colabora para a formação acadêmica dos envolvidos e é imprescindível para a sociedade, atendendo as necessidades percebidas, na medida do possível, ao articular ações com planejamento e diálogo. Apesar do contexto de isolamento social que condicionou a realização dessa oficina, assim como das demais, ao ambiente virtual, foi possível superar as adversidades mantendo o comprometimento com a formação humana e com um ensino público de qualidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. Mãos dadas. In: ANDRADE, Carlos Drummond. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: FESTER, Antonio

Carlos Ribeiro; et al. **Direitos humanos e... medo, AIDS, anistia internacional**. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CASCUDO, Camara. Entrevista com Câmara Cascudo. In: BLOCH Pedro. **Revista Manchete**. Edição nº 619, de 29.02.1964, Rio de Janeiro. Disponível em <https://coleccionadordesacis.com.br/2020/07/12/cascudo-manchete/> Acesso em: 26 dez. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. 5.ed. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2007

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



EDUCAÇÃO EM SAÚDE E A HIGIENE NA PRIMEIRA INFÂNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Janilene da Silva Siqueira¹

José Antonio da Silva Júnior²

Álvaro Micael Duarte Fonsêca³

Ellany Gurgel Cosme do Nascimento⁴

RESUMO

A saúde e a educação encontram-se cada vez mais associadas na parceria pelo processo de ensino-aprendizagem eficaz. As crianças estão imersas em várias mudanças sociais, psicossomáticas, físicas, sendo a necessidade do autocuidado e da higienização multifacetada uma crescente demanda a ser inserida na escola, contexto no qual se insere o papel da extensão universitária e da força motriz discente. O presente trabalho possui como objetivo relatar a experiência extensionista no Projeto Ensinando Crianças Aspectos de Higiene, tecendo análises acerca das colaborações formativas dessa vivência para o universitário e para as crianças. As vivências desenvolvidas nos quatro eixos foram frutíferas, por via do mecanismo de contrapartida feito pelos alunos, para avaliação do impacto final das ações. Notou-se no público infantil o desenvolvimento maior de habilidades múltiplas do conceito de higienização, de forma a modificar a perspectiva de enxergar a si, ao outro e o ambiente. Como limitação do presente trabalho, evidencia-se que os eixos de saúde mental e comportamental poderiam ser trabalhados de forma mais potencializada, o que foi comprometido pela restrição aos vídeos em razão do período pandêmico. Apesar do cenário imposto, considera-se que houve importantes contribuições para a troca de conhecimentos entre o público envolvido nesse processo, com o auxílio de artifícios audiovisuais para aproximação universitária e sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Higiene; Educação em Saúde; Educação Infantil; Desenvolvimento da Criança.

1 Graduada em Medicina pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. janilenesiqueira@alu.uern.br.

2 Mestrando Bolsista do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Sociedade da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Graduado em Enfermagem – Universidade Federal de Campina Grande. antoniodasilva@alu.uern.br.

3 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Sociedade da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Graduado em Psicologia – Universidade Potiguar. alvaroduarte@alu.uern.br.

4 Docente da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutora em Ciências da Saúde – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. ellanygurgel@uern.br.



ABSTRACT

Health and education are associated in order to have an effective teaching and learning process. In addition, children are immersed in various social, psychosomatic and physical changes, which makes self-care and hygiene habits a demand to be taught in schools. In this context, the extension project and the university has become increasingly important. The present paperwork aims to report the experience in the extension project "Teaching Children Aspects of Hygiene". We analyze the formative collaboration as a result of this experience and its impacts on university students and children. The experiences developed in the four axes were fruitful, through the mechanism made by the students to evaluate the final impacts of their actions. It has been noticed that children were capable of the development of multiple skills of hygiene habits, in order to change the perspective of seeing themselves, the other and the environment. Also, the present study had some limitations, it is evident that the mental and behavioral health could be worked on in a more potentiated way, which was compromised by the restriction to videos due to the Corona Virus pandemic. Despite the imposed scenario, it is considered that there were important contributions to the exchange of knowledge between the public involved in this process with the aid of audiovisual devices to bring universities closer to society.

Keywords: Hygiene; Health Education; Child Education; Child Development.

1 INTRODUÇÃO

Na intenção de melhoria da qualidade de vida da população, saúde e educação possuem um elo importante a ser instrumentado em prol do entorno social (CARVALHO, 2015). Nesse raciocínio, as crianças, imersas na conjuntura de escolarização e educação familiar e social, estão em um período de desenvolvimento crítico para a formação humana, havendo inúmeras variáveis, inclusive socioeconômicas, que moldam a saúde infantil. Tal manifestação de cuidado é refletida na atenção, por exemplo, da higiene pessoal nos rituais diários de banho, escovação dos dentes, manipulações e limpeza da pele e de seus anexos (RAMOS *et al.*, 2020).

Para a imersão dessas crianças na jornada formativa de cuidado integral à saúde, faz-se necessário lançar mão de métodos ativos de ensino para tornar o conhecimento atrativo e fornecer bases para os saberes elementares de um tema, aspecto que pode ser utilizado em várias esferas da escolarização (QUEIROZ *et al.*, 2020). Isso porque os temas que permeiam as doenças infecciosas e parasitárias, envolvem coletividade e imbricam-se no campo também das desigualdades sociais, infraestrutura escassa e aglomerações humanas, o que mostra a premência da adoção de vivências educacionais nas instituições escolares para favorecer a criação de um cuidado dentro das possibilidades humanas e territoriais presentes



(DOS SANTOS; TEIXEIRA; PEREIRA, 2019).

A sensibilização da criança em si não se configura tarefa fácil, dessa maneira, o usufruto de vídeos, jogos didáticos, danças e dinâmicas grupais bem como tarefas práticas dinamizam o processo de construção dos saberes teóricos necessários à vida prática (DOS SANTOS; TEIXEIRA; PEREIRA, 2019). Trata-se de promover o que se denomina aprendizagem significativa, quando o conhecimento que até já existia antes sobre algo, passa por um processo de atualização e ampliação dinâmica do conteúdo, atribuindo-se ressignificação a esse cenário (MACHADO; ELIAS, 2021). Nesse prisma, dar a dimensão do aprendizado ao palco do lúdico potencializa a fixação, estimula o aluno a buscar mais, promove interações entre pares, o que, provavelmente, em uma aula mecânica de caráter expositivo, não ocorreria em sala de aula (BARROS *et al.*, 2020).

A justificativa deste trabalho se dá pela importância de tratar deste assunto a partir da infância, tendo em vista que isso pode influenciar na manutenção da prevenção de doenças infecciosas e parasitárias, além de formar um futuro adulto mais consciente sobre as questões de higiene. Assim, pavimenta-se a construção central de uma cidadania consciente e empoderada relativamente aos direitos e deveres deles.

Nesse âmbito, é central o papel do estudante da graduação como agente multiplicador do conhecimento nos meios sociais de inserção, sendo que propagar conhecimento em saúde é propiciar serventia à sociedade do conhecimento construído dentro dos muros acadêmicos. O objetivo deste artigo é relatar a experiência extensionista no Projeto Ensinando Crianças Aspectos de Higiene (ECAH), tecendo análises enquanto discente acerca das colaborações formativas dessa vivência para o universitário e para as crianças.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Este relato de experiência foi elaborado a partir das vivências no ECAH, composto por discentes de Medicina, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), durante o ano de 2019 e início de 2020. A experiência foi vivenciada no município de Mossoró, localizado na mesorregião do Oeste Potiguar. O público-alvo foi constituído por cerca de 250 alunos de uma Unidade de Educação Infantil (UEI), com idades entre 2 e 5 anos.

Foram desenvolvidas atividades práticas e teóricas de forma presencial e atividades remotas a partir do início da pandemia da COVID-19, contemplando os quatro eixos que englobam o real conceito de higiene, sendo eles a higiene alimentar, mental, pessoal e comportamental.

2.1 Atividades realizadas presencialmente

2.1.1 Ação: Brincando com sementes e areia

Essa ação foi planejada para ser desenvolvida em três momentos e que compreenderam a realização de brincadeiras, diálogos educativos e plantio. Inicialmente, foi solicitado que as crianças se dispusessem de modo a formar um grande círculo no canteiro da instituição de ensino. Posteriormente, ao som de músicas infantis, iniciou-se uma conversa descontraída com esses escolares, questionando-os sobre os alimentos de sua preferência e em seguida elucidando acerca das qualidades nutritivas ou prejuízos à saúde.

Dando sequência, foi proposto que as turmas seguissem em busca de quatro imagens de alimentos saudáveis e não saudáveis que haviam sido previamente impressas e espalhadas no espaço da UEI. Ao final da dinâmica, as imagens foram expostas, sendo novamente abordada a importância do consumo de alimentos saudáveis, como frutas, legumes e verduras e os que deveriam ser evitados, como fast-food, chocolate e pizza, relembrando a máxima de descascar mais e desembalar menos.

Para finalizar as atividades, foram usadas imagens de sementes, terra, chuva, sol e plantas com o objetivo de esclarecer previamente quais substratos são necessários para o seu pleno desenvolvimento. Após disponibilizar uma base teórica de maneira didática e lúdica, formaram-se grupos que observaram o plantio da muda de acerola e de sementes de tomate no espaço designado pela coordenação da UEI, além de participarem ativamente no espalhar da terra, no semeio e na irrigação, sendo acordado que as crianças seriam responsáveis por cuidar e garantir o crescimento adequado de tudo que havia sido semeado naquele dia.

Na educação infantil, as crianças criam suas preferências alimentares, assim, quando se oportuniza aprender a escolher os alimentos mais saudáveis, o risco de desenvolverem, ao longo da vida, doenças cardíacas, diabetes, deficiências imunológicas, obesidade, entre outras, é reduzido (GIARETTA, 2020). Tais premissas refletem o real objetivo do eixo de higiene alimentar do ECAH, por meio do cultivo do interesse pelos alimentos saudáveis, através do desenvolvimento de atividades que propiciem a construção desse conhecimento e a mudança de hábitos alimentares, sobretudo, pelo interesse de se alimentar do que cultivaram com suas próprias mãos.

Durante a realização das atividades manuais de plantio, foi notório o interesse e expectativa das crianças frente ao trabalho realizado, que os permitiu explorar diferentes texturas, cores e socializar em um ambiente fora da sala de aula. Isso constrói e solidifica o entendimento de que o plantio, o regar e o cuidado geram, logo, a colheita de bons frutos do trabalho realizado. Ademais, desenvolve-se o sentimento de responsabilidade frente à tarefa que lhes foi incumbida. Percebe-se que todo este trabalho, quando iniciado na primeira infância, melhores serão os resultados de sensibilização, respeito e valorização da natureza. Assim, percebe-se que não

há idade exata para semear as sementes do bem (RAMBO; ROESLER, 2019).

2.1.2 Teatro com tema: alimentação saudável x não saudável

Dando seguimento à abordagem do eixo de higiene alimentar, foi desenvolvida uma peça teatral que simulava uma fazenda e narrava a história de dois fazendeiros vizinhos, sendo um deles muito mal-humorado, que não gostava ou não se importava em ter uma alimentação adequada, tentando destruir a plantação orgânica do seu vizinho e convencendo-o a abandonar o estilo de vida saudável, pois, segundo ele, comidas gordurosas e industrializadas eram bem mais saborosas e interessantes.

Esse artifício lúdico foi desenvolvido para educar as crianças a respeito da importância de desenvolver bons hábitos alimentares e ensinar na identificação dos alimentos mais indicados para garantir o desenvolvimento saudável.

2.1.3 Cinema sobre higiene pessoal

Tal momento de lazer e aprendizagem consistiu na apresentação de três vídeos, selecionados pelos extensionistas, com o tema de higiene pessoal, os quais abordavam de forma didática a maneira correta de realizar atividades de higiene diárias como escovar os dentes, o banho e a necessidade da lavagem correta e frequente das mãos e não somente antes das refeições.

Dando sequência à ação, foram apresentados painéis contendo imagens ilustrativas do passo a passo da realização da higiene pessoal, questionando as crianças se elas realizavam da forma correta e solicitando que reproduzissem as técnicas ensinadas, para que, dessa forma, fixassem melhor os hábitos de higiene pessoal.

2.2 Atividades realizadas remotamente

A pandemia acarretada pelo SARS-CoV-2 no início do ano de 2020 caracterizou-se como um grande desafio a ser transposto, tendo em vista que, com o distanciamento social, as visitas presenciais à UEI foram suspensas, sendo necessário adaptar todas as atividades previamente planejadas aos moldes do ensino à distância.

A pandemia proporcionou um cenário no qual os ensinamentos concernentes ao tema de higiene se fizessem substancialmente necessários e oportunos. Dessa forma, optou-se pela elaboração de 11 vídeos, contemplando todos os eixos do projeto, enviados um por semana e com a solicitação de feedback para avaliar o impacto da ação, alguns desenhos foram produzidos pelas crianças.

2.2.1 Higiene pessoal

Em primeiro plano, uma produção audiovisual apresentou a boneca Baby, interpretada por uma extensionista e já conhecida pelas crianças durante as ações presenciais, ensinando acerca da higiene bucal por meio de ilustrações de dentes saudáveis e dentes “doentes” em decorrência das cáries causadas por alimentação ruim e itens indispensáveis na escovação como o creme dental, a escova e o fio-dental. De maneira interativa se explica a forma correta de realizar a higiene de toda a cavidade oral. Foi solicitado o envio de fotografias feitas pelos pais enquanto as crianças escovavam os dentes e aplicavam os conhecimentos adquiridos.

Em segundo plano, foi desenvolvido um vídeo com abordagem teatral que apresentava dois personagens representados por fantoches chamados Ursinho e Soninho. Ao longo dessa produção, abordou-se de maneira divertida a lavagem das mãos e o quão esse simples ato se fazia importante e necessário em tempos de pandemia. Para avaliar o impacto dessa atividade visual, as crianças deveriam criar fotos ou vídeos realizando a lavagem das mãos e envio posterior como forma de interação com o projeto.

2.2.2 Higiene alimentar

Dentro das mídias abordando a alimentação, uma narra a história intitulada “A cesta de dona Maricota” de forma interativa, fazendo uso de ilustrações de frutas e vegetais que foram impressas e afixadas em palitos de madeira para criar os personagens que ensinaram as crianças premissas fundamentais por meio dos próprios diálogos. Isso gerou esclarecimentos sobre os benefícios de cada alimento e as diversas formas que eles podem ser inseridos na alimentação diária.

A obra “O Capitão Saúde e as crianças em: a limpeza dos alimentos” apresenta uma história contada por meio de desenhos, em que o Capitão Saúde e seus amigos ensinam a razão de se higienizar os alimentos antes de ingeri-los nas refeições e como devem realizar essa limpeza, levando à compreensão interativa que os alimentos podem conter microrganismos nocivos à saúde que precisam ser eliminados.

O propósito central dessas construções visuais foi proporcionar uma ferramenta que levasse as crianças a fixar melhor as informações, o que os torna pertencentes da própria história, logo, desperta o estímulo para uma alimentação saudável, principalmente durante o isolamento propiciado pela pandemia, que estabeleceu uma conjuntura desfavorável ao cuidado em saúde. Como feedback para o ECAH, foi solicitado o envio de fotografias feitas quando a criança ingeriu alguma fruta ou vegetal apresentado no vídeo e auxiliasse seus pais a realizar a correta higienização dos alimentos.

2.2.3 Higiene mental



Para abordar o tema de higiene mental, construiu-se uma narrativa interativa por meio do uso de um urso de pelúcia e alguns cartazes para estimular o contato das crianças com os seus jogos preferidos, tendo em vista que, durante o período de pandemia, muitas dessas brincadeiras foram impossibilitadas devido ao distanciamento. Sendo assim, requisitou-se a confecção de desenhos relacionados às brincadeiras preferidas, com a intenção de estimular o desenvolvimento cognitivo, devendo, em seguida, enviar fotos desses desenhos para o ECAH.

Dando seguimento às atividades do eixo de saúde mental, foi construído um vídeo que apresentava a personagem Borboleta da Natureza ensinando técnicas de meditação por meio de imagens e alguns sons relaxantes como o do mar, da cachoeira, entre outros. Dessa forma, esperava-se que as crianças e os pais aprendessem a controlar a ansiedade exacerbada pela pandemia por meio de técnicas de respiração e relaxamento propiciadas pela meditação.

2.2.4 Higiene comportamental

Elaborou-se uma mídia educativa intitulada “Dia da generosidade” com o propósito de fomentar o altruísmo entre colegas pares e despertar a reflexão acerca até mesmo das desproporcionalidades socioeconômicas existentes ao redor. Isso ocorreu através da separação de roupas e brinquedos pouco utilizados pelas crianças para que pudessem presentear outras crianças que vivem com muito menos e ficariam muito felizes em recebê-los. Sendo assim, foi solicitado que as crianças realizassem essa escolha, incentivando-os a ter compaixão e a partilhar, além de valorizar mais aquilo que possuem. Em seguida, deveriam deixar tudo separado para o período em que a entrega das doações pudesse ser realizada.

Outro instrumento midiático, nomeado de “Empatia com o morceguinho bobo”, utilizou-se de personagens lúdicos para retratar uma história que aborda a importância das relações sociais. Espera-se, assim, que as crianças compreendam a avaliação de todos os pontos de vista sobre vários aspectos da vida que podem partir de diferentes pessoas, objetivando, para além da generosidade, a paciência multifacetada em analisar e respeitar a perspectiva do outro em suas ações diárias, juízos de valor e maneiras de ser.

Foi confeccionada e disponibilizada uma tabela de comportamento, para que os pais ou responsáveis realizassem o acompanhamento comportamental dos filhos e ao final do dia desenhassem um sol feliz para representar bom comportamento ou uma nuvem com chuva e triste representando um mau comportamento.

A partir disso, se ao final da semana fosse constatado que a criança havia apresentado um bom comportamento, receberia uma recompensa, no entanto, se apresentasse um mau comportamento, seria explicado as

suas consequências e que mais uma semana seria dada para que essas ações fossem corrigidas. O objetivo desta ação foi aperfeiçoar o olhar dos pais ou responsáveis acerca dos modos da criança, de maneira a auxiliá-los no ensinamento de bons hábitos e concomitantemente desenvolver uma associação entre a ação e sua respectiva consequência para as crianças.

A infância e a adolescência potencialmente possuem um papel de modular os vínculos entre indivíduos e arquitetar novas modalidades de papéis coletivos, e esse cenário pressupõe transferência à vida adulta, seja por empoderamento sobre as condições de saúde e sua própria saúde ou mesmo a ausência de conhecimento sólido e factível sobre a saúde e suas nuances (QUEIROZ *et al.*, 2020).

2.3 A importância das dinâmicas integrativas no crescimento e desenvolvimento das crianças

O público infantil tem diversas peculiaridades, o que pode tornar difícil a interação e a conquista de confiança, criando uma relação que facilite ao médico examinar, conversar, explicar de forma lúdica e principalmente, ter a sensibilidade e criatividade necessárias para fazer uma criança deixar de lado o medo do médico e conseguir se abrir tornando a relação médico-paciente produtiva e sem traumas (BALDIVIA *et al.*, 2018).

As vivências em pedagogia são cenários também de viés reflexivo, sendo que, diante das transformações da contemporaneidade, é necessário pensar e repensar o aprendizado na perspectiva de construção do subjetivo, onde todos os envolvidos fazem-se coparticipes (FREIRE; BRANCO, 2016). Nota-se o anseio por trabalhos coletivos na dinâmica infantil, valorizando o momento com pessoas diferentes, que se apresentam como “novidade” colaborativa, o que traz a oportunidade de utilização do viés curioso e engajado da criança para a proposta de ensino e aprendizagem acerca dos hábitos saudáveis e adequados de higienização corporal, mental, alimentar e comportamental.

Dessa forma, é notório o benefício mútuo, tanto para o extensionista que recebe a possibilidade de conviver, entender e interagir com o público-alvo, quanto para aqueles que ganham a possibilidade de abandonar a rotina, muitas vezes, repetitiva e teórica da sala de aula para vivenciar atividades práticas que possibilitem paralelamente a diversão o aprendizado. Cada sorriso, abraço e carinho espelham a pureza das crianças e caracterizam-se como mola propulsora do ECAH.

2.4 O papel da atividade extensionista na construção do profissional de Medicina

Ao longo da graduação no Curso de Medicina, é possível perceber que o contato e interação dos discentes com a comunidade, em geral, é

escasso, e isso ocorre em decorrência dos diminutos campos de estágio, fazendo com que essa interação mais direta seja realmente efetiva apenas durante o estágio obrigatório na forma de internato, o que caracteriza os projetos de extensão uma importante alternativa no preenchimento dessas lacunas (HAMAMOTO FILHO, 2011).

Dessa maneira, a participação dos discentes em projetos que possibilitam o contato médico-paciente de forma precoce é de suma importância para a formação médica, de modo a auxiliar na construção de um profissional humanizado, que saiba dialogar e se fazer entender por todos os pacientes das diferentes esferas sociais e faixas etárias (SANTOS; VÉRAS, 2021).

A diversificação de conceitos e práticas de ensino, inclusive quando essas experiências ocorrem por meio de profissionais de saúde que adentram a esfera escolar, pressupõe a presença da figura desse trabalhador ou mesmo um estudante, que esteja na instituição de ensino para além de apontamentos diagnósticos e categorização de crianças nas variedades de entidades nosológicas (SANCHES; TEODORO, 2006).

Extrapolando os limites físicos da universidade e do academicismo médico, em seus juízos teóricos e tendentes à burocracia, inserem-se as situações da vida concreta, quando o discente se insere no seio comunitário, despidendo-se do viés científico exclusivo, de forma a sintonizar a oferta e a recepção da sabedoria com o seu entorno, cuidando para além da dimensão biológica, capaz de ver a individualidade e o lado subjetivo dos sujeitos (TOUSO et al., 2021).

Sendo assim, para além dos objetivos iniciais das ações e da proposição do trabalho, exibiu-se expressamente a visão das crianças acerca dos extensionistas ali presentes, onde se visualizou não somente a “persona” estudante extensionista, mas, sobretudo, a materialização da figura do cuidador. Tal proteção percebida pelo público-alvo configura-se como uma pessoa que ensina, orienta e conduz caminhos, sendo reconhecido pelas crianças sob a forma de desenhos, frases e gestos, nos quais se mesclam gratidão, alegria, senso de coletividade, reconhecimento e acolhida.

De modo geral, tais experiências permitiram colocar em prática conhecimentos prévios e ao mesmo tempo desenvolver novos, preparando para saber orientar todos os tipos de pacientes, saber orientar os pais a respeito do que precisa ser feito, mas também saber conversar na linguagem lúdica das crianças sobre o que elas devem fazer e o porquê tais orientações serão benéficas.

Para além das benfeitorias inerentes ao ato extensionista, tais vivências ecoaram em maior humanidade, empatia e senso de coletividade, exibindo lugares e realidades não conhecidas pelos extensionistas, o que, inegavelmente, colabora para uma maior completude profissional e pessoal futura.

2.5 Modelo de ensino remoto x ensino presencial

No que tange a avaliação do processo de ensino-aprendizagem durante o período pandêmico, é importante reconhecer que os desafios são imensos, dentre eles, podemos destacar que as ferramentas remotas precisam ter parâmetros de qualidade, para que tenham maior eficácia, e que as desigualdades de acesso às tecnologias, são enormes, haja vista que nem todas as crianças têm computador ou tablet conectados à internet (CORDEIRO, 2020).

Dessa maneira, foi notório o prejuízo acerca da avaliação do impacto das atividades de intervenção, tendo em vista que, no modo presencial era possível obter essa resposta simultaneamente ao processo de desenvolvimento e aplicação da metodologia planejada, já na forma remota esse julgamento limitou-se, em sua maioria, a desenhos e fotos, que algumas crianças sequer dispunham das tecnologias necessárias para produzir.

Sabe-se que inúmeros dilemas da sociedade envolvem questões de renda, emprego, moradia, alimentação, entre outros, e a higiene pessoal toma corpo como um aspecto a ser ensinado mais na educação não-formal, aquela que ocorre no cotidiano. O diálogo entre educação e saúde perpassa a ideia crescente de que essa parceria ajuda na resolução de problemas sociais (RAMOS *et al.*, 2020).

As ações de saúde realizadas nas instituições escolares modificam o cenário local, sendo necessário o preparo dos profissionais de saúde e estudantes para dialogar e interagir adequadamente com esse público-alvo. Trata-se da promoção de saúde no adentramento dos espaços coletivos de cuidado, que, sem dúvidas, inclui o âmbito da escola, enquanto espaço social e formativo do ser (CARVALHO, 2015).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências ocorridas durante o período deste relato foram impactadas diretamente pela pandemia da COVID-19 na perspectiva dos extensionistas e das crianças participantes das ações. Apesar do cenário imposto, considera-se que o desenvolvimento de artifícios audiovisuais, foram primordiais como uma ferramenta de aproximação da sociedade para a construção e troca de conhecimentos e experiências.

Como limitação do presente trabalho realizado, constata-se que houve uma insuficiência no que tange à abordagem dos eixos de saúde mental e comportamental, o que se deve, em partes, ao cenário pandêmico da COVID-19, restringindo a atuação nesses eixos ao viés de utilização de vídeos, ou seja, da perspectiva remota de extensão.

Assim, em trabalhos e ações a posteriori, são cabíveis maiores adensamentos nesses eixos e a inserção de novos eixos, como o sexual e reprodutivo e o racial, na medida em que essas temáticas estão inseridas



na desconstrução e reconstrução ideológica de conceitos socialmente e formados.

REFERÊNCIAS

BALDIVIA, G. C. et al. Projeto Hospital Ursinho como estratégia educacional para desenvolvimento de habilidades de comunicação durante a formação médica. **Archivos en Medicina Familiar**, v. 20, n. 2, p. 49-58, 2018. Disponível em: <https://www.medigraphic.com/pdfs/medfam/amf-2018/amf182c.pdf>. Acesso em: 27 set. 2022.

BARROS, L. R. C. et al. Impacto de Ações Educacionais Sobre o Índice de Higiene Bucal de Escolares de um Município do Sul do Brasil. **Ensaio**, v. 24, n. 3, p. 211-218, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17921/1415-6938.2020v24n3p211-218>. Acesso em: 27 set. 2022.

CARVALHO, F. F. B. A saúde vai à escola: a promoção da saúde e práticas pedagógicas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 25, n. 4, p. 1207-1227, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312015000400009>. Acesso em: 27 set. 2022.

CORDEIRO, K. M. A. O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino. **Idaam**, 2020. Disponível em: <http://repositorio.idaam.edu.br/jspui/handle/prefix/1157>. Acesso em: 27 set. 2022.

DOS SANTOS, T. B.; TEIXEIRA, C.; PEREIRA, F. L. O projeto “Higiene e Saúde na Escola”: reflexões sobre as estratégias de ensino e percepção dos conhecimentos relacionados à higiene e saúde entre estudantes de uma escola do campo. **Interfaces-Revista de Extensão da UFMG**, v. 7, n. 1, 2019. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/19069>. Acesso em: 27 set. 2022.

FREIRE, S. F. C. D.; BRANCO, A. U. O self dialógico em desenvolvimento: um estudo sobre as concepções dinâmicas de si em crianças. **Psicol. USP**, v. 27, n. 2, p. 168-177, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20160001>. Acesso em: 27 set. 2022.

GIARETTA, M. **Alimentação saudável**: educando e cuidando da infância na educação infantil. 2020. 11 f. Artigo de conclusão de curso (Licenciando em Pedagogia). Curso de Pedagogia. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2020. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/bitstream/riupf/1928/1/PF2020Mariele%20Giaretta.pdf>. Acesso em: 27 set. 2022.

HAMAMOTO FILHO, P. T. Ligas acadêmicas: motivações e críticas a



propósito de um repensar necessário. **Rev. bras. educ. med.**, v. 35, n. 4, p. 535-543, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022011000400013>. Acesso em: 27 set. 2022.

MACHADO, A.; ELIAS, M. F. **Cérebro e Afetividade**: potencializando uma aprendizagem significativa. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2021.

QUEIROZ, T. D. R. et al. Impressões de estudantes do ensino médio acerca da reverberação do ensino anatômico e fisiopatológico de agravos à saúde transposto à zona rural de Mossoró/RN: um relato de experiência. **Extendere**, v. 7, n. 1, p. 35-46, 2020. Disponível em: <http://periodicos.apps.uern.br/index.php/EXT/article/view/4187>. Acesso em: 27 set. 2022.

RAMBO, G. C.; ROESLER, M. R. V. B. Vivência com a natureza no ambiente escolar na primeira infância e sua relevância para construção do respeito e cuidados com o meio ambiente. **RevBEA**, v. 14, n. 1, p. 111-131, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/revbea.2019.v14.2698>. Acesso em: 27 set. 2022.

RAMOS, L. S. et al. Instruções de higiene na escola e na sociedade como ação de saúde e prevenção de doenças: uma revisão bibliográfica. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 10, p. e4558-e4558, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e4558.2020>. Acesso em: 27 set. 2022.

SANCHES, I.; TEODORO, A. Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. **Revista Lusófona de educação**, v. 8, n. 8, 2006. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/691>. Acesso em: 27 set. 2022.

SANTOS, A. F.; VERAS, L. O estudante de medicina e seu percurso acadêmico: uma análise de postagens sobre sofrimentos. **Saúde Debate**, v. 45, n. 130, p. 720-732, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202113012>. Acesso em: 27 set. 2022.

TOUSO, M. F. S. et al. Acadêmico de medicina em ação: promovendo fatores de proteção à violência sexual em crianças vulneráveis. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 54, n. 2, p. e-172127, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.rmrp.2021.172127>. Acesso em: 27 set. 2022.



A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM PERIÓDICOS BRASILEIROS NO PERÍODO DE 2012 A 2021

Ana Geysa Guilherme Bezerra¹
Francisco Maikom Soares Marcos²
Maria Roberta de Alencar Oliveira³

RESUMO

Este texto teve por objetivo realizar uma revisão de literatura sobre a Extensão Universitária no Brasil, a partir de um levantamento em periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no período entre os anos de 2012 e 2021. Está vinculado ao Projeto de Extensão MobilizAção, do Departamento de Educação do Campus Avançado de Pau dos Ferros/Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Iniciamos a discussão com um breve histórico sobre a Extensão Universitária no Brasil para que se possa situar melhor as concepções e práticas da mesma desde a sua gênese até os dias atuais. A abordagem qualitativa e a técnica utilizada para a busca dos textos que compuseram a revisão de literatura, foi a técnica de pesquisa com booleanos, a análise dos artigos referenciou-se na análise de conteúdo. Os resultados da pesquisa apontaram um número reduzido de trabalhos que tratam sobre a Extensão Universitária no Brasil e, ainda, que grande parte desses artigos não tratavam do histórico da mesma, suas nuances e conquistas ao longo da história, fato que pode sinalizar a falta de reconhecimento da importância da Extensão para as Universidades e sua relação intrínseca com a comunidade externa.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão Universitária; Revisão de literatura; Política Nacional de Extensão.

ABSTRACT

This paper is a literary review of the university extension program in Brazil. This literary review is based on publications of the CAPES (the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel) and these publications were collected considering the period from 2012 to 2021. This study is directly linked to the extension project "MobilizAção" from the Education Department in the municipality of Pau dos Ferros at the State University of Rio Grande do Norte. First of all, we start the discussion with a summary of university extension program in Brazil so that we understand its conceptions and its practices from its beginning to nowadays. This study has a qualitative approach and it was based on Boolean technique to collect the publications

1 Graduanda em Pedagogia – CAPF/UERN. Email: anageysa@alu.uern.br

2 Graduando em Pedagogia – CAPF/UERN. Email: maikomsoares@alu.uern.br

3 Professora do Departamento de Educação do CAPF/UERN. Doutora em Educação – PPGE/CE/UFPB



and the article analysis was based on content analysis. The research results point out that there's a reduced number of publications about this topic (university extension programs) and that most of these published articles did not deal with its nuances and achievements throughout history, which may represent a lack of the recognition how important Extension Programs are for University and its intrinsic relationship with the non-academic community.

Keywords: University extensions; Literature review; National Politics of University Extensions.

1 INTRODUÇÃO

Este texto teve por objetivo realizar uma revisão de literatura, a partir de um levantamento em periódicos da CAPES (no período entre 2012⁴ e 2021) sobre a Extensão Universitária no Brasil. Está vinculado ao Projeto de Extensão Mobilização⁵ do Departamento de Educação do Campus Avançado de Pau dos Ferros da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Iniciamos a discussão com um breve histórico sobre a Extensão Universitária no Brasil para que se possa situar melhor as concepções e práticas da mesma desde a sua criação no país até os dias atuais.

A extensão universitária chega ao país nos anos 20 na Universidade de São Paulo tendo como referência a extensão inglesa e norte-americana, mas, só assume um caráter oficial de extensão em 1931 com a reforma de Francisco Campos em que é criado o estatuto das universidades brasileiras. Nesse período a extensão foi criada como o objetivo de difundir conhecimento que era produzido nas universidades para a sociedade a fim de que este fosse democratizado (DUBEUX, 2018). Porém, o que se percebe é que ela era usada para difundir ideologias elitistas e também do Governo Militar durante o golpe de estado de 1964 que foi um período marcado por censuras e repressões. Este estado de coisas não poderia deixar de afetar também a extensão Universitária que passa a assumir

4 O recorte temporal inicia-se no ano de 2012 por ter sido o ano de aprovação da Política Nacional de Extensão Universitária, no XXXI Encontro Nacional (FORPROEX), realizado em Manaus (AM) e 2021 por ser o ano em que foi realizado o levantamento que dá corpo a este estudo.

5 O projeto Mobilização criado em 2013, tem como objetivo traçar uma ponte entre comunidade interna e externa do CAPF/UERN e já conta com a 6ª edição, trazendo temas necessário a comunidade acadêmica e a sociedade. O tema da primeira edição em 2013 foi: fatores intra e extra escolares que interferem na qualidade da educação das escolas públicas. Em 2017 após 4 anos o projeto retoma com o tema: Ideb e sua relação com a qualidade da educação no município de Pau dos Ferros/RN, tema que perdurou nas duas fases seguintes. Em 2020 tratou do tema: A função da coordenação pedagógica da escola pública. E na 6ª edição (2021) trouxe o tema: Pensar e Fazer Gestão Democrática na Escola Pública. Assim o Mobilização ultrapassa os muros da Universidade e torna visível o real sentido da extensão, lutando para que esta tenha o devido reconhecimento de sua importância junto ao Ensino e Pesquisa.

[...] uma perspectiva de desenvolvimento comunitário e serve de instrumento para difusão da ideologia promovida pelos militares no período, a exemplo do Projeto Rondon que enviou milhares de jovens em diferentes regiões do Brasil, com missões de educação para o desenvolvimento, a partir da ideologia militar (DUBEUX, 2018, p.15).

Ainda durante o período da ditadura militar, na década de 70, é criada a Coordenação de Atividade de Extensão (CODAE) que juntamente com o Departamento de Assuntos Universitários (DAU) do MEC tinha o objetivo de institucionalizar a extensão universitária fazendo uma releitura da concepção de extensão desenvolvida por Paulo Freire, acreditando que a extensão beneficiaria a Universidade e a sociedade (KOCHHANN, 2017). A CODAE, no entanto, não obteve grandes avanços findando por ser extinta em 1979.

Em 1980, no período em que o Brasil passava por um processo de redemocratização, ocorreu uma retomada/avanço das práticas extensionistas nas universidades. Este período é marcado também por uma crise paradigmática da ciência moderna/pós-moderna e, com ela, emergem na Universidade embates e grupos de discussões que se ocupam da Extensão, destacando a necessidade da criação de novos conceitos, novas metodologias e uma nova perspectiva de extensão, diferente da perspectiva difusionista que a caracterizava até então.

Nessa direção, em 1987 é criado o Fórum dos Pró-reitores de Extensão (FORPROEXT) que definiu, após a promulgação da Constituição de 1988 que consagra o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Daí, os processos que envolvem a extensão passam a ser definidos como: “[...] interdisciplinares, educativos, culturais, científicos e políticos que promovem a interação transformadora entre a universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEXT, 2012, p.15).

Juntamente com o novo conceito estabelecido pela FORPROEXT, nos anos 90 a extensão deixa de ser pensada em uma perspectiva difusionista e passa a ser estruturada a partir de uma lógica dialógica, valorizando o diálogo como elemento norteador de suas práticas, passando a ser vista como

um espaço de integração da Universidade com a sociedade, onde o conhecimento pode ser produzido na dialogicidade, independente do espaço, e que os saberes da comunidade, devem ser valorizados e integrados aos conhecimentos científicos, objetivando a transformação social (MACHADO, 2013, p.2).

O diálogo, uma das categorias fundantes do pensamento de Freire (1983), trata a construção do conhecimento científico a partir das trocas com os saberes populares. Esta concepção da categoria diálogo passa a ser elemento balizador para as práticas extensionistas, buscando ainda

abrir caminhos para que as trocas de saberes e conhecimentos se dê nos espaços dentro-fora das Universidades.

Para Freire (1983), a extensão é a ferramenta que a Universidade utiliza para fortalecer os vínculos culturais de seus docentes/discentes com a comunidade externa, que por sua vez entende-se, na realização de ações transformadoras através das quais pode-se modificar o meio natural (a comunidade), em meio cultural. Assim, a aquisição de saberes e conhecimentos se torna algo mútuo, sem hierarquizações, mas muito mais fundado na horizontalização das trocas entre o meio acadêmico e a comunidade externa e, principalmente nas possibilidades de construção de novos saberes/fazer e conhecimentos.

A década de 90 é marcada também pelas reformas educacionais, pauta da Conferência Mundial Sobre Educação para Todos em Jomtien, na Tailândia, que definiu objetivos e metas para a educação. São elas:

satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem, expandir o enfoque da educação, universalizar o acesso à educação e promover a equidade, concentrar a atenção na aprendizagem, ampliar os meios e o raio de ação da educação básica, propiciar um ambiente adequado à aprendizagem, fortalecer as alianças, desenvolver uma política contextualizada de apoio, mobilizar os recursos e fortalecer solidariedade internacional (WCEFA, 1990, p.2-6).

Nesta mesma época, o Fórum de pró-reitores de Extensão realizou o seu IV Encontro Nacional em Florianópolis/SC, no período de 6 a 9 de maio de 1990, tendo como tema central: Extensão Universitária- As Perspectivas nos anos 90, e como sub-temas: 'Educação e Alfabetização e Metodologia em Extensão Universitária' (RODRIGUES, 2003, p.155). Neste Encontro destaca-se que conscientes

da inexistência de recursos financeiros para a extensão, das dificuldades de implementação das atividades que exigiam recursos para a realização, do desconsiderável número de professores envolvidos nas atividades extensionistas, os pró-reitores, diante disto, se posicionaram de forma unânime em mostrar a importância da Universidade pública, o que ela produz e a sua importância para a sociedade (RODRIGUES, 2003, p.155).

Assim, o Fórum de pró-reitores de Extensão cumpre tarefa importante na política extensionista no país, influenciando sobremaneira a construção de uma Política Nacional de Extensão Universitária que "tornou-se o instrumento por excelência de inter-relação da Universidade com a sociedade, de oxigenação da própria Universidade, de democratização do conhecimento acadêmico" (FORPROEX, 2012, p.10).

Esta Política norteia até os nossos dias as teorias e práticas extensionistas na Universidade, e é considerada como uma grande avanço no

fortalecimento da Extensão no país até os dias atuais. É importante considerar ainda que a partir do ano de 2018, com a explosão da pandemia da Covid, causada pelo SARS-CoV-2, as atividades e extensão tiveram que ser reinventadas. E vários foram os desafios enfrentados, entre eles o distanciamento social que provocou a restrição de reuniões em comunidades.

Porém, muitas das atividades extensionistas passaram a se utilizar das plataformas digitais conhecidas como Google Meet e Google Classroom, onde foram desenvolvidas produções de web seminários, produção de cursos on-line promovidos por docentes/estudantes das Universidades e a comunidade. Este formato remoto possibilitou, mesmo com dificuldades, o desenvolvimento de ações extensionistas junto às comunidades externas à Universidade, levando a cabo o papel da Extensão de ser um dos pilares na construção e na democratização do conhecimento acadêmico.

Para Gadotti (2017), ainda se confrontam e coexistem duas vertentes de Extensão Universitária, uma mais assistencialista e outra não assistencialista, ou, como também se costuma dizer, uma prática extensionista e outra não extensionista. A primeira delas entende a Extensão numa perspectiva assistencialista na qual a extensão está a serviço da produção e difusão de conhecimentos para aqueles que não o tem, além de consideram os saberes e conhecimentos das comunidades como menores e menos importantes do que os saberes produzidos na academia. No que diz respeito à segunda vertente, é frontalmente oposta à primeira ao considerar o assistencialismo como pauta da Extensão, fundamentando-se na premissa antropológica/freireana de que todo ser humano como um ser inacabado, incompleto e inconcluso, que não sabe tudo, mas, também, que não ignora tudo.

Nessa direção, a Extensão é o espaço privilegiado de integração da Universidade, é a possibilidade mais democrática da mesma relacionar-se dentro e fora e seus muros, podendo também ser considerada como articuladora de saberes e conhecimentos, como afirma Santos

a área de extensão vai ter no futuro próximo um significado muito especial. No momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a Universidade e, de facto, transformá-la numa vasta agência de extensão ao seu serviço, a reforma da Universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão (com implicações no curriculum e nas carreiras dos docentes) e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às Universidades uma participação activa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultura (SANTOS, 2004, p.53-54).

Concordamos com Santos (2004) em toda a sua percepção sobre a extensão, mas nos permitimos discordar da afirmativa de que a extensão terá um significado “muito especial em um futuro próximo”. Por todo o

seu percurso no Brasil, a Extensão, mesmo que “jovem”, já tem um papel “especial” nas atividades universitárias, já busca articular a pesquisa e o ensino em suas práticas e estas com as políticas públicas sociais. O que parece ocorrer, é que, apesar da Extensão Universitária ser mais um dos pilares que move a Universidade ainda hoje é pouco valorizada, principalmente quando se trata do seu financiamento.

Apesar de alguns avanços principalmente com as atividades do Fórum dos pró-reitores de extensão que no período de 2003 a 2016 ocupou-se em criar editais para os projetos de extensão, ainda se nota a falta do olhar das políticas de financiamento que secundarizam a Extensão, priorizando o ensino e a pesquisa. Entre o tripé ensino, pesquisa e extensão, a extensão é a última beneficiada neste quesito, por parte das políticas públicas, e finda por ser vista como uma “atividade secundária” (CASTRO,2004). Há que se considerar ainda que a Extensão possui

um arsenal metodológico diferenciado; é feita de encontros entre alunos, professores e comunidades; tem a possibilidade de, neste encontro, incorporar outros saberes, de criar um novo senso comum e de ampliar a capacidade de reflexão sobre as práticas, porque nelas se constituem, ou seja, são constituídas pelas experiências (CASTRO,2004, p.5).

Porém ainda é corrente uma visão equivocada do que seja a mesma, associando-a ao que está fora dos muros da universidade e isso acaba por reforçar o senso comum e o autoritarismo universitário, já que, com esta visão é considerado que somente a universidade leva o conhecimento para a sociedade sem haver nenhum retorno das comunidades para a Universidade (CASTRO,2004). Este tipo de compreensão, acaba por distorcer o real sentido da Extensão que é justamente promover uma “dialogicidade” entre Comunidade e Universidade, buscando valorizar e horizontalizar os conhecimentos/saberes específicos de cada uma delas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo é de abordagem qualitativa e do tipo Revisão de Literatura. Para a consecução deste, realizamos a pesquisa dos artigos que tratavam da Extensão no Brasil em 21 periódicos do portal da CAPES, tomando como recorte temporal o período entre os anos de 2012 a 2021, utilizando as técnicas dos booleanos que são:

a aplicação da Lógica de Boole a um tipo de sistema de recuperação da informação, no qual se combinam dois ou mais termos, relacionando os por operadores lógicos, que tornam a busca mais restrita ou detalhada. As estratégias de busca são baseadas na combinação entre a informação contida em determinados documentos e a correspondente questão de busca, elaborada pelo usuário do sistema (SAKS, 2005, p.4).

Através de combinações de operadores como o AND (Encontrar textos que se relacionam), OR (Encontrar textos que se relacionam, mas, cada um de forma separada) e NOT (Usado para excluir um dos temas na pesquisa) é possível fazer uma busca mais precisa do que se busca, iniciamos a busca com o descritor A Extensão universitária no Brasil e obtivemos um total de 6. 719 resultados.

Para uma busca mais específica utilizamos o booleano AND e palavras-chave do tema de nosso interesse ficando A Extensão Universitária no Brasil AND valorização das ações extensionistas, desse modo, obtivemos um total de 95 resultados.

Para uma busca ainda mais precisa acrescentamos novamente o booleano AND associado a outras palavras-chave da seguinte forma: A Extensão Universitária no Brasil AND percurso histórico AND valorização das ações extensionistas, assim, obtivemos um total de 21 trabalhos. Depois de submetidos à primeira e à segunda fase da Análise de Conteúdo de Bardin (2004) que são a pré-análise e a exploração do material, foram excluídos 13 trabalhos que não eram direcionados ao tema ou que se repetiam. Assim, foi possível identificar 8 artigos que foram submetidos ao tratamento dos resultados (terceira e última fase da Análise de Conteúdo), fase em que trabalhamos com as inferências e a interpretação dos dados.

Aplicamos, aos artigos, as regras da exaustividade, ou seja, todos os documentos que obedeceram ao critério tomado para compor o corpus foram analisados; da representatividade, o qual permitiu, após compor uma amostra que fosse significativa, perceber e trabalhar com a representatividade destes dados; da homogeneidade que permitiu que os artigos escolhidos não apresentassem demasiada singularidade fora do critério elencado para sua escolha; e da pertinência, que diz que “os documentos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise” (BARDIN, 2004, p.90-92).

Vale salientar que os artigos analisados estavam distribuídos em 21 periódicos que foram categorizados nos seguintes quesitos: ano de publicação, objetivo e região onde o periódico foi publicado. Com isso, objetivamos analisar os tipos de publicação que tratam do tema, analisar em quais períodos se destacaram essas pesquisas, o objetivo dos trabalhos e em quais regiões foram desenvolvidos esses trabalhos que tratavam da Extensão Universitária.

Em relação ao tipo de publicação todos os trabalhos analisados foram artigos publicados entre 2012 a 2021, com a maioria dos trabalhos concentrados nos anos de 2014 e 2018. Quanto aos objetivos dos artigos analisados o que se percebeu foi que a maioria dos trabalhos se referiam a ações extensionistas e apenas dois deles traziam o percurso histórico da extensão. Os trabalhos foram realizados em todas as regiões do Brasil, mas, há destaque para o Nordeste, e neste, os estados da Paraíba e da Bahia.



3 ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS DADOS

O primeiro texto analisado foi o de Toscano e Júnior (2013) intitulado “A formação Universitária e gestão acadêmica no ensino público: experiências de ações extensionistas na UFRN e na UFBA”. O artigo trata das crises advindas da ampliação da universidade moderna, entre essas crises se destaca a falta de democratização/acesso pela sociedade aos saberes da universidade. O texto traz críticas ao elitismo das universidades brasileiras, o que fez com que as mesmas não respondessem às necessidades da sociedade durante muito tempo. Discute ainda as reformas universitárias que visaram a aproximação da Universidade com os setores externos e coloca como motor dessa aproximação a Extensão Universitária. Os autores destacam duas ações de extensão no Nordeste: A primeira na Universidade Federal da Bahia (UFBA) que desenvolveu o programa ACC (Atividade Curricular em comunidade) e a segunda na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) que criou e desenvolveu o programa de extensão o SACI (Programa de Saúde e Cidadania) que se tornaram referência na Universidade e na Comunidade externa.

O segundo artigo analisado, de autoria de Incrocci e Andrade (2018) intitulado “O fortalecimento da extensão no campo científico: uma análise dos editais ProExt/MEC”, teve como objetivo analisar o fortalecimento da educação no campo científico partindo do Edital de Fomento a Extensão Universitário o ProExt desenvolvido no âmbito do Ministério da Educação (MEC) e do Ministério da Cultura (Minc). O artigo traz uma historiografia da Extensão Universitária no Brasil. Este não é direcionado a uma região específica além de críticas ao modo como os recursos dos editais eram distribuídos entre as Universidades Federais e as demais instituições universitárias, argumentando que não haveria equidade na distribuição destes.

O trabalho “Ética nas ações educativas e assistenciais orientadas pela educação popular/ Ética nas ações educativas de cuidado em saúde orientadas pela educação popular/ Ética nas ações educativas e cuidado em saúde orientadas pela educação popular”, dos autores Batista, Vasconcellos e Costa (2014), é um relato de experiência e tem como objetivo analisar a ética nas ações educativas e de cuidado orientadas pela educação popular em saúde, com base na experiência de extensionistas do projeto “Educação Popular e Atenção à Saúde da Família desenvolvido na cidade de João Pessoa-PB”. Os autores trazem uma forte defesa da Extensão na perspectiva popular defendida por Freire (1983), concluindo que a participação nas atividades extensionistas tem se mostrado essencial na formação dos participantes do projeto, mostrando-lhes, essencialmente, que a saúde “faz parte de nossa relação com o outro, da maneira como nos percebemos no mundo”.

De autoria de Biscardes, Santos e Silva (2014), o texto intitulado “Formação em saúde, extensão universitária e Sistema Único de Saúde

(SUS): conexões necessárias entre conhecimento e intervenção centradas na realidade e repercussões no processo formativo” trata da importância da extensão na vida de graduandos da área da saúde, e foca na importância da mesma para a formação de profissionais voltados para as necessidades da população. Destaca-se no artigo o projeto de Extensão “Viver SUS” na UFRB no Estado da Bahia. Trata-se de um relato de experiência que baseia a experiência dos graduandos na área de saúde no conhecimento da realidade local, na reflexão e priorização compartilhada de problemas/demandas, seguida de intervenções de cunho educativo e participativo, cujo planejamento e implementação enfatizaram formas coletivas e colaborativas de aprendizagem, investigação e intervenção. Demonstra, dessa forma, a importância de uma prática extensionista horizontalizada e baseada na participação coletiva, em práticas colaborativas e horizontalização de saberes/conhecimentos acadêmicos e populares,

O texto intitulado “Inclusão e inovação pedagógica: políticas e práticas de formação no ensino superior.” artigo dos autores Franco, Silva e Torisu (2018), desenvolvido no âmbito do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto/MG, analisa a política institucional de apoio aos estudantes com deficiência no campo da inclusão e discute a importância da colaboração da mesma para o fortalecimento de uma postura inovadora e inclusiva para superar obstáculos à inclusão do aluno com deficiência, provocando ainda a reflexão sobre a função social da Universidade.

O relato de experiência intitulado de “Educação popular e controle social em saúde do trabalhador: desafios com base em uma experiência”, de Lacerda, Cruz et.al (2014) encontra-se no escopo das experiências vivenciadas no projeto de extensão “Vidas Paralelas” desenvolvido no Estado da Paraíba e voltado para a saúde do trabalhador conclui que “estratégias de diálogo, organização político-social e troca de experiências de vida se apresentam como cenário significativo no compartilhamento de cultura e saúde do trabalhador, oportunizando crescimento coletivo e melhor qualidade de vida”. Deixando explícito que através do diálogo é possível o compartilhamento de culturas e de melhorias nas ações pró-saúde do trabalhador.

O próximo texto analisado intitula-se “A utilização do blog e de recursos midiáticos na ampliação das formas de comunicação e participação social”, de Silva, Cardinalli e Lopes (2015) e tem como objetivo realizar uma análise das ações extensionista do projeto “Talentos Juvenis do Gonzaga”, insere-se na área da Terapia Ocupacional direcionada a jovens em situação de vulnerabilidade e risco social, em que a comunidade acadêmica junto com os jovens criou um blog proporcionando o conhecimento dos conceitos, equipamentos e TICs, antes pouco acessível a esse público. Essa ação foi desenvolvida pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em São Paulo, no âmbito de ações extensionistas da área de Educação e Terapia Ocupacional.



O último artigo analisado, tem como título: “Oficinas de atividade com jovens da escola pública: tecnologias sociais entre educação e terapia ocupacional” de Lopes, Borba, Trajber, Silva e Cruel (2011). Trata-se de um relato de experiência do projeto METUIA (palavra indígena de origem boro-ro, que significa amigo, companheiro) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em São Paulo. As ações do projeto em tela estão voltadas a crianças e principalmente jovens em situação de vulnerabilidade e risco social e dirigiram-se no sentido de promover “Oficinas de Atividades têm se constituído como uma tecnologia social de aproximação, (re)construção de projetos e ampliação de redes de suporte junto a jovens advindos de grupos populares urbanos em situação de vulnerabilidade social”.

Note-se que todos os trabalhos se direcionam no sentido de promover ações extensionistas de inspiração freireana, trazendo a dimensão da comunicação bem presente e avançando no sentido da horizontalização dos saberes/conhecimentos que necessitam de construção coletiva para serem validados.

O que se percebeu a partir da pesquisa foi o pequeno número de trabalhos que discutem a Extensão universitária no Brasil e, ainda, que alguns desses não tratam do histórico da Extensão, suas conquistas e luta por reconhecimento. Pudemos perceber também a falta de reconhecimento da importância desta para as universidades e sociedade, já que, “[...], a extensão configura-se como a única das três dimensões universitárias capaz de suprir o caráter social da universidade” (INCROCCI; ANDRADE, 2018, p.190). Isso, reforça ainda mais, a ideia de desvalorização da extensão ou de seu lugar secundarizado diante do Ensino e da Pesquisa.

4 CONCLUSÃO

À guisa de conclusão deste estudo, é possível (re) afirmar que a Extensão Universitária necessita estar em um lugar de igualdade com as outras dimensões que configuram-se como pilares na construção dos saberes/conhecimentos/fazes da Universidade, também (re) afirmamos a sua grande importância para a comunidade universitária tanto quanto para a comunidade extra-muros da Universidade, dado que a mesma exerce um papel fundamental no fortalecimento dos vínculos entre ambas. Porém, apesar de tantas lutas históricas por reconhecimento do seu lugar, a mesma ainda não alcançou o reconhecimento tanto pelas comunidades (já que muitas das vezes não sabem o real sentido da extensão) quanto pelos acadêmicos e também pelas políticas públicas de financiamento que findam por priorizar o ensino e a pesquisa secundarizando a extensão.

Destacamos ainda a grande capacidade da Extensão de se reinventar e de assumir seu compromisso social, mesmo diante das dificuldades como a que estamos enfrentando atualmente com a pandemia da COVID-19 e com o corte de verbas para a Educação no âmbito do Governo Federal. Porém, mesmo com as medidas de isolamento social, a Extensão

demonstrou a sua capacidade de se reinventar, utilizando-se de ferramentas tecnológicas para continuar com suas ações, fato que também auxiliou a democratizar o acesso a meios/mídias digitais. Esperançar é verbo freireano conjugado cotidianamente na Extensão que permanece firme na luta por uma sociedade mais justa, com acesso democratizado às diversas e diferentes formas de conhecimento, enfim, que nunca na sua História afastou-se da inspiração que a orienta e parece ser o seu maior objetivo: a luta por transformação e justiça social.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BRASIL. Política Nacional de Extensão Universitária. **Fórum dos Pró-reitores de extensão das universidades Públicas brasileiras**. Manaus-AM, maio de 2012, p.1-40.

BATISTA, Patrícia Serpo de Souza; VASCONCELLOS, Eymard Mourão; DA COSTA, Solange Fátima Geraldo. **Ética nas ações educativas e assistenciais orientadas pela educação popular**. Interface (Botucatu, Brazil), 2014-01-01, vol.18, p.1401.

BISCARDE, Daniela Gomes dos Santos; SANTOS, Marcos Pereira; SILVA, Lília Bittencourt. Formação em saúde, extensão universitária e sistema único de Saúde (SUS): conexões necessárias entre conhecimento e intervenção centradas na realidade e repercussões no processo formativo. **Interface** (Botucatu, Brazil), 2014-01-01, vol.18, p.177.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimento emancipadores. **Anais: 27ª Reunião da Anped**, 2004. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/gt11/t1111.pdf>. Acesso em: mar. 2021.

DECLARAÇÃO MUNDIAL SOBRE A EDUCAÇÃO PARA TODOS. **Plano de ações para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. Jontien, Tailândia, 1990.

DUBEUX, Ana. Extensão Universitária no Brasil: democratizando o saber da universidade na perspectiva do desenvolvimento territorial. **Sinergias-diálogos educativos para a transformação social**, jan. 2018- n°.6, p.9-24.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FRANCO, Marco Antônio Melo; SILVA, Marceline Magalhães; TORISU, Edmilson Minoru. Inclusão e inovação pedagógica: políticas e práticas de formação no ensino superior. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, 2018-09-01, vol.13, p.1320.

INCROCCI, Lígia Maria de Mendonça Chaves; ANDRADE, Thales Haddad Novaes de. O fortalecimento da extensão no campo científico: uma análise dos editais ProExt/MEC. **Revista Sociedade e Estado**. Volume 33, número 1, jan./abr. 2018.

KOCHHANN, Andréia. **A extensão Universitária no Brasil**: compreendendo sua historicidade. Anais da VI Semana de Integração Inhumas: UEG, 2017, p.546-557.

LACERDA, Dailton Alencar Lucas (et.al). Educação popular e controle social em saúde do trabalhador: desafios com base em uma experiência. **Interface** (Botucatu, Brazil), 2014-06- 15, vol.18, p.1377.

MACHADO, Verônica Moreno. Algumas reflexões sobre as concepções de extensão universitária. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, ano MMXII, nº. 35, 2013.

RODRIGUES, Marilúcia de Menezes. Revisitando a história 1990-1995: a extensão universitária na perspectiva do Fórum Nacional de pró-reitores de extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Revista Portuguesa de Educação**, 2003.

SAKS, Flavia do Canto. **Busca booleano**: teoria e prática. Curitiba 2005. SILVA, Carla Regina; CARDINALLI, Isadora; LOPES, Roseli Esquerdo. A utilização das formas de comunicação a participação social. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, 2015-01-01, vol.23, p.131.

TOSCANO, Geovânio da Silva; SANTOS JÚNIOR, Alcides Leão. A formação universitária é gestão acadêmica no ensino público: experiências de ações extensionistas na UFRN e na UFBA. **Revista temas em educação: RTE**, 2013-12-01, p.171.

VIEIRA, Sofia Lerche. Políticas internacionais e educação - cooperação ou intervenção In:DOURADO, Luiz Fernandes; PARO, Vitor (Orgs). **Políticas públicas e educação básica**. São Paulo: Xamã, 2001.



A REDE DE PROTEÇÃO ANIMAL (RPA) COMO MEIO DE EDUCAR A POPULAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Bárbara Filgueira dos Santos¹

Esther Gouvêa Goldbarg²

Hortência Luara Santana de Melo³

Patricia Estela Giovannini⁴

Renata Paula de Sousa Azevedo Henriques⁵

RESUMO

A Rede de Proteção Animal (RPA) é um projeto de extensão vinculado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) que tem como objetivo orientar discentes do curso de Medicina e comunidade em geral acerca das interações entre humanos e animais domésticos, versando sobre zoonoses, abandono animal e como cuidar adequadamente de cães e gatos. Com base nos conceitos de Saúde Ambiental e Saúde Única, o projeto realiza *posts* no Instagram sobre as temáticas dessa área a fim de atingir maior público. Além disso, são realizadas intervenções presenciais, como a UniverCidades, que ocorreu em uma praça do bairro Vingt Rosado no município de Mossoró, sendo relatada neste trabalho. No evento, cinco extensionistas e uma das professoras orientadoras, com o auxílio de *banner* e distribuição de panfletos, falaram para os moradores locais sobre as atividades da RPA e deram orientações sobre a importância para a saúde pública de não abandonar animais. Nesse sentido, tem-se que muitos moradores demonstraram interesse, puderam tirar dúvidas e conheceram as redes sociais do projeto. Desse modo, a RPA configura-se como meio de educar a população acadêmica e a não acadêmica a fim de se ter melhor saúde para humanos, animais e ambiente.

Palavras-chave: Educação em saúde; Extensão comunitária; Saúde única.

1 Graduada em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. barbarafilegueira@alu.uern.br

2 Graduada em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. esthergouvea@alu.uern.br

3 Graduada em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. hortencialuara@alu.uern.br

4 Professora da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mestra em Imunologia – Universidade de São Paulo. patriciagiovannini@uern.br

5 Graduada em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. renatapaula@alu.uern.br



ABSTRACT

The Animal Protection Network is an extension project linked to the The State University of Rio Grande do Norte and this project aims to guide medical students and the community about the interaction between humans and pets. The project discusses zoonoses, animal neglect and proper care for dogs and cats. The Animal Protection Network posted content on Instagram based on the concepts of Environmental Health and One Health (*Saúde Única*) so that it can reach a wider audience. In addition to that, face-to-face interventions were conducted including “UniverCidades”, which took place in a square in the Vingt Rosado neighborhood in Mossoró city. In this event, five extension students and one of the guiding teachers brought a banner in order to provide information about the Animal Protection Network actions. They provided information to people about the importance of public health system and the importance of not abandoning their pets. In this sense, during this event, many participants in the neighborhood were interested in this project, they were able to ask questions and they also followed the project profile on social media. In this sense, the Animal Protection Network is known as a mean of providing information to academic and non-academic population in order to improve health care for humans, pets and protecting the environment.

Keywords: Health education; Community extension; One health.

1 INTRODUÇÃO

A Educação em Saúde é conceituada pelo Ministério da Saúde como um processo educativo de construção de conhecimentos em saúde através de um conjunto de práticas que contribuam para aumentar a autonomia das pessoas no seu cuidado e no debate com os profissionais e os gestores. Ela fomenta a apropriação temática pela população com o objetivo de alcançar uma atenção de saúde adequada às necessidades próprias da comunidade. Logo, a realização de ações de educação em saúde é imprescindível para promover e proteger a saúde de uma população de forma eficaz e específica às demandas da comunidade local. De acordo com Falkenberg (2014), para a educação em saúde ser efetiva, ela deve enfatizar a participação popular no processo de saúde-doença, valorizando os saberes e o conhecimento prévio da população, não somente o conhecimento científico. Dessa forma, ações educativas em espaços públicos (como praças, quadras poliesportivas, academias ao ar livre, Unidades Básicas de Saúde, etc), bem como metodologias baseadas na discussão horizontal entre a população e estudantes ou profissionais da área da saúde são estratégias que viabilizam a prevenção primária de doenças através do contato direto com a comunidade.

Ademais, faz-se importante avaliar o impacto do problema abordado durante a ação educativa na saúde pública. O tema explanado durante a ação de extensão realizada pela Rede de Proteção Animal, na Praça Vingt Rosado, na cidade de Mossoró, foi o abandono de animais e seus impactos para a saúde da população. A quantidade de animais em situação de rua no Rio Grande do Norte influencia diretamente na prevalência de diversas zoonoses no Estado, como a leishmaniose visceral e a toxoplasmose. Entre janeiro e novembro de 2020, foram notificados 91 casos suspeitos de

leishmaniose visceral humana (LVH) no Rio Grande do Norte, dos quais 65 foram confirmados de acordo com o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). No mesmo período, a prevalência dessa doença a cada 100.000 habitantes em Mossoró foi de 3,03, maior do que o dobro na prevalência na capital Natal (FRANCO, 2020).

É necessário, também, mencionar a correlação entre a educação em saúde e a educação ambiental no combate às zoonoses no Rio Grande do Norte. Segundo a edição de 2022 do Código Sanitário de Animais Terrestres, elaborado pela Organização Mundial para Saúde Animal (OIE), o manejo da população canina deve ser realizado através de diferentes estratégias, como a educação em saúde, visando a prevenção de zoonoses e uma coexistência harmoniosa com as pessoas e o ambiente em que vivem. Para que esse manejo seja feito de forma adequada, a OIE recomenda ações intersetoriais, envolvendo diferentes organizações e atores, como a própria população civil, que promovam a posse responsável de cães, realizem o controle reprodutivo, eduquem a comunidade sobre uma interação segura cão-humano, entre outras diversas medidas. Logo, nesse cenário, a educação ambiental atrelada à educação em saúde mostra-se de extrema importância para o controle populacional dos animais de rua e a consequente diminuição dos casos de zoonoses na população. Segundo Orlandi (2011), o interesse na implantação de programas educativos para a guarda responsável é de natureza pública, pois essa é uma esfera de atuação que opera na defesa da saúde pública ao controlar a população animal, o abandono e as zoonoses.

Por fim, o presente Relato de Experiência foi escrito baseando-se na necessidade atual do fomento de discussões acerca dos impactos do abandono animal na saúde pública. A Educação Ambiental é uma área do ensino imprescindível para a saúde coletiva da população, pois é através dela que torna-se possível o controle primário dos casos de importantes zoonoses no Estado do Rio Grande do Norte e no Brasil inteiro. Nesse cenário, este relato de caso tem como objetivo descrever a ação de educação em saúde realizada pelo projeto de extensão Rede de Proteção Animal no município de Mossoró.

2 RELATO DA EXPERIÊNCIA

2.1 A atuação do projeto de extensão Rede de Proteção Animal FACS/UERN: da criação às ações atuais

O projeto foi uma iniciativa de membros do Centro Acadêmico Carlos Ernani Rosado (CACER) da Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) do curso de Medicina com a determinação de contribuir para a produção de saúde e bem-estar na cidade de Mossoró, com o apoio de professores, técnicos e voluntários externos. A RPA visa encontrar meios para combater o abandono animal, que é um problema presente em várias localidades apesar de seus inúmeros malefícios.

Dentre seus objetivos, estão a promoção da saúde humana, animal e ambiental, almejando prevenir perigos provocados pelo abandono de animais, como acidentes automobilísticos e aumento de zoonoses, destacan-

do-se doenças negligenciadas como a leishmaniose e a raiva, entre outras.

A criação do supracitado projeto fundamenta-se nos princípios da Saúde Única, abordagem recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) com vistas à expansão da capacidade de resposta a problemas de saúde pública que envolvem a interface humano-animal-ecossistema, no intuito de contribuir para a implementação de metas de saúde da agenda nacional do Desenvolvimento Sustentável, por meio da realização de atividades de promoção da saúde e prevenção dos riscos e perigos provocados pelo abandono animal.

Como estudantes de Medicina, é importante sempre promover a saúde dos cidadãos e do meio que os cerca, assim, contemplando os anseios da comunidade, na cidade de Mossoró - em especial, no bairro Aeroporto, no qual é localizada a Faculdade de Ciências da Saúde, que contempla o curso de Medicina. É possível observar que, nos entornos do campus, existe uma presença significativa de animais abandonados, dentre os quais - inclusive - alguns habitam ambientes na universidade, como o pátio e a cantina, onde ocorre a socialização com alunos, em busca de abrigo e alimentação. Ainda, por ter contato com os moradores locais, esse é um local típico de abandono animal devido também à proximidade com o Hospital Regional Tarcísio Maia (HRTM), sendo um local público e de grande aglomeração de pessoas, pois, por vezes, as pessoas abandonam os animais achando que alguém se sensibiliza e resgatará.; no entanto, isso possui impactos potenciais, haja vista o ambiente também ser fator decisivo no aumento ou na redução de doenças e, conseqüentemente, no bem-estar desses indivíduos. Logo, o crescimento de situações de risco pode fazer com que se tenha um maior adoecimento dessas pessoas e, conseqüentemente, uma sobrecarga do sistema de saúde, além de maior difusão de doenças endêmicas.

O funcionamento dessa iniciativa ocorre pela participação de 40 pessoas, entre docentes, discentes e voluntários, juntamente a hospitais veterinários e ONG's parceiras os quais desempenham o papel, especificamente, do manejo de animais, tais como resgate, doação, avaliação veterinária e procedimentos diagnósticos e terapêuticos.

As atividades são realizadas levando em consideração o quadro epidemiológico, acompanhando a situação e observando a legislação nacional, estadual e municipal. Além da proposta presencial, há atuação por meios digitais (Figura 1), em função da situação epidemiológica nos respectivos períodos de realização, em destaque a pandemia da COVID-19, evitando, dessa forma, o cancelamento de atividades, e pela visibilidade e alcance atual das informações disseminadas nesse meio. São adotados os protocolos e medidas de segurança e equipamentos de proteção individual (EPI) adequados, impreterivelmente. O perfil do Instagram conta atualmente, com 541 seguidores, 113 publicações de animais para adoção e de cunho pedagógico sobre as zoonoses e ações do projeto, há grande interação da comunidade em busca das respectivas informações.

No mais, a produção acadêmica inclui pesquisa, ensino e extensão

sobre o mapeamento e monitoramento da situação do abandono de animais na cidade de Mossoró, em especial, nos entornos da FACS, Hospital Regional Tarcísio Maia (HRTM) e Hemocentro de Mossoró.

Figura 1 - Página do Instagram destinada à publicação de informações sobre o projeto Rede Proteção Animal



Fonte: Acervo do projeto, 2022

2.2 UniverCidades: rompendo os muros da universidade, os extensionistas levam seus conhecimentos à população

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e a Universidade Federal do Semi-Árido (UFERSA) atuaram de forma integrada, criando o evento UniverCidades, o qual objetiva levar ações e atendimentos gratuitos à comunidade de Mossoró. A última ação foi realizada com transeuntes e moradores da comunidade da Praça do Conjunto Vingt Rosado na cidade de Mossoró no estado do Rio Grande do Norte. O evento ocorreu na tarde do dia 13 de agosto de 2022, tendo o projeto de extensão Rede de Proteção Animal (RPA), da Faculdade de Ciências da Saúde, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, realizado apresentação e distribuição de panfletos, com a participação de 5 extensionistas (Figura 2) e uma das orientadoras responsáveis.

Figura 2 - Extensionistas do projeto de extensão Rede de Proteção Animal (RPA)



Fonte: acervo do projeto, 2022

A metodologia utilizada na ação foi a intervenção interativa com os transeuntes por meio do diálogo e ilustrada por meio de panfletos e *banner* previamente produzidos, ambos apresentando o projeto de extensão Rede de Proteção Animal ao público. Aos cidadãos que se mostraram interessados, foram feitas explanações sobre o trabalho desenvolvido pelos extensionistas do projeto e a importância do cuidado com seus próprios animais de estimação, a exemplo de vacinação, vermifugação, alimentação adequada, acompanhamento com o veterinário, prevenção contra acidentes de trânsito e atropelamentos, entre outros temas, visando o esclarecimento de dúvidas, a saúde animal e humana, o que possibilitou uma troca de experiências entre os extensionistas e a população.

Foram distribuídos, em média, 50 panfletos que continham informações concisas sobre adoção, abandono e zoonoses, tendo o objetivo de educar a quem fosse entregue, visto que o projeto visa primariamente uma melhora na qualidade de vida e saúde de animais domésticos e evitar o abandono, que muitas vezes é causado pelo adoecimento animal, o que consequentemente, afeta na saúde dos tutores e zoonoses endêmicas.

Nos panfletos (figura 3), havia informações sobre os cuidados básicos para uma adoção responsável, como alimentação adequada, atenção, amor, carinho, e acompanhamento veterinário. Além disso, as doenças mais comuns dos animais domésticos foram citadas como alerta, bem como sua forma de contágio, sendo elas a sarna, que manifesta-se com uma coceira intensa no animal, e a toxoplasmose, na qual o *pet* pode não apresentar sintomas e o contágio ocorre pelas fezes e alimentos contaminados por elas, primando assim, pela higiene e cuidado com os locais de descarte das fezes do animal, visando maior atenção dos tutores. Ademais foram apontados, riscos e consequências do abandono, como zoonoses, acidentes de trânsito e atropelamentos, problemas ambientais como contaminação do solo e sujeiras e agressões a seres humanos por animais com comportamento alterado. A missão era de desestimular e combater essa ação, mostrando os diversos problemas trazidos à sociedade, afetando

Em ambos, panfletos e *banner*, continham as redes sociais do projeto a fim de impulsionar a iniciativa.

[illegible][illegible]

Os transeuntes trouxeram dúvidas e questionamentos para os extensionistas, sendo as principais relacionadas ao funcionamento do projeto, como proceder com a adoção de animais e como evitar que os animais domésticos contraíssem doenças. Assim, foi possível elucidar e discutir sobre esses questionamentos: sobre a adoção, foi dito sobre a necessidade de responsabilidade sobre essa ação a fim de que fosse entendido que esse processo requer compromisso e disposição, pois os animais precisam de cuidados e possuem temperamentos específicos de acordo com suas vivências anteriores. Além disso, foram apresentadas as dificuldades que

serão enfrentadas durante o processo de adaptação do animal doméstico e suas necessidades, pois se deve entender que este é um ser vivo com demandas, financeiras e emocionais, carentes de atenção. Ademais, foram enfatizadas as vantagens de se ter um animal de estimação, pois, além de ajudar esse ser e contribuir para a saúde social - tirando-o de ambientes nos quais ele pode ser vetor de doenças e acidentes -, o tutor ganhará uma companhia, muitas vezes repleta de amor, ajudando na sua saúde mental.

Sobre evitar o contágio e transmissão das zoonoses, foi evidenciada a necessidade de manter os animais domésticos dentro do lar, sem acesso à rua, para evitar o contato com possíveis patógenos que, inclusive, podem infectar os tutores, além de evitar acidentes de trânsito.

Acrescenta-se também que o perfil do Instagram do projeto serviu de suporte e comunicação para dúvidas que surgissem posteriormente, assegurando o contato com os extensionistas e demais participantes do projeto.

Figura 5 - Registros das extensionistas com moradores locais



Fonte: Acervo do projeto, 2022.

Consoante ao exposto, esses indivíduos obtiveram mais conhecimentos sobre os problemas causados pelo abandono de animais. Ao repassar os conhecimentos à comunidade sobre essas questões, atinge-se uma maior consciência sobre esses problemas que acometem toda a sociedade e espera-se que essas pessoas possam ajudar de forma ativa a resolvê-los, havendo assim, uma maior integração da comunidade às te-

máticas e uma aplicabilidade maior em suas vidas.

Por isso, mostrar os índices epidemiológicos das doenças que têm relação com o abandono dos animais em Mossoró, é evidenciar as correlações sanitárias entre áreas de prevalência do abandono e uma crescente de zoonoses.

Figura 6-Registro dos extensionistas com moradores locais



Fonte: Acervo do projeto 2022

A equipe relata a experiência como positiva de forma geral, com vários aprendizados: foi possível treinar a interação social com cidadãos desconhecidos, que sempre traziam questões diferentes para a discussão que foi proposta no dia. Outrossim, foi possível aprender e adaptar a oratória ao identificar o tipo de público-alvo que o evento estava propondo, que era de transeuntes moradores do bairro em que o evento aconteceu. A adesão foi alta e todos os passantes foram receptivos à intervenção, conversando e discutindo bastante sobre todas as questões e escutando as falas dos membros da equipe sobre o tema trago em questão.

A experiência foi enriquecedora para toda a equipe, todos os transeuntes trouxeram ideias e questionamentos pertinentes sobre o projeto e suas ações, sendo suas colocações interessantes de serem colocadas em evidência em momento posterior pelos extensionistas para refletir e implementar ideias no projeto. Além disso, foi possível interagir com pessoas de diferentes classes sociais, diferentes cursos e universidades distintas, reforçando os laços que a comunidade e as universidades têm. No entanto,

alguns desafios se fizeram presentes na realização da atividade, entre eles a distância do local onde o evento foi realizado, impossibilitando a presença de mais extensionistas.

Por fim, o que mais marcou os extensionistas na ação, além das trocas de experiências muito enriquecedoras, foi a construção da habilidade de comunicação e as ideias disseminadas pelos participantes e transeuntes, que em suas realidades diversas fazem a diferença aos animais de rua de forma simples e prática ao oferecer água e ração, mas que impacta diretamente na vida desses animais.

3 CONCLUSÃO

Desse modo, o projeto Rede de Proteção Animal (RPA) mostra-se salutar ao proporcionar aos discentes vincular os conhecimentos aprendidos na graduação ao conceito de Saúde Única, tendo como foco a Saúde Ambiental e a relação entre humanos e animais, sobretudo, domésticos. Nesse sentido, motivados pelo fato de poderem visualizar a aplicação prática dos conteúdos em seus cotidianos, os futuros profissionais da saúde poderão ter maior criticidade em relação aos diversos impactos causados pelo abandono animal e, com isso, executar melhor sua carreira médica e conscientizar seus pacientes, haja vista o processo saúde-doença ser compreendido por todas as condições de vida e habitação.

Assim, tem-se que a extensão é fundamental para que a produção feita na faculdade não se restrinja à esfera acadêmica, mas que possa atingir os indivíduos em um nível mais acessível com o intuito de que mais pessoas possuam e promovam uma boa Educação Ambiental. Dessa maneira, ações como a UniverCidades são imprescindíveis para que a universidade encontre a população, pois os debates realizados na praça tornaram a RPA conhecida por novas pessoas de forma que a disseminação e a construção horizontal do conhecimento foram acentuadas, já que os moradores puderam falar de suas vivências no assunto e poderão divulgar a experiência - e, por conseguinte, o projeto - para seus conhecidos, estendendo a rede em prol da Saúde Única. Ademais, publicações no Instagram ajudam a fortalecer a educação em saúde ao alcançar indivíduos que não conseguem ser abordados presencialmente.

REFERÊNCIAS

FALKENBERG, Mirian Benites et al. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.01572013>. Acesso em: 8 out. 2022.

FRANCO, A. L. M. X. **Boletim Epidemiológico das Endemias**. Subcoordenadoria de Vigilância Epidemiológica, Secretaria de Estado da Saúde Pública (SESAP-RN). Governo do Estado do Rio Grande do Norte. 2020.

OIE. **Código Sanitário de Animais Terrestres**, 2022. Disponível em: www.oie.int. Acesso em: 27 dez. 2022.

ORLANDI, V. T. Da eliminação de animais em centros de controle de zoonoses. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 6, n. 8, p. 135-160, 2011.



PROGRAMA DE FORMAÇÃO PARA BANDAS DE MÚSICA: ENSINO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS POR MEIO DE AULAS ONLINE

Bruno Caminha Farias¹

Evandro Hallyson Dantas Pereira²

Fernando Bueno Menino³

Melquíades Vasconcelos da Mota Negreiros⁴

RESUMO

As bandas de música são espaços que possibilitam, além da formação musical, o desenvolvimento social e profissional de seus integrantes. Nesse contexto, apresentamos um recorte de ações que foram realizadas no âmbito de um programa de extensão desenvolvido por meio da parceria de três projetos, a saber: Oficina de Instrumentos de Madeiras, Oficina de Instrumentos de Metais e Oficina de Instrumentos de Bateria e Percussão, que são desenvolvidos pela Escola de Música da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Juntos, os projetos constituem o Programa de Formação para Bandas de Música, cujo objetivo é a formação de crianças e jovens que estão em processo de iniciação de aprendizagem nos instrumentos flauta transversal, clarinete, saxofone, trompete, trompa, bombardino, trombone, tuba, bateria e percussão, por meio de aulas *online*. Todos os encontros são desenvolvidos de forma remota através da plataforma *Google Meet* e a interação é possibilitada por meio da execução instrumental com a participação dos alunos e bolsistas dos projetos. Na primeira fase de execução do Programa, destacamos a participação de bandas dos Estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Alagoas e Espírito Santo, totalizando 24 bandas de 24 cidades diferentes do país.

Palavras-chave: Bandas de Música; Ensino de instrumentos musicais; Aulas *online*; Extensão.

1 Professor dos instrumentos de metais da Escola de Música D'alva Stella Nogueira Freire da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mestre em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. brunocaminha@uern.br

2 Professor de flauta transversal da Escola de Música D'alva Stella Nogueira Freire da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Especialista em Educação musical pela Faculdade Latino Americana de Educação. evandrohallyson@uern.br

3 Professor de bateria e percussão da Escola de Música D'alva Stella Nogueira Freire da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mestre em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. fmenino@gmail.com

4 Professor de clarinete e saxofone e líder técnico do Núcleo de Arte e Cultura da UFRN. Especialista em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. melquiades.vasconcelos.105@ufrn.edu.br



ABSTRACT

Music bands provide the social and professional development of their members, in addition to musical training. In this context, we present actions developed within the scope of an extension program in partnership of three other projects: Wooden instruments' Workshop; Brass instruments' Workshop; Drums and percussion instruments' Workshop, developed by the Music School of the State University of Rio Grande do Norte. Together, these projects constitute the Training Program for Music Band. The main purpose of this program is to teach children and young people who are learning musical instruments like transverse flute, clarinet, saxophone, trumpet, French horn, euphonium, trombone, tuba, drums and percussion through online classes. All meetings are developed online through the Google Meet platform and interaction is possible through instrumental execution and the students' engagement on the project. In the first stage of this program, we highlight the participation of bands from states of Rio Grande do Norte, states of Ceará, Alagoas, and Espírito Santo, totaling 24 bands from 24 different cities in the country.

Keywords: Music Bands; Musical instruments Teaching; Remote classes; Extension.

1 INTRODUÇÃO

As bandas de música ao longo do tempo se tornaram um dos principais espaços de formação musical em muitas cidades brasileiras, sendo estas, responsáveis por proporcionar formação musical, social e intelectual nas mais diversas situações e ambientes, estando geralmente situadas em espaços de vulnerabilidade social e com dificuldades de manutenção e patrocínio financeiro.

Banda de música, banda musical ou bandas filarmônicas são os termos citados normalmente para denominar os grupos tradicionais compostos por instrumentos de madeiras, metais e percussão e que ficaram conhecidos por sua forte presença nos coretos de nossas praças, ao longo dos séculos XIX e XX. Além disso, esses grupos sempre tiveram uma função importante de entretenimento do povo, assim como a de participação nos rituais religiosos e cívicos (ALVES DA SILVA, 2018, p. 10).

Enquanto instituições, as bandas de música são consideradas uma das primeiras instituições musicais do Brasil. As bandas de música, como ficaram conhecidas, foram criadas por todo o Brasil, em cidades, vilas, povoados e até mesmo em sítios e fazendas.

Em cadastro realizado em 2019, a Fundação Nacional de Artes - FUNARTE (2019) enumerava 3.039 bandas distribuídas por todas as regiões do Brasil, sendo 930 (30,6%) no Nordeste, e 101 (3,29%) no Rio Grande do Norte. Considerando as 167 cidades potiguares, em números gerais, podemos ponderar que mais da metade delas (60,48%) possui pelo menos uma banda de música, o que reforça a necessidade de ações de formação técnico-instrumental, pois a grande maioria destas bandas está longe dos grandes centros.

Devido a sua perspectiva social e formativa, as bandas desempe-

nam um papel fundamental na formação musical e na revelação de grandes talentos. Nelas estão envolvidas muitas perspectivas de ensino: ensino de instrumento individual e coletivo, aulas de teoria musical, marcialidade, além da aplicação de conceitos para a vida, como disciplina, organização, companheirismo, dentre outros aprendizados.

2 O PROGRAMA DE FORMAÇÃO PARA BANDAS DE MÚSICA

O presente texto apresenta um recorte das atividades do primeiro ano do Programa, realizadas durante o período que compreendeu junho de 2021 e abril de 2022. Em decorrência da pandemia da Covid-19, o Programa foi idealizado no formato remoto, possibilitando a prática instrumental com o acompanhamento e orientação de professores especialistas em cada um dos instrumentos que compõem a Banda de Música.

O Programa de Formação para Bandas de Música é um programa de extensão institucionalizado junto à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e realizado pela Escola de Música D'alva Stella Nogueira Freire.

O Programa tem como objetivo realizar a articulação entre três projetos, sendo eles: Projeto de instrumentos de madeiras, Projeto instrumentos de metais e o Projeto de instrumentos de bateria e percussão. Os projetos envolvidos na ação possibilitam a formação de crianças e jovens que estão em processo de iniciação, de aprendizagem dos instrumentos flauta transversal, clarinete, saxofone, trompete, trompa, trombone, bombardino, tuba, bateria e percussão em bandas de música.

Neste sentido, além de planejar e alinhar as ações junto aos Projetos envolvidos e as Bandas de música, o Programa articulou todo o processo de divulgação das oficinas, buscando atingir o público-alvo da ação, interagindo por meio das redes sociais como também da rede de contatos que cada professor coordenador dispõe.

O Programa de Formação para Bandas de Música foi idealizado para fomentar a prática musical instrumental para alunos que estão em processo inicial de formação no instrumento. Além dessa perspectiva, dialogamos sobre como atender o maior número de músicos e bandas, assim, estabelecemos que as aulas seriam desenvolvidas de forma online, possibilitando que bandas de diversas cidades e Estados pudessem se inscrever no processo de seleção bem como participar das oficinas de formação, o que seria inviável no formato presencial.

Com as novas experiências possibilitadas pelo grande uso das tecnologias e com a ampla utilização de plataformas de videoconferência *online*, e mesmo sabendo que não era viável a execução musical simultânea dos exercícios e demais atividades no momento de realização da oficina por causa do *delay* de transmissão do vídeo, estabelecemos que as aulas seriam realizadas em grupo, possibilitando maior interação entre alunos e professores.

As turmas foram divididas da seguinte maneira:

- Projeto Oficina de Instrumentos de Madeiras possuía dois professores e um bolsista, sendo um professor responsável pelas aulas de flauta transversal juntamente com o bolsista e o outro professor responsável pe-

las aulas de clarinete e saxofone, totalizando três turmas diferentes.

- Projeto Oficina de Instrumentos de Metais, com um professor e um bolsista, conduziam as aulas em uma única turma, com alunos dos mais variados instrumentos da família dos metais (trompete, trompa, bombardino, trombone e tuba).

- Projeto Oficina de Instrumentos de Bateria e Percussão, conduzida por um professor, onde tinham alunos dos referidos instrumentos musicais.

De maneira inicial, foi estabelecido um calendário no qual cada Banda de Música teria três semanas de atividades em cada projeto/instrumento.

Realizamos o primeiro encontro com todos os alunos e maestros das bandas selecionadas em uma *live* pelo canal do Programa no Youtube, no dia 12 de agosto de 2021, com o objetivo de apresentar todas as ações e processos que seriam realizados por cada oficina e quais caminhos deveriam ser percorridos para alcançarmos os objetivos dos Projetos e do Programa.

Figura 01 – Live de abertura do Programa de Bandas. Momento de apresentação dos projetos que compõem o programa.



Fonte: Arquivo Programa de Bandas, 2022.

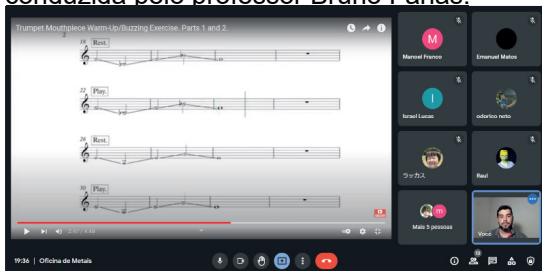
Figura 02 – Live de abertura do Programa de Bandas. Apresentação da equipe executora dos projetos.



Fonte: Arquivo Programa de Bandas, 2022.

Em seguida, semanalmente foram realizadas as formações, onde os alunos das bandas selecionadas foram divididos por naipes: madeiras, metais e, bateria e percussão, na qual o professor conduzia sua sala de aula virtual coletiva em um dia específico, abordando conteúdos técnicos e musicais. Além dos encontros síncronos, eram direcionadas atividades para serem realizadas durante a semana de forma assíncrona.

Figura 03 – Aula dos instrumentos de metais conduzida pelo professor Bruno Farias.



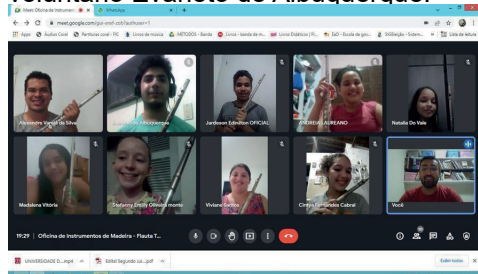
Fonte: Arquivo Programa de Bandas, 2022.

Figura 04 – Oficina de saxofone/clarinete sendo conduzida pelo professor voluntário Melquíades Vasconcelos.



Fonte: Arquivo Programa de Bandas, 2022.

Figura 05 – Aula de flauta transversal conduzida pelo professor Hallyson Dantas e o aluno voluntário Evaneto de Albuquerque.



Fonte: Arquivo Programa de Bandas, 2022.

Figura 06 – Oficina de Bateria e percussão sendo conduzida pelo professor Fernando Menino.



Fonte: Arquivo Programa de Bandas, 2022.

No início do projeto, planejamos a elaboração de um material didático específico que pudesse ser utilizado separadamente por cada instrumento musical, e que pudéssemos ao mesmo tempo, quando possível, realizar atividades de forma coletiva, quando a banda retornasse ao formato presencial, pois os exercícios foram pensados com essa proposta.

Contudo, a heterogeneidade no nível de aprendizado de cada aluno e as dificuldades de leitura de partitura nos fizeram repensar o formato de atuação metodológica, fazendo com que o manual não fosse abordado de forma efetiva junto às oficinas.

Nos encontros de planejamento e discussão das aulas, sempre houve o relato constante da dificuldade com o acesso à internet, que era instável, o aluno não conseguia ouvir, ou que o professor não conseguia identificar alguma situação por causa da qualidade dos vídeos/câmeras dos computadores e/ou celulares, dentre outras situações. Mesmo diante dessas dificuldades, os encontros foram realizados.

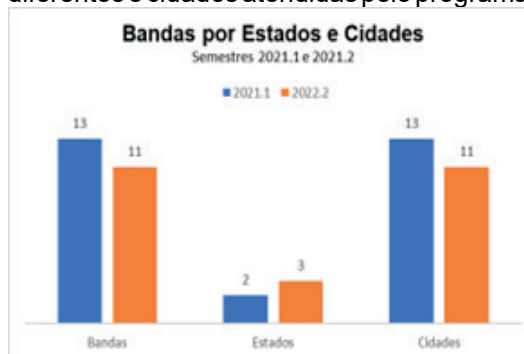
Durante a realização da ação, planejamos a divisão do projeto em duas etapas, tendo cada etapa a duração de um semestre (2021.1 e 2021.2). Além disso, cada banda inscrita recebeu aulas durante três semanas seguidas. Na primeira etapa tivemos 13 bandas inscritas e na segunda, 11 bandas. Segue abaixo os quantitativos de participação junto ao Programa de Bandas.

Gráfico 01 – Número de inscrições realizadas em cada semestre.



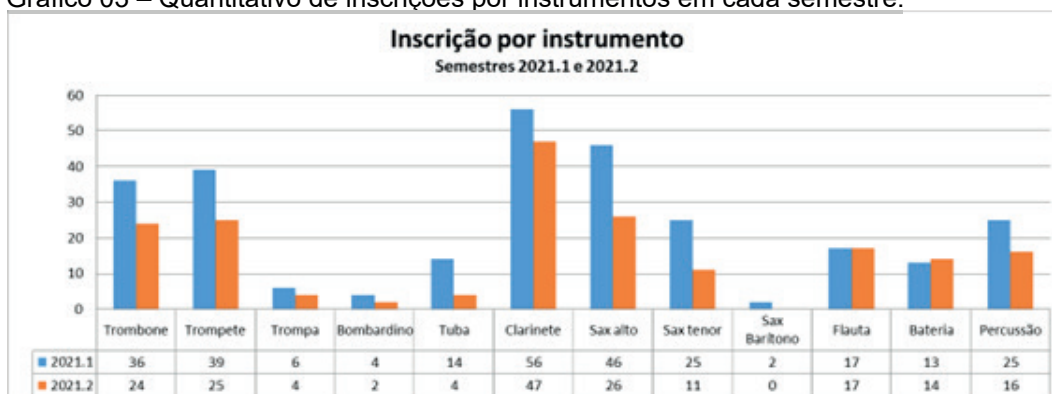
Fonte: Arquivo Programa de Bandas, 2022.

Gráfico 02 – Gráfico apresentando a quantidade de bandas inscritas, quantidade de estados diferentes e cidades atendidas pelo programa.



Fonte: Arquivo Programa de Bandas, 2022.

Gráfico 03 – Quantitativo de inscrições por instrumentos em cada semestre.



Fonte: Arquivo Programa de Bandas, 2022.

Além das oficinas, várias bandas participantes do Programa contribuíram com a Caravana Natalina, ação conduzida pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da UERN, que teve como objetivo a apresentação de concertos natalinos em todas as cidades que possuem *Campus* da UERN. Assim, foram realizadas apresentações nas cidades de Mossoró, Patu, Assu, Natal e Pau dos Ferros. Apenas a cidade de Caicó não teve participação dentro do circuito de apresentações.

Para além da apresentação musical, a Caravana Natalina possibilitou que as diversas Bandas que participaram da ação pudessem se deslocar de suas cidades para apresentar seu repertório, estrutura e dinâmica de trabalho em outros contextos, permitindo que os participantes tivessem uma outra vivência musical.

A ação possibilitou o contato presencial entre alunos, maestros e os professores das oficinas, oportunizando momentos de diálogo e interação (JOLY; JOLY, 2011). Foram também nesses momentos em que ouvimos os relatos dos maestros informando sobre o impacto positivo das formações musicais e o reflexo do trabalho nas bandas.

Figura 07 – Apresentação da Banda Maestro Cristovam Dantas da Cidade de Assu, na apresentação da Caravana Natalina, em Assu.



Fonte: Arquivo Programa de Bandas, 2022.

Figura 08 – Apresentação da Banda Maestro José Robles da Cidade de Limoeiro do Norte- CE, na apresentação da Caravana Natalina, em Mossoró.



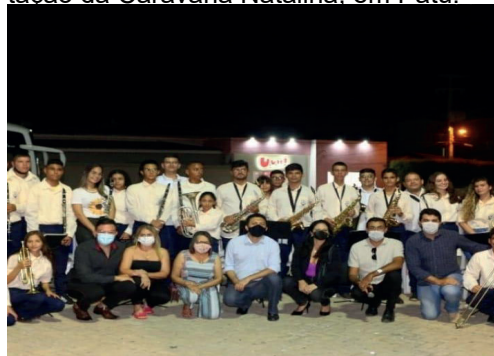
Fonte: Arquivo Programa de Bandas, 2022.

Figura 09 - Apresentação da Banda Municipal Adalto Lopes da Cidade do Poço Branco, na apresentação da Caravana Natalina, em Natal.



Fonte: Arquivo Programa de Bandas, 2022.

Figura 10 – Apresentação da Filarmônica Maestro Marciano Ribeiro da Costa da Cidade de Tenente Laurentino, na apresentação da Caravana Natalina, em Patu.



Fonte: Arquivo Programa de Bandas, 2022.

Quando da finalização da primeira fase do Programa de Bandas, realizamos uma avaliação das ações junto aos alunos e maestros que participaram das oficinas de formação. Solicitamos aos pesquisados, informações sobre os conteúdos trabalhados, tempo de aula, facilidades e dificuldades, qualidade das aulas mediadas pela internet entre outras informações que pudessem nos informar sobre a ação desenvolvida bem como sua caracterização, possibilitando novos arranjos para a segunda fase do Programa de Bandas. Dentre as diversas perguntas realizadas junto aos participantes, destacamos aqui alguns relatos sobre o desenvolvimento da ação. Seguem os dados:

Maestro 1 - Destaco a importância do Programa de Formação de Bandas de Música, pela aproximação da Escola de Música D'Alva Stella Nogueira Freire com a realidade das bandas da região. Pela oferta de aulas instrumentais, voltado a esses coletivos que são um dos principais meios de iniciação musical em nossa região, bem como, são um dos principais grupos instrumentais de sopro e percussão em nosso

contexto. Pela troca de experiências e vivências com os participantes do programa.

Maestro 2 - Com as aulas do programa, os alunos puderam ter mais experiência com professores diversos, e também com outros alunos de outras bandas. Essa interação foi de suma importância para aprimorar o aprendizado deles, reforçando o que eles já sabem e adquirindo novos conhecimentos.

Aluno 1 - Acredito que essa formação me possibilita em várias áreas da minha vida, inclusive na de trabalho, abrindo inúmeras portas no meio musical.

Aluno 2 - Me ajudou em muitos problemas em questão de embocadura.

3 CONCLUSÃO

As ações que objetivam a formação continuada, nesse caso, das Bandas de Música, possibilitam que os participantes estejam em constante processo de atualização, permitindo que as experiências vivenciadas, tanto por meio dos estudos dirigidos como também da prática no contexto das bandas possibilitem uma formação musical mais sólida, refletindo diretamente no resultado técnico do músico como também na Banda de Música.

O uso das plataformas virtuais possibilita maior acesso às informações, e com o advento da tecnologia, que têm se tornado mais acessível à população, destacamos as facilidades de interação com Bandas de Música de diversos Estados do Brasil. No entanto, durante o período de realização das ações, percebemos algumas dificuldades que perpassam diversas situações e que atuam diretamente na condição de aprendizagem dos alunos, sobretudo aqueles que possuem menor poder aquisitivo, seja por falta de internet com boa conexão, câmeras com baixa qualidade, dentre outras questões.

Destacamos, de forma positiva, a atuação das bandas na Caravana Natalina e o resultado desse trabalho refletindo na autoestima dos alunos, sentimento gerado por diversos motivos, que são eles: poder viajar e apresentar seu trabalho em outra cidade e para outras pessoas; a experiência do palco em outro contexto, e momentos de entrevistas para rádios, TVs e outros canais de comunicação.

Esse contexto favorece de forma positiva e direta o resultado musical da banda, pois os alunos passam a interagir e desenvolvem novas maneiras de atuar, seja no tocar seu instrumento, a maneira de como se comportam durante os ensaios e apresentações, e as lições que são aprendidas para a vida.

Neste sentido, a partir das experiências de realização do Programa de Formação para Bandas de Música como também dos relatos obtidos por meio de questionários juntos aos maestros e alunos participantes da ação, destacamos os resultados positivos obtidos por meio das oficinas virtuais de instrumentos musicais e para além dos conteúdos técnicos, que são fundamentais para o desenvolvimento instrumental.

REFERÊNCIAS

- FARIAS, Bruno Caminha. **Ensino coletivo de instrumentos de metal: aspectos metodológicos e técnico-interpretativos a partir das Orquestras de Metais Lyra Tatuí e Lyra Bragança**. 2019. Dissertação de Mestrado. Brasil.
- JOLY, M.C.L; JOLY, I.Z.L. Práticas musicais coletivas: um olhar para a convivência em uma orquestra comunitária. **Revista da Abem**. V.19, N. 26, p 79-91. Londrina: jul/dez, 2011. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista26/revista26_artigo7.pdf
- SANTOS, Leonardo Ramos dos; CAVALCANTE, Fred Siqueira. **“Método” para ensino coletivo de instrumentos de sopro**. In: XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ABEM. 2018
- SILVA, L. E. A. (org.). **Manual do Mestre de Banda de Música**. Rio de Janeiro: Walprint, 2018. 160 FUNARTE. Cadastramento de Bandas de Música. 2019. Disponível em: <https://www.funarte.gov.br/projeto-bandas-2/> Acesso em: 02 fev. 2021.
- SOARES, Washington de Sousa. **Concepções de aquecimento para banda de música: contribuições para o ensino coletivo de instrumentos de sopro**. In: XIII ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM. 2016.



VESTIR PARA DESPIR: UM OLHAR SOBRE A CRIAÇÃO DE FIGURINOS EM DANÇA CONTEMPORÂNEA

Luiz Felipe Ferreira da Rocha¹

Suênia de Lima Duarte²

Alberto Assis Magalhães³

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo apresentar e compartilhar uma experiência sublimar e formativa, a partir da oficina de construção de figurino do espetáculo de dança contemporânea Vida Nua. Vida Nua nos introduz na magia, beleza e complexidade dos encontros com os dilemas, as dúvidas e as (in)certezas inerentes às relações, à vida e à condição humana. Como metodologia trazemos a fenomenologia de Merleau-Ponty compreendida aqui como uma atitude de comprometimento com o mundo da experiência vivida que, na intenção de compreendê-la, torna-a fonte primordial de conhecimento, que além de embasar teoricamente este estudo, também serviu como fundamentação prática para o processo de criação artística. Todo o processo se deu por meio de uma oficina, realizada na sala de dança da Faculdade de Educação Física (FAEF) do Campus Central da UERN. Nos lançamos às aventuras da elaboração dos figurinos de uma criação artística em dança contemporânea, pois dentre a profusão de possibilidades do dançar, esta nos oportuniza o necessário espaço ao corpo. Sendo assim, considerando esse corpo que diz em seu fazer, que é político, que é poético, que estruturamos nosso processo criativo em dança. A partir de então, descrevemos o nosso processo de criação em detalhes, a fim de que coloquemos em ação um olhar contemplativo.

Palavras-Chave: Vida nua; Espetáculo; Sentir; Criar; Dançar.

ABSTRACT

The present study aims to present and share a sublime and formative experience, based on the costume construction workshop of the contemporary dance show Vida Nua. Vida Nua introduces us to the magic, beauty and complexity of encounters with dilemmas, doubts and (un)certainties inherent in relationships, life and the human condition. As a methodology, we point out the phenomenology of Merleau-Ponty, we see it as an attitude

1 Mestre em Artes Cênicas (PPGArC/UERN), docente do Curso de Educação Física da FAEF-UERN, feliperochasa@hotmail.com

2 Mestra em Educação (POSEDUC/UERN), docente do Curso de Educação Física da UERN-CAMEAM, limaduarte-uern@hotmail.com

3 Aluno do Programa de Pós-graduação em Ensino/POSENSINO – associação ampla entre UFERSA, UERN e IFRN, betoassis2001@hotmail.com



de of commitment to the world of lived experience, which in order to understand it, makes it the primary source of knowledge, which in addition to theoretically supporting this study, also served as a foundation practice for the process of artistic creation. The whole process took place through a workshop, held in the dance room of the College of Physical Education at the UERN's Central Campus. We launched ourselves into the adventures of designing the costumes of an artistic creation in contemporary dance because among the profusion of possibilities of dancing, this one gives us the necessary space for the body. Therefore, considering this body says in its doing, which is political, which is poetic, we structure our creative process in dance. From then on, we will describe our creation process in detail, so that we can put into action a contemplative look.

Keywords: Vida nua; Spectacle; to feel; to create; to dance.

1 O INÍCIO DE UMA NUDEZ: PRIMEIROS EXPERIMENTOS DO ESPETÁCULO VIDA NUA.

Sabemos, ainda que confusamente, que a arte fala de nós, que carrega em si algo singular do homem e da sua relação com o mundo. Podemos dizer que a arte “brinca” com as forças pulsionais, que se fazem corpo no ator, no músico, no artista plástico ou mesmo no corpo do bailarino. Assim, começamos a perceber o homem como um ser movido por forças paradoxais, as quais entram em conflito diariamente. Somos o que Morin (2007) chama de ser sapiens-demens. Sapiens, no sentido, de um ser racional e sábio. E Ser Homo implica igualmente ser demens, que manifesta uma afetividade extrema, convulsiva, com paixões, cóleras, gritos, mudanças brutais de humor. Freud (2004) diz que a estrutura psíquica parte de dois princípios: o do desprazer/prazer, e o princípio da realidade. O primeiro conduz à fantasia. Isto é, o nosso inconsciente, através de algumas estratégias como os sonhos, por exemplo, fomenta uma representação psíquica daquilo que deseja. No entanto, apenas pensar sobre o que desejamos não nos satisfaz. Por consequência, voltamo-nos para o mundo real. Assim, surge o princípio da realidade, o qual revela que precisamos lidar com as situações que vivemos no cotidiano, mesmo que desagradáveis.

Assim, a arte se apresenta como uma possibilidade de um viver criativo, como uma possibilidade de lidar com o desagradável. O viver criativo segundo Caminha (2016) diz respeito a tudo aquilo que fazemos para fortalecer o sentimento de que estamos vivos, e de que somos nós mesmos. Precisamos dar voz e sentido a um viver que urge por vida. Destarte, a dança se apresenta como uma linguagem artística que possibilita um despertar para o que somos, por meio do corpo em movimento.

Morin (2008) diz existir dois tipos de linguagem, a racional e a simbólica. Sendo essa primeira dotada de uma perspectiva mais prática, objetiva, conceitual. Já a simbólica se apresenta de forma mais mítica, mágica, mais

subjetiva, cuja preocupação é compreender a vida e viver a compreensão do ser, do mundo, de ser a si mesmo no mundo. A arte de dançar se apropria dessa linguagem simbólica, sem desprezar a racional, uma vez que a arte bebe da prosa da vida, para torná-la pura poesia. Nesse sentido a linguagem racional conduz o homem a um estado prosaico, no qual vivemos grande parte da vida. Por outro lado, a linguagem simbólica nos transporta para um universo poético. Nesse sentido, as cerimônias, as danças, as músicas e a literatura, a arte, nos fazem imergir nesse estado poético da vida. Assim, transpondo a linguagem poética para a realidade, traduz-se aqui como fazer arte. Assim nasce o espetáculo “Vida Nua” uma necessidade psíquica de lidar com a realidade não descartando o prazer dessas experiências, o prazer da aprendizagem em forma de sublimação. Transformar toda força pulsional em arte.

O espetáculo Vida Nua faz parte de um projeto desenvolvido pelo Grupo de Dança Universitário de Mossoró (GruDum) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte -UERN, e está vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, especificamente a Diretoria de Educação, Cultura e Arte - DECA. O grupo de dança, hoje, trabalha com uma perspectiva formativa que vai além da formação técnica do bailarino, mas que possibilita experiências existenciais por meio de um corpo que dança.

Vida Nua nos introduz na magia, beleza e complexidade dos encontros com os dilemas, as dúvidas e as (in)certezas inerentes às relações, à vida e à condição humana. O espetáculo de dança contemporânea aborda o encontro da vida com ela mesma, na qual o sujeito se faz em processo de descoberta a si próprio no corpo que pulsa, com/pelo/para o outro, que afeta e, ao mesmo tempo, é afetado. Na paixão e na razão, no prazer e na dor, no ficar e no partir, assim descobrindo o sentido de viver.

Inspirado no livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector, *Vida Nua*, ao narrar o encontro humano de Lóri e Ulisses, incita-nos a um encontro com todos aqueles que estiveram, estão e estarão na nossa vida e, em particular, um encontro com nós mesmos: com quem fomos, com quem seremos, com quem somos.

Durante o desenvolvimento deste projeto surge a inquietação em propor um figurino que traga as marcas dos corpos dos bailarinos que dançam, que ultrapassem as personagens, mas que deem voz e vez aos bailarinos, ou seja eles não são submetidos a vestir um figurino, mas convocados a criar suas próprias impressões, sentidos e experiências, não descartando as possibilidades simbólicas, as quais se apresentassem no momento que estavam vivendo. Todos foram submetidos a um “despir-se”, partindo de um vestir. O objetivo deste estudo é apresentar e compartilhar uma experiência sublimar e formativa, a partir da oficina de construção de figurino do espetáculo de dança contemporânea *Vida Nua*.

2 METODOLOGIA: UM CONVITE A EXPERIÊNCIA



Para Merleau-Ponty (1994), a fenomenologia é uma atitude de comprometimento com o mundo da experiência vivida que, na intenção de compreendê-la, torna-a fonte primordial de conhecimento, bem como referência para a sistematização teórica, o que a distância completamente das postulações modernas em relação à produção do saber, pautadas essencialmente no racionalismo. A atitude fenomenológica, portanto, foi identificada como método de encontro aos objetivos desta pesquisa, tendo em vista que esta é uma atitude que envolve o mundo da experiência vivida, com o intuito de compreendê-la. Essa posição não é uma representação mental do mundo, mas envolvimento que permite a experiência, a reflexão, a interpretação, a imputação e a compreensão de sentidos (NÓBREGA, 2010, p. 38).

A atitude fenomenológica não apenas referência metodologicamente a construção teórica dessa pesquisa, mas também fundamenta na prática o processo de criação artística, uma vez que foi a partir dessa referência que optamos por um processo de criação colaborativo, no qual todos os participantes têm voz e vez, ou seja, os dançarinos não são aqui convocados submetidos a vestir um figurino determinado ou ditado por um coreógrafo ou diretor artístico hierarquicamente posicionado sobre eles, mas estes oferecem à criação das vestimentas suas impressões, seus sentidos, suas experiências.

3 O VIR A DESPIR PARA UM VESTIR

Todo o processo se deu por meio de uma oficina, realizada no dia 19 de julho de 2017, na sala de dança da Faculdade de Educação Física do Campus Central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Nessa oficina estiveram presentes o elenco do espetáculo Vida Nua, diretores, coreógrafos, figurinistas, fotógrafos, produtor, porém apenas o elenco de bailarinos realizou o trabalho de construção dos figurinos. A oficina iniciou às 18h00min em um círculo em que dialogamos sobre todo o processo o qual eles iriam vivenciar, bem como tornar explícito a teoria que fundamentaria toda a experiência estética. Em seguida foi realizada experiência com um se movimentar que proporcionasse um sentir corpóreo, para em seguida iniciarmos o processo de exteriorização por meio de representações simbólicas.

Para Merleau-Ponty (1994), o corpo é condição da existência, assumindo ele uma dupla posição na qual é ao mesmo tempo sujeito e objeto, tocante e tocado, vidente e visível, senciante e sensível. O filósofo contrapõe-se a concepção mecanicista de corpo sustentada pela filosofia moderna, que o determinava simploriamente como prodigiosa engenhosidade, diferenciada das demais máquinas unicamente pela singularidade de suas peças.

É distanciando-se desse corpo mecanizado e industrial, saturado de engrenagens e dobradiças, que Merleau-Ponty busca, num simples aper-

to de mãos, argumentos para romper com impasses ocasionados pelas filosofias da consciência, refletindo sobre a condição humana presente na reversibilidade dos sentidos, ou seja, na mão que toca na medida em que é tocada, no corpo vidente, que de frente a um espelho, é visto por si mesmo.

O corpo não é apenas um aglomerado de órgãos e sistemas que visam o funcionamento fisiológico do indivíduo, não é propriedade no sentido de possuí-lo, o corpo é condição para a existência do sujeito, sujeito esse que é e se faz na relação consigo e com o outro. “O corpo se transforma num dom. E se sente que é um dom porque se está experimentando, numa fonte direta, a dádiva indubitável de existir materialmente” (LISPECTOR, 1999, p. 86).

Figura 1 - Imagem resultado do laboratório



Fonte: Dados dos pesquisadores., 2022.

Foi nessa condição de existência corporal, que permearam as experiências com o corpo na oficina. Partindo da perspectiva, que o corpo não é simplesmente um feixe de funções, um objeto inerte e inanimado, um invólucro para a alma, ou suporte para a consciência, mas sim imersão no mundo, eixo de infinitas conexões e incontáveis relações, modo fundamental de sermos e estarmos no mundo e em troca com ele.

O corpo é uma forma de existência que permite ao sujeito estar ligado ao mundo e o mundo ao sujeito, como afirma Merleau-Ponty (1994, p. 576)

[...] o mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta. O sujeito é ser-no-mundo, e o mundo permanece “subjetivo”, já que sua textura e suas articulações são desenhadas pelo movimento de transcendência do sujeito.

Merleau Ponty nos dimensiona uma relação com o mundo que é antes de tudo sensível, perceptiva, vivida por um corpo dotado de inten-

cionalidade original, a qual o permite lançar-se no mundo e aprender o seu sentido. Experiência e conhecimento se entrelaçam no fenômeno da percepção e fundam no vivido um entendimento que é sempre anterior.

Pensar a existência é necessário refletir sobre o sentir, ao ponto que a nossa existência não deve ser reduzida às perspectivas biológicas. De acordo com Merleau-Ponty (1994, p.3)

[...] eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido.

Para o filósofo, “o corpo e o conhecimento sensível são compreendidos como obra de arte, aberta e inacabada, horizontes abertos pela percepção” (NÓBREGA, 1999, p.125). E é assim que compreendemos o corpo nesta pesquisa, como obra de arte, corpo que pinta o mundo com suas próprias cores e que em versos declama a poesia de viver.

Figura 2: Imagem resultado do laboratório



Fonte: Dados dos pesquisadores, 2022.

No nosso caso, essa pintura se fez presença nos corpos dos dançarinos do Grupo de Dança Universitário de Mossoró (GRUDUM), que vivem essa experiência de transpor para o corpo em movimento as suas impressões acerca dos escritos de Clarice Lispector, e criar, a partir dessa transposição, os figurinos da obra artístico-coreográfica em dança contemporânea intitulada “Vida Nua”. A partir desse processo livre e criativo, ancorado nos fundamentos da fenomenologia de Merleau-Ponty que considera o corpo como movimento, sensibilidade e expressão criadora, os corpos se libertam, sentem e trazem em si as cores, formas e sentidos que a existên-

cia permite materializar.

A francesa Laurence Louppe (2012), historiadora, crítica e pesquisadora em dança especializada em estética, uma das mais relevantes teóricas das práticas coreográficas contemporâneas, pode nos esclarecer quanto à íntima afeição da dança contemporânea pelo corpo, bem como do papel a ele atribuído na construção de sua poética. A autora nos atenta para uma ruptura epistemológica que vem sendo operada pela dança contemporânea, uma ruptura que consente com que o corpo, e sobretudo, que o corpo em movimento, seja ao mesmo tempo sujeito, objeto e ferramenta do saber que lhe é próprio, possibilitando a emergência de uma outra percepção, bem como de uma outra consciência de mundo. Trata-se de uma nova maneira de sentir, de criar.

Figura 3 - Imagem resultado do laboratório



Fonte: Dados dos pesquisadores, 2022.

Recostados sobre esse entendimento é que nos lançamos às aventuras da elaboração dos figurinos de uma criação artística em dança contemporânea, pois dentre a profusão de possibilidades do dançar, esta, nos oportuniza o necessário espaço ao corpo. Dessa forma tornamos a afirmar a importância do corpo para a constituição de nosso processo de criação de figurinos e a nossa escolha pela dança contemporânea enquanto adequado espaço dentre as possibilidades artísticas, que se apresenta coerente ao ponto em que o corpo reclamado por ela esquia-se dos cânones do decoroso ideal único aclamado pela estética clássica.

4 CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Nessa perspectiva, o corpo na dança contemporânea anseia por não

trabalhar no velho fundo espetacular, no qual se reproduziria como uma mera aparição fantasiada de si mesmo. Ele não se contenta com as suas formas admitidas e reconhecíveis, mas busca desnudar outros corpos possíveis, corpos poéticos capazes de transformar o mundo. Nessa perspectiva, a busca é por compreender, apurar e aprofundar o corpo, constituindo-o projeto lúcido e singular, para que a partir desta nascente, os dançarinos, que nesse estudo participam ativamente do processo de construção dos figurinos, possam investir numa poética própria, acionada numa intenção diante dos escritos da literária Clarisse Lispector, que tem a sua textura concedida pelo corpo e pelo seu movimento.

É rompendo a pragmática compreensão da dança como linguagem do indizível, que a notável pesquisadora em dança, Jussara Setenta (2008), apresenta-nos a dança enquanto fazer-dizer do corpo. Nessa perspectiva a dança não apenas se torna dizível, como pode ser contemplada dizendo-se em seu fazer. Um fazer relacionado às informações do mundo, numa compreensão de que é impossível abster o corpo que dança do contexto onde este apresenta suas propostas. Sendo justamente a partir desse entrelaçamento entre dança e mundo, que emerge um discurso eminentemente político.

É considerando esse corpo que diz em seu fazer, que é político, que é poético, que estruturamos nosso processo criativo em dança. A partir de então, descreveremos o nosso processo de criação em detalhes, a fim de que coloquemos em ação um olhar contemplativo. Faz-se interessante saber que Louppe (2012) em seus escritos sobre a poética da dança contemporânea, destaca a importância do caminho percorrido pelo artista.

Não estamos focados em estabelecer um método de criação, ou de propor sentidos definitivos para coisas e pessoas, mas simplesmente enveredar num trajeto prático e de reflexões capazes de nos projetar rumo a possibilidades artístico-criativas que considerem a dimensão poética do corpo.

REFERÊNCIAS

CAMINHA, I. de O. Corpo e saúde como obra de arte. In: **A expressão do Pathos e a saúde possível**. Ed. CCTA: João Pessoa, 2006.

FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

LISPECTOR, C.. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, C.; GOULART, B. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Sabiá, 1969.



LOUPPE, L. **Poética da Dança Contemporânea**. Tradução de Rute Costa. Lisboa: Orfeu Negro, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MORIN, E. **O método 5: A humanidade da humanidade: a identidade humana**. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Amor, poesia, sabedoria**. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NOBREGA, T, P, da. **Fenomenologia do Corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

SIQUEIRA, D. C. O. **Corpo, Comunicação e Cultura: A Dança Contemporânea em Cena**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SETENTA, J. S. **O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade**. Edufba, 2008.



SAÚDE LGBT+ NA POPULAÇÃO IDOSA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UM OLHAR INCLUSIVO NA GERIATRIA

Ana Karollyne Salviano Ferreira de Melo¹

Allyssandra Maria Lima Rodrigues Maia²

Fernanda Clara da Silva³

Milton Roberto Furst Crenitte⁴

Tammy Rodrigues⁵

RESUMO

O envelhecimento populacional culminou no aumento proporcional dos idosos. Nesse viés, também houve aumento da quantidade de idosos identificados como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Transexuais (LGBT+). Historicamente, este segmento é negligenciado, todavia, precisa e merece de um olhar social inclusivo, especialmente no que tange à figura do médico. Assim, o projeto de extensão Grupo de Incentivo à Saúde do Idoso (GSI), visando fomentar a discussão das perspectivas da geriatria no contexto da população idosa LGBT+, organizou uma reunião científica online ministrada pelo médico Milton Crenitte, geriatra pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) que desenvolve uma linha de pesquisa sobre envelhecimento LGBT+. Sob esse panorama, foi possível abordar as particularidades do idoso LGBT+, sua visão tanto na sociedade como no sistema de saúde e a construção de ambientes inclusivos para LGBT+ 60+. A partir da iniciativa, foi notória a possibilidade de aprendizado e sedimentação de conhecimentos em relação ao tema, que certamente conduziu os integrantes do projeto a uma nova visão e, especialmente, inspirou para que novas iniciativas nesse contexto fossem desenvolvidas.

Palavras-Chave: Assistência centrada no paciente; Relações comunidade-instituição; Minorias sexuais e de gênero.

1 Graduada em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. anakarollyne@alu.uern.br.

2 Professora da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutora em Ciência Animal – Universidade Federal Rural do Semi-Árido. allyssandrarodrigues@uern.br.

3 Graduada em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. fernandaclara@alu.uern.br.

4 Residência em Geriatria pela Universidade de São Paulo. Doutor em Ciências - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. milton.crenitte@gmail.com.

5 Professora da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Residência em Medicina de Família e Comunidade pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. tammyrodrigues@uern.br.



ABSTRACT

Population aging is the result of an increase in the proportion of older people. In this sense, also there has been an increase in the number of elderly people who identify as Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender and Transsexual (LGBT+). Historically, this group is neglected, however they need and deserve social inclusion, especially an inclusive perspective by the doctor. Thus, the extension project “Grupo de Incentivo à Saúde do Idoso”, which aims to discuss geriatric medicine perspectives in the context of elderly population who identify as LGBT+, organized an online scientific presentation by the doctor Milton Crenitte, a geriatrician who works at Faculdade de Medicina of Universidade de São Paulo (FMUSP) and develops researchers on LGBT+ aging. In this context, it was possible an approach to the particularities of LGBT + elderly people, how they are viewed and treated in society and in the health system but also it was possible to discuss the construction of an inclusive community for LGBT+ older than 60 years. From this initiative, the possibility of learning in relation to the theme was notorious which certainly led the project members to a new perspective and especially inspired them for new initiatives.

Keywords: Patient-centered care; Relationship between the community and the institution; Sexual and gender minorities

1 INTRODUÇÃO

A nível nacional e mundial, o envelhecimento da população é um fenômeno crescente, seja pelos avanços da Medicina ou da urbanização, por exemplo. No Brasil, considera-se idoso aquele que está na faixa etária a partir de 60 anos de idade. Estudos recentes apontaram que em 2030, a população idosa pode abarcar quase 19% da população do país. Sob esta conjectura, a longevidade tem ganhado destaque e com ela, algumas questões importantes. Dentre elas, é o aumento proporcional também dos idosos que integram Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Transexuais (LGBT+) - uma população negligenciada, mas que precisa de um olhar social e, principalmente, médico inclusivo, com as mudanças que imperam do mundo atual (HENNING, 2017).

O Grupo de Incentivo à Saúde do Idoso (GISI), institucionalizado pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e vinculado ao Comitê Local UERN da Federação Internacional das Associações dos Estudantes de Medicina do Brasil (IFMSA Brazil UERN), é um projeto de extensão que visa discutir os principais temas sobre senescência e senilidades de forma lúdica e prática entre os integrantes do projeto e também com os próprios idosos. Desta forma, realizam-se encontros na Unidade Básica de Saúde (UBS) com os idosos para orientá-los sobre temáticas importantes, tais como: automedicação, doenças crônicas, nutrição e sexualidade. Esses temas também são usa-

dos para capacitações com os extensionistas e coordenadores do projeto, a fim de que temas considerados tabus possam ganhar visibilidade, visando a integralidade social, cultural e saudável de um idoso. Com o objetivo de melhor discorrer sobre um tema muito importante no mês do Orgulho LGBTQ+, o projeto resolveu abordar as perspectivas da geriatria sobre a população idosa LGBTQ+.

De forma recente, a Geriatria, a Gerontologia e demais campos disciplinares que estudam o envelhecimento, tem se deparado com essa questão latente ainda pouco debatida. O modelo heteronormativo, socialmente imposto nas relações e no cotidiano, também se faz presente no contexto do envelhecimento e dos tabus sobre sexualidade que rondam os idosos. Essa rede ideológica é frágil, haja vista que tal perspectiva finda por marginalizar as orientações sexuais diversas que existem na sociedade. No contexto gerontológico, isso esbarra no desafio de caracterizar o envelhecimento além desta visão limitada, já que não incluir o envelhecimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Transexuais é insuficiente na construção não apenas social de gênero e sexualidade nos idosos, mas também no campo da saúde (SALGADO *et al.*, 2017).

A partir do reconhecimento do público LGBTQ+ como uma minoria sexual, é de suma importância reconhecer que há o enfrentamento da discriminação, estigmatização e violência, e essas são características socioculturais ainda marcantes. É interessante contextualizar que o idoso LGBTQ+ atual teve o ápice de sua juventude no século XX, vivenciando uma ditadura interior e exterior de aceitação da sua sexualidade que perdurou com o passar das décadas junto com o medo de assumir sua identidade frente a uma sociedade discriminatória (SANTOS *et al.*, 2020). Além desse preconceito gerar alta carga de ansiedade, estresse, isolamento social e medo nas pessoas idosas, a própria senilidade e muitas vezes a dependência de cuidados faz com que eles se sintam obrigados a “permanecer no armário” para que recebam um tratamento com dignidade e respeito. De tal forma, esse padrão LGBTQfóbico favorece o apagamento das características e da identidade das velhices não heteronormativas (CRENITTE; MIGUEL; JACOB-FILHO, 2019).

Além disso, um ponto importante é a inclusão do envelhecimento de pessoas que se identificam como homossexuais na sociedade em geral e principalmente nos aparelhos de saúde, a fim de que os estigmas e preconceito da velhice atrelada a “homossexualidade” e a “transgeneridade” sejam minimizados. Dessa forma, é imperativo abordar, suscitar e criar cenários mais desafiadores e problemáticos para que tal discussão acerca do espectro identitário da sigla LGBTQ+ em pessoas idosas seja mais evidente (HENNING, 2017).

Há um recente avanço no panorama, mostrando que a literatura tem investigado e debruçado maior atenção sobre essa temática, tentando abordar as particularidades ora segregadas na Gerontologia. Assim, o objetivo dessa reunião científica online foi discutir o panorama acerca das

velhices LGBTQ+ e refletir sobre as peculiaridades e inclusão integral na saúde dessa população.

2 RELATO DA EXPERIÊNCIA

A ação foi proposta como parte das reuniões científicas do projeto GISI. Visando o mês de junho repleto da programação temática pelo Orgulho LGBTQ+, a ideia foi que esse tema fosse abordado dentro do grupo para suscitar o debate da população idosa LGBTQ+ e seus desafios relacionados. A proposta foi idealizada a partir do contexto da pandemia da COVID-19, o que a fez ocorrer de forma digital via plataforma de streaming YouTube, no perfil da IFMSA Brazil UERN. Para abordar o assunto com competência, um médico geriatra especializado no assunto foi convidado para palestrar, Milton Roberto Furst Crenitte. Graduado em Medicina e com atuação em Geriatria, ambos pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), o médico atua em pesquisas sobre envelhecimento LGBTQ+, sendo voluntário da Organização Não Governamental (ONG) Eternamente SOU, voltada para o público LGBTQ 50+ (Imagens 1 e 2).

Para melhor o entendimento sobre a temática, dias antes do evento, alguns artigos sobre saúde idosa LGBTQ+ foram selecionados pela coordenação do projeto e encaminhados para todos os extensionistas do GISI. Já em relação à divulgação da reunião, esta foi feita a partir das redes sociais, utilizando principalmente a rede Instagram, de modo a abranger os seguidores tanto das contas oficial do GISI e da IFMSA Brazil UERN quanto das contas pessoais da equipe do projeto. Assim, a reunião ocorreu no dia 22 de junho de 2020 ao vivo e iniciou às 19 horas, durando aproximadamente 1 hora e ficando também salva no canal. Ademais, ressalta-se que foi aberta ao público em geral e todos poderiam fazer perguntas via chat.

imagens 1 e 2 – Artes de divulgação da reunião “Saúde LGBTQ+ na população idosa”



Fonte: Acervo do autor, 2020.

Para dar introdução da discussão via YouTube, o convidado enfatizou a necessidade de ter uma ampla visão ao se tratar de um idoso, considerando as três esferas da vulnerabilidade: individual, social e programática. Outro ponto importante na atual Gerontologia, é a desmistificação da “velhice assexual”, já que há alguns anos, o assunto de sexualidade na terceira idade refletia um tabu dentro de uma sociedade extremamente conservadora. E assim, nota-se a mudança recente deste paradigma, em um movimento de reflexão, visando tratar e aceitar a sexualidade na velhice. Em contrapartida, no que tange aos idosos LGBTQ+, um pouco daquela visão velada retorna, já que muito do padrão social heteronormativo tende a considerar todas as velhices heterossexuais e cisgêneras, quando na verdade, há um leque de formas de se relacionar. Assim, uma vez rompido o tabu da sexualidade na velhice, deve-se romper a barreira entre esse tema e os idosos LGBTQ+.

No quesito de acesso à saúde no envelhecimento, o médico trouxe alguns dados. Explicou que o público idoso LGBTQ+ relata ter receio de usar os serviços e mais da metade afirma que já sofreu preconceito ao procurar auxílio médico. Exemplificou o caso de mulheres lésbicas, que realizam menos exames preventivos como a mamografia e o Papanicolau em relação às suas contemporâneas heterossexuais. Uma pesquisa importante realizada pela Organização Não Governamental (ONG) Eternamente SOU mostrou que a maioria desses idosos também não declara abertamente sua orientação sexual para os profissionais de saúde (fisioterapeutas, médicos, enfermeiros, etc). Em consequência desse público não declarar essa informação, o acesso à saúde não é tão eficiente e os profissionais não aderem às particularidades destes.

O geriatra Milton reforçou que com o processo de envelhecimento, a saúde mental é impactada pelas mudanças fisiológicas e sociais. Além disso, esses fatores por si só já impactam na saúde do idoso e são agravados, em grande parte, pela cultura que sempre exalta a beleza, a juventude e a independência e o idoso, e ao perder essas funções, pode sofrer de processos de ansiedade, sobrecarga emocional e levar até a quadros mais sérios de depressão.

Ademais, refletiu-se que se é difícil para esse público cuidar da saúde mental ao envelhecer, para a população idosa LGBTQ+, é ainda mais complicado abordar o tópico. Muitos desses idosos sofreram preconceito e repressão durante toda a sua vida e juventude pela sua aceitação da orientação sexual e identidade de gênero. Um dos pontos que mais perpassa a velhice LGBTQ+ é a solidão, advinda do isolamento social e do conceito de “família” para essa geração de idosos. Muitos desses idosos tiveram que romper suas relações familiares ou foram expulsos de casas ou não tiveram relações duradouras com seus entes. Assim, boa parte dessa comunidade é solteira, mora sozinha e não teve filhos. Uma das preocupações desse fato é a insegurança de não ter alguém para chamar em caso de



emergência, fragilizando o suporte social e o cuidado dessas pessoas em uma fase de maior vulnerabilidade. Nesse momento de discussão, dialogou-se com a importância da abertura do profissional de saúde com a família de escolha do próprio paciente, afinal laços consanguíneos nem sempre representam, de fato, a rede de apoio de um indivíduo.

Quanto a este tópico, percebeu-se que a criação de espaços de saúde amigáveis a esse público é essencial. Dessa maneira, a implantação de práticas, linguagens e de símbolos que sinalizem um local não discriminatório e inclusivo auxilia no desenvolvimento tanto social quanto na abertura das questões de sexualidade na saúde geriátrica. Uma pauta destacada foi quanto às instituições de apoio e lares de idosos. Dr. Milton reforçou o papel transformador da extensão universitária inspirando-nos a capacitar os profissionais desses ambientes e promover educação entre os próprios residentes que frequentam o ambiente. Isso é essencial para que os idosos que são LGBTQ+ se sintam queridos e respeitados, sempre buscando acabar com qualquer tipo de violência.

Durante o momento de perguntas e respostas com o convidado, alguns temas importantes foram pontuados. Um dos questionamentos levantados foi como atender um idoso LGBTQ+ que se assumiu para o profissional de saúde, mas não para sua família. Doutor Milton explicou que isso exige uma postura que passe não apenas confiança, mas acolhimento e respeito da decisão desse paciente em contar ou não à família, verificando impactos financeiros e de violência caso ele decida expor a sua sexualidade. Também é plausível trabalhar os estigmas associados a “sair do armário” no quesito psicossocial. Com isso, é de suma importância que o profissional de saúde não tenha tabu e passe sempre uma imagem afável e sem julgamentos, seja na comunicação verbal ou gestual.

Ainda, o facilitador falou sobre sua motivação e interesse nessa área, que viu tão pouco abordado durante sua residência e na rotina médica. Também discorreu o trabalho que desempenha na ONG Eternamente SOU voltado ao público 50+, que conta com o primeiro espaço de convivência LGBTQ+ de idosos do Brasil e estimula várias atividades aplicadas na saúde física e mental da comunidade ali presente.

Ao falar de saúde LGBTQ+, a população trans carece ainda mais de cuidados. No envelhecimento da população trans, destaca-se que o homem trans tem vagina e pode ter ainda útero, o que impacta na realização do exame preventivo para rastreio de Papiloma Vírus Humano (HPV) e possíveis indícios de câncer cervical, por exemplo. A mulher trans tem próstata, o que necessita de cuidado médico na avaliação do câncer. Cita-se ainda que essa idosa possui maior risco de osteoporose, devido ao bloqueio de testosterona que é causado pela hormonioterapia e esse fator faz da idosa trans mais predisponente a fraturas.

Baseado nos ensinamentos e na discussão proposta dentro do grupo, é notório que há uma demanda social crescente nesse eixo temático, ainda atrelada a aspectos culturais e preconceitos, principalmente na área

médica. Poder abordar as terminologias, compreender a diversidade presente na identidade de gênero, na orientação sexual e trabalhar o empoderamento desses idosos ainda marginalizados foi uma forma de acolher toda essa pluralidade idosa LGBT+ e dar visibilidade a eles.

A partir dos aspectos multifatoriais do idoso LGBT+, é necessário que os cursos médicos e os serviços públicos e privados de saúde passem a problematizar esse campo e fazê-lo virar uma realidade, acabando com o silêncio e fazendo com que mais atividades e reuniões como a descrita se tornem possíveis.

3 CONCLUSÃO

Em síntese, a saúde da população LGBT+ idosa é um tema negligenciado na geriatria, mas que tem ganhado força e discussão recentemente. Durante a exposição, o convidado elaborou a construção e argumentação de temas muito importantes tanto no aspecto pessoal quanto como futuros profissionais de saúde, se atentando a ser sempre inclusivos e acolhedores e trazendo uma perspectiva nova para o GISI. Por meio da ação, foi possível ver o quão impactante foi a abordagem, já que todos os participantes do projeto de extensão fizeram muitos elogios e reflexões sobre o assunto, mostrando que esse tabu da sexualidade senil está cada vez mais longe dos futuros consultórios médicos.

REFERÊNCIAS

CRENITTE, M.R.F.; MIGUEL, D.F.; FILHO, W.J. Abordagem das particularidades da velhice de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros. **Geriatr Gerontol Aging**, Rio de Janeiro, v. 13, n.1, p. 50-56, jan.-mar. 2019. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/ggaging.com/pdf/v13n1a09.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

HENNING, C.E. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 283-323, abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/Mw-58qyvVjfSQy7hbmmZqLbm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 ago. 2022.

HENNING, C.E. Luxo do Futuro. Idosos LGBT, teleologias heteronormativas e futuros viáveis. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 133-158, ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ses-s/a/6BV7hwY9pTWB9qdmTHcCczn/?lang=pt#>. Acesso em: 24 ago. 2022.

SALGADO, A.G.A.T. et al. Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. **Cienc. Psicol.**, Montevideo, v. 11, n. 2, p. 155-163, nov. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/pdf/cp/v11n2/1688-4221-cp-11-02-155.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2022.



SANTOS, J.V.O. et al. O que os brasileiros pensam acerca da velhice LGBT? Suas representações sociais. **Av. Psicol. Latinoam.**, v.38 n. 2, p. 1-14, fev, 2021. Disponível em: Acesso em: 24 ago. 2022.

SANTOS, J.V.O.; ARAÚJO, L.F.; NEGREIROS, F. Atitudes e Estereótipos em Relação à Velhice LGBT. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, v. 29, ano 13, p. 57-69, jan.-jun. 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/9624>. Acesso em: 23 ago. 2022.





PRIMEIROS PASSOS PARA EDUCAR EM DIREITOS HUMANOS: O GRUPO DE ESTUDOS DO INSTITUTO AURORA COM O IFPR

André Bakker da Silveira ¹
Cássia Cristina Moretto da Silva²
Patrícia Meyer³

RESUMO

A presente ação de extensão é fruto de uma parceria do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) do Instituto Federal do Paraná (IFPR) e o Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos, alinhada com o Programa Institucional de Educação em Direitos Humanos (PIDH) do IFPR, consistente na realização de um grupo de estudos para construção de um espaço de aprendizado coletivo, destinado à formação de educadores em direitos humanos. Arelada ao Projeto de Extensão Diálogos Interraciais, essa ação teve como objetivo promover a cultura do respeito aos direitos humanos entre educadores, estudantes e comunidade. Os encontros do grupo de estudos foram realizados de forma on-line, aberta e dialogada, sendo a discussão fomentada por meio de leituras e de materiais audiovisuais. A partir da complexidade da prática pedagógica que envolve a educação em direitos humanos, a metodologia utilizada pelo Instituto Aurora fundamenta-se nos Círculos de Construção da Paz, de Kay Pranis, e nos Círculos de Cultura, de Paulo Freire. Como resultados dessa ação, cabem destacar: o paulatino aumento no número de participantes nos encontros e o consequente enriquecimento da formação desses participantes em relacionar o conceito de direitos humanos, sua importância e o contexto social e escolar; a ampliação do repertório teórico e cognitivo que propiciaram maior segurança aos participantes para o entendimento dos desafios e o enfrentamento das discussões contemporâneas sobre a temática; a necessidade de uma constante formação e atualização capaz de dar sustentáculo à prática docente consciente e orientada para se educar em direitos humanos.

Palavras-Chave: Educação; Direitos humanos; Formação de professores; Educação em direitos humanos.

¹ Gestor de pesquisa e projetos no Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos. Doutorando e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná. andre@institutoaurora.org.

² Professora EBTT, membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi) do IFPR Campus Curitiba. Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento (PPGMADE/UFPR). cassia.silva@ifpr.edu.br.

³ Professora EBTT, membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi) do IFPR Campus Curitiba. Doutora em Educação (PUCPR). patricia.meyer@ifpr.edu.br.



ABSTRACT

This extension project presented in this paper is the result of a partnership between the Nucleus of Afro-Brazilian and Indigenous Studies (Neabi) of the Federal Institute of Paraná (IFPR) and the Aurora Institute for Human Rights Education aligned with the Institutional Program of Human Rights Education (PIDH) of the IFPR, which creates an effective collaborative learning group in order to improve teaching skills in human rights education. The project is part of the Interracial Dialogues Extension Project and these actions aimed to promote a culture of respect for human rights among teachers, students and the community. The study group meetings were held online and there was dialogue and interaction among members, and the discussion was encouraged through readings and audiovisual materials. Based on the complexity of the pedagogical practice that involves human rights education, the methodology used by the Aurora Institute is based on the Peacemaking Circles by Kay Pranis and the Culture Circles by Paulo Freire. As a result of this project, it is worth mentioning the gradual increase of participants during the meetings and the consequent enrichment of their training as well as their ability to link concepts; but also there was an expansion of the theoretical and cognitive repertoire that provided greater certainty for participants to understand the challenges and face contemporary discussions on subject; such as the need for constant training to improve teaching practice that is conscious and oriented towards human rights education.

Keywords: Education; Human rights; Teachers training; Human rights education.

1 INTRODUÇÃO

O entendimento de que a educação em direitos humanos requer atenção permanente em formação e reflexão é a motivação para a realização da ação “Primeiros Passos para Educar em Direitos Humanos”. Entendemos que a atuação alinhada aos princípios da Educação em Direitos Humanos (EDH) se dá por intermédio de uma escuta atenta, pela busca de conhecimento para leituras de situações complexas e sensibilidade com temas atuais e necessários à sociedade brasileira.

Segundo Benevides (2007, p. 335), vivemos hoje as consequências de uma herança nacional de 400 anos de escravidão, que nos fez “[...] herdeiros de um crime hediondo, causa principal da permanência, entre nós, de uma mentalidade que desconhece ou tende a dar um conteúdo pejorativo aos Direitos Humanos”. Tal herança se materializa na discriminação racial; no preconceito com nordestinos; na existência do trabalho infantil; na discriminação motivada pela orientação sexual; no abuso de poder pela polícia; na devastação de florestas e na poluição; nas violências (físicas, de exploração econômica, supressão da liberdade ou constrangimentos) – dentre outras violações aos Direitos Humanos que seguem ocorrendo no

Brasil e no mundo (BENEVIDES, 2007).

Vivemos em um contexto de mudanças profundas, de pluralidade e dinamismo, de tensões entre a igualdade e a diferença e em que, embora muito se fale da importância dos Direitos Humanos, as violações se multiplicam (CANDAU, 2008). Diante desse panorama, Benevides (2007) afirma que nossa sociedade só irá reconhecer a urgência na promoção e defesa dos Direitos Humanos quando forem fortalecidas a organização popular e os princípios democráticos. Além disso, o Estado deve ser pressionado e intensas campanhas de esclarecimento devem ser feitas pelos meios de comunicação de massa e por meio da educação formal e informal.

A educação formal e a escola pública são espaços privilegiados para a EDH (BENEVIDES, 2007), mas as discussões e formações sobre o tema nas instituições de ensino ainda são pontuais, desafiadoras, frágeis e assistemáticas (CANDAU, 2013; TAVARES, 2020).

Dessa forma, só é possível compreender e transformar a realidade, criar uma cultura em prol dos Direitos Humanos (TAVARES, 2020), consolidar mentalidades e transformar as práticas, por intermédio da formação de educadores alinhados com essa perspectiva e sensíveis ao fato de que a EDH é “permanente, global, complexa e difícil” (BENEVIDES, 2007, p. 348). A introdução dos princípios da EDH, portanto, não passa apenas por sua incorporação formal ao currículo, mas pelo entendimento de que necessita constituir a profissionalidade docente e o currículo oculto, pois envolve valores, comportamentos e atitudes (TAVARES, 2020).

Dias (2007, p. 453) enaltece que: “educar para os direitos humanos, prescinde, então, de uma escuta sensível e de uma ação compartilhada entre professores e alunos, capaz de desencadear processos autônomos de produção de conhecimento”. A EDH, portanto, nessa perspectiva, se conecta com preceitos como ‘democracia’, ‘cidadania’, ‘paz’ e ‘justiça social’, tão caros à proteção dos direitos humanos (DIAS, 2007).

Para Tavares, tem-se na EDH “um dos mais importantes instrumentos dentro das formas de combate às violações de direitos humanos, já que educa na tolerância, na valorização da dignidade e nos princípios democráticos” (2007, p. 487). A autora ressalta, ainda, a importância da formação de educadores preparados para a prática da EDH de forma dialogada e contínua, pois “é a educação em direitos humanos que permite a afirmação de tais direitos e que prepara cidadãos e cidadãs conscientes de seu papel social na luta contra as desigualdades e injustiças” (TAVARES, 2007, p. 487).

O presente relato apresenta e analisa as implicações de um debate aberto com educadores e estudantes de diferentes áreas de conhecimento, da educação básica e superior, sobre a temática dos direitos humanos articulada aos desafios sociais contemporâneos. Alinha-se, portanto, às provocações de Candau (2013) e Benevides (2007) sobre a necessidade de incorporar a EDH na formação docente, uma vez que os educadores são agentes de multiplicação. Trata-se de um grupo de estudos, realizado em

2021 e 2022, que integra conceitos e teorias com a realidade concreta da sala de aula, com a finalidade de articular o educar em direitos humanos com a prática pedagógica.

A ação, promovida pelo Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos (doravante Instituto Aurora) e pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) do Instituto Federal do Paraná (IFPR) Campus Curitiba, e estendida para toda a comunidade pela oferta on-line de encontros, visou a compreensão dos direitos humanos a partir de uma perspectiva formativa elementar, baseada na diversidade social e cultural, na empatia, na solidariedade e na tolerância.

A parceria entre as instituições está baseada nas prerrogativas da Resolução nº 72, de 20 de dezembro de 2018, do IFPR, que institui o Programa Institucional de Educação em Direitos Humanos (PIDH) e salienta a importância de ações socioeducativas, assim como a formação continuada de servidores na temática. Por meio dos encontros do grupo de estudos, criou-se um espaço de troca de experiências, produção e difusão de conhecimento, a partir da curadoria de textos de referências teóricas importantes para a EDH.

Internacionalmente, a EDH é apontada pela Organização das Nações Unidas (ONU) como uma prática orientada para o “[...] desenvolvimento de uma cultura de direitos humanos” (UNESCO, 2006, p. 11), como define o Programa Mundial para Educação em Direitos Humanos. No Brasil, a EDH é defendida por especialistas de várias áreas, além de ser organizada por documentos oficiais em nível nacional, estadual e municipal. Por isso, é urgente que educadores e educadoras se familiarizem com o tema, trazendo-o para suas aulas, como aponta o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos – PNEDH (BRASIL, 2018), lançado em 2006, as Diretrizes Nacionais de Educação em Direitos Humanos (2012) e, no caso do Paraná, o Plano Estadual de Educação em Direitos Humanos – PeEDH (2015).

2 RELATO DA EXPERIÊNCIA

Para a realização do grupo, foram selecionados artigos de pesquisadoras com reconhecida trajetória na área de EDH, como Maria Victoria Benevides, Vera Candau e Eduardo Bittar, visando apresentar o cenário e trajetória de quem faz EDH no Brasil. Além dos textos, foram utilizados materiais audiovisuais.

Na primeira edição, em 2021, foram realizados oito encontros, sendo dois para cada uma das temáticas, quais foram: história e fundamentos dos direitos humanos; a educação em direitos humanos; educar em direitos humanos: empatia, solidariedade e diversidade; educar em direitos humanos: da teoria à prática.

A Figura 1 apresenta os temas, uma breve descrição da abordagem acerca da temática, os materiais base selecionados para cada encontro e,



também, os materiais complementares que serviram para aprofundamento pessoal.

Figura 1 — Temas, descrição e materiais de estudo da primeira edição do grupo de estudos em 2021



Fonte: Elaborado pelo autor e autoras (2022)

Foram ofertadas 15 vagas e inscreveram-se 24 pessoas por meio de formulário on-line. Tanto a divulgação quanto a inscrição continham informações precisas sobre a estrutura pedagógica do grupo de estudos (objetivo, temas, datas e metodologia), assim como prestava esclarecimentos sobre a necessidade de estudos prévios antes dos encontros síncronos. Ao final, a edição contou com seis participantes que foram certificados com 32 horas/aulas de estudo.

Após ajustes, na segunda edição, em 2022, os encontros foram condensados em cinco, para redução da evasão dos participantes. Nessa edição, as temáticas foram: introdução aos direitos humanos; a educação em direitos humanos; por que educar em direitos humanos; educação em direitos humanos e a radicalização política; educar em direitos humanos: da teoria à prática, conforme Figura 2

Figura 2 — Temas, descrição e materiais de estudo da segunda edição do grupo de estudos em 2022, após redução do número de encontros síncronos



Fonte: Elaborado pelo autor e autoras (2022)

Na segunda edição, foram ofertadas 20 vagas e inscreveram-se 30 participantes. Após a realização dos cinco encontros, a edição contou com 12 participantes que foram certificados com 20 horas/aulas de estudo.

Um ou dois mediadores, por encontro, foram responsáveis pela acolhida dos participantes, recuperação da discussão, apresentação breve dos conceitos e proposição de novas provocações. Os encontros foram estruturados no formato de círculos de diálogos guiados. Apesar de ser uma prática bastante comum para esse tipo de atividade, o Instituto Aurora a utiliza inspirando-se em duas importantes linhas metodológicas: os Círculos de Construção de Paz, de Kay Pranis (2010), e os Círculos de Cultura, de Paulo Freire (DANTAS; LINHARES, s/d). A ideia de ambos os métodos é criar um espaço propício ao diálogo aberto e sincero. Também por esse motivo foi escolhido o formato de grupo de estudos e não de curso, palestras ou aulas.

Mantendo-se dentro da prática institucional do IFPR, aos/às participantes que obtiveram frequência de ao menos 75% nas atividades do

grupo, foram entregues certificados. A expectativa, após a finalização do ciclo de cada edição, era de que os participantes ampliassem a compreensão em relação ao conceito e importância dos direitos humanos; tivessem contato com referências teóricas na área; desenvolvessem a segurança de citar e dialogar sobre temas relacionados aos direitos humanos em suas práticas profissionais e ancorassem o repertório teórico sobre os temas aos fatos cotidianos, que todos os dias desafiam a docência.

2.1 DIVULGAÇÃO E INSCRIÇÕES

A inscrição foi aberta para toda a comunidade, com ênfase para educadores. A divulgação foi realizada utilizando as redes sociais e sites institucionais do Instituto Aurora e do IFPR. A parceria interinstitucional é uma estratégia fundamental para a ampliação e diversificação de público. A realização dos encontros on-line possibilita a participação de educadores e estudantes de diferentes regiões do país, o que contribui para a pluralidade de ideias.

Para divulgação da segunda edição do grupo de estudos, foi articulada uma ação de ensino, com foco em formação técnica e profissional, junto aos estudantes do Curso Técnico Subsequente de Produção de Áudio e Vídeo do IFPR Campus Curitiba. Com supervisão docente, por meio do componente curricular Estágio Supervisionado, os estudantes produziram uma entrevista de divulgação da ação de extensão “Primeiros Passos para Educar em Direitos Humanos”, divulgada em canais do YouTube no âmbito do IFPR (PAV TV, 2022) e Instituto Aurora.

Todas as etapas de planejamento, produção e pós-produção foram realizadas por quatro estudantes, orientados por quatro educadores (três docentes e um técnico em audiovisual). A gravação da entrevista também contou, como público, com outros 12 estudantes do curso de extensão. A entrevista de 30 minutos de duração não apenas divulga a ação de extensão, como trata da relação entre educação e direitos humanos e da necessidade de formação docente sobre o tema. O link do vídeo foi disponibilizado, por e-mail, para todos os docentes do IFPR Campus Curitiba e será utilizado em futuras edições do grupo de estudos, pois também se configura como material educacional.

3 CONCLUSÃO

Dentre os resultados alcançados, destaca-se o sentimento de maior confiança relatado pelos educadores. A segurança se deve à abertura para discussão de temas sensíveis em conjunto, a partir da troca de experiências, que apontam para as dúvidas e desafios vivenciados em sala de aula.

O compartilhamento de vivências de educadores instiga a criatividade e a inovação, além de ser um incentivo para maior flexibilização do

currículo, mesmo que isso implique em conflitos, questionamentos e problematizações acerca de temas complexos.

Observa-se, a partir da partilha, reflexões transversais sobre a profissionalidade docente, um maior respeito à identidade do docente, que se estende a um olhar mais humanizado aos estudantes, em uma perspectiva de empoderamento coletivo dos diversos atores, e da escola como um espaço aprendente. Segundo os educadores, as leituras e, especialmente, as discussões os incentivaram a se posicionarem diante de situações que envolviam preconceitos ou discriminação, também, a ouvir de maneira mais atenta, acolhendo de forma cuidadosa as subjetividades.

São evidentes, portanto, os ganhos em relação à formação continuada de profissionais da educação e de EDH — conforme diretrizes do PIEDH (IFPR, 2018), mas também se identificou benefícios por meio da aprendizagem com os pares, da promoção de reflexão acerca da prática e da construção de uma perspectiva coletiva de docência. Os educadores aprendem uns com os outros, em rara oportunidade de abertura da sala de aula e seus desafios. Com a participação de estudantes no grupo de estudos, também se verificou um processo de empatia com a atuação docente, visto que puderam testemunhar os “bastidores” do “pensar o processo educativo” e ver “como os professores se educam”.

Os participantes apontaram desafios no percurso da formação como manter o compromisso com as leituras e reflexões propostas e a percepção de que o educar em direitos humanos (DH) exige uma permanente construção e reconstrução de experiências pedagógicas significativas a partir de um permanente movimento não apenas intelectual, ético e social, mas de encontro com a humanidade. A criação de um ambiente acolhedor intensifica a possibilidade de mudança de postura e da ação dos educadores perante seus educandos, potencializando a coragem e o engajamento em prol de uma educação voltada à transformação social.

Durante as trocas de experiências e os debates sobre os materiais de leitura, normalmente são introduzidos pelos participantes tópicos contemporâneos fruto de fatos cotidianos ou notícias, normalmente sensíveis e de forte repercussão social. As provocações enfatizam a dimensão crítica e política da docência. Esse cenário reflete a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e os benefícios decorrentes de ações que integram organicamente esse tripé. A formação em EDH — efetivada por meio de parceria interinstitucional, fomentando a inovação pedagógica (ensino) e a articulação de uma frente de mobilização coletiva em prol da dignidade humana. Outro elemento de destaque é que a parceria entre Instituto Aurora e IFPR potencializa a diversidade de público. Embora em sua maioria educadores, há professores de diversas áreas de atuação e produção de conhecimento, de diferentes cidades e Estados, com variação na faixa etária e etapa do ciclo de vida profissional.

O retorno positivo dos participantes, por meio de avaliações realizadas nos encontros e ao final do ciclo, via questionário, motiva a manuten-

ção do projeto ativo e a divulgação da experiência. Espera-se para 2023, a realização da terceira edição do grupo, reforçando o comprometimento com uma formação continuada e viva, atenta ao espírito do tempo e nos desafios sociais.

REFERÊNCIAS

BANCADA DOCENTE. **Éticas do diálogo, com Michele Prado e João Cezar de Castro Rocha**. YouTube, 2 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tWit-oTwz1s>. Acesso em: 20 set. 2022.

BENEVIDES, M. V. de M. Democracia e direitos humanos – reflexões para os jovens. In: ZENAIDE, M. de N. T. et al. (Org.). **Direitos Humanos: capacitação de educadores**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2008.

BENEVIDES, M. V. Educação em Direitos Humanos: do que se trata? In: **Seminário de Educação em Direitos Humanos**. São Paulo, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/9_benevides.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.

BENEVIDES, M. V. Direitos humanos: desafios para o século XXI. In: SILVEIRA, R. M. G. et al. **Educação em Direitos Humanos: Fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007. p. 333-334

BITTAR, E. Educação e metodologia para os direitos humanos: cultura democrática, autonomia e ensino jurídico. In: SILVEIRA, R. M. G. et al. **Educação em Direitos Humanos: Fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007. p. 313-334.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/DIAGRMAOPNEDH.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2022.

CANDAU, V. M. Educação em direitos humanos: desafios atuais. In: SILVEIRA, R. M. G. et al. (Org.). **Educação em Direitos Humanos: Fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

CANDAU, V. M. Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos. Educação em direitos humanos : uma proposta de trabalho. **DHnet**, 1999.



Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_edh_proposta_trabalho.pdf. Acesso em: 20 set. 2022.

CANDAU, V. M. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. **Educação**, v. 37, n. 1, p. 33-41, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/15003>. Acesso em: 21 jan. 2022.

CANDAU, V. M. Professores/as: multiplicadores/as de educação em direitos humanos. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 16, n. 2, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/32188/17164>. Acesso em 20 set. 2022.

DANTAS, V. L.; LINHARES, A. M. B. Círculos de Cultura: problematização da realidade e protagonismo popular. **II Caderno de educação popular em saúde**. Ministério da Saúde. s/d. Disponível em: <http://www.edpopsus.epsv.fiocruz.br/sites/default/files/texto-2-4-cc3adrculos-de-cultura.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

DIAS, A. A. Da educação como direito humano aos direitos humanos como princípio educativo. In: SILVEIRA, R. M. G. et al (Org.). **Educação em Direitos Humanos: Fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

EDITORA CONTEXTOS. **A história dos direitos humanos**. YouTube, 20 de fevereiro de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l-qVSEKdQ7oE>. Acesso em: 20 set. 2022.

FEITOSA, S. Direitos Humanos para quê?. In: SILVEIRA, André B.; SCHIO, M. A.; BONETI, Lindomar W.; BLEY, Regina B. (Org.). **Educação em direitos humanos: história, epistemologia e práticas pedagógicas**. 1ª. ed. Ponta Grossa: UEPG Editora, 2019. v. 1, p. 139-155.

FEVORINI, L. Empatia e solidariedade. In: YIRULA, Carolina Prestes (Org.). **A importância da empatia na educação**. Instituto Alana, São Paulo, 1ed, 2016, p. 56-61.

FILOSOFANDO CIÊNCIAS HUMANAS EM DEBATE. **Olhos Azuis | Documentário | Jane Elliott**. Youtube, 20 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XUEAgbLIKeQ>. Acesso em: 06 out. 2022.

FORA DA POLÍTICA NÃO HÁ SALVAÇÃO. **Olavo morreu. E agora? Com Michele Prado**. YouTube, 5 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XV6S5WdfnE0>. Acesso em: 20 set.



2022.

HERRERA FLORES, J. A **(re)invenção dos direitos humanos. Florianópolis**: Fundação Boiteux, 2009.

IFPR. Resolução nº 72, de 20 de dezembro de 2018. Aprova as normas relativas ao Programa Institucional de Educação em Direitos Humanos (PIDH) do Instituto Federal do Paraná. Curitiba, 2018. Disponível em: https://reitoria.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/SEI_IFPR-0139773-Resolu%C3%A7%C3%A3o-PIDH.pdf. Acesso em: 12 ago. 2022.

INSTITUTO AURORA. **Os caminhos da Educação em Direitos Humanos até hoje com Fernanda Brandão Lapa (Instituto de Desenvolvimento e Direitos Humanos)**. In: Educação em Direitos Humanos: em movimento - Abertura | Mesa Redonda. YouTube, 10 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fHXC-AKrQOU>. Acesso em: 06 out. 2022.

LIVRES. **LivresCast - O crescimento da alt-right e do populismo de direita no Brasil**. YouTube, 21 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xE3PnNc1-EI>. Acesso em: 23 set. 2022.

MORGADO, P. **Práticas Pedagógicas e Saberes Docentes na Educação em Direitos Humanos**. Apresentação de trabalho. Rio de Janeiro, 2001, p. 1-16. Disponível em: https://www.anped.org.br/sites/default/files/7_praticas_pedagogicas_e_saberes_docentes_na_educacao_em_direitos_humanos.pdf. Acesso em 20 set. 2022.

PAV TV. **Entrevista André Bakker “Primeiros passos para Educar em Direitos Humanos”**. YouTube, 29 de abril de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wATOkS_SRfk&t=1s. Acesso em: 29 abr. 2022.

PRANIS, K. **Processos Circulares de Construção de Paz**. São Paulo: Palas Athena, 2010.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos. Escola de Educação em Direitos Humanos. Comitê de Educação em Direitos Humanos. **Plano Estadual de Educação em Direitos Humanos do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação; Conselho Estadual de Educação do Paraná, 2015, 70 p. Disponível em: https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2019-12/plano_estadual_edh_0.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 23 ago. 2022.

OLMOS, A. Empatia: algumas reflexões. In: YIRULA, C. P. (Org.). **A importância da empatia na educação**. Instituto Alana, São Paulo, 1ed, 2016, p. 24-31.

RIBEIRO, S. D. O baobá da educação: empatia e ubuntu. In: YIRULA, C. P. (Org.). **A importância da empatia na educação**. Instituto Alana, São Paulo, 1ed, 2016, p. 44-48.

TAVARES, C. Educar em direitos humanos, o desafio da formação dos educadores numa perspectiva interdisciplinar. In: Rosa Maria Godoy Silveira, et al. **Educação em Direitos Humanos: Fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007. p. 487- 503.

TAVARES, C. Educação em direitos humanos na educação básica: reflexões sobre sua prática pedagógica em escolas públicas. **Olhares**: Revista do Departamento de Educação da Unifesp, 2020, 8(2), 46–62. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/10710/7889>. Acesso em: 20 set. 2022.

TED. **Dylan Marron - empatia não é endosso**. YouTube, 18 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=waVUm5bhLbg>. Acesso em: 06 out. 2022.

TEDx TALKS. **Darryl Davies - por que eu, como um homem negro, participo dos comícios da KKK**. YouTube, 8 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ORp3q1Oaezw>. Acesso em: 20 set. 2022.

TOGNETTA, L. R. P.; ASSIS, O. Z. M. de. A construção da solidariedade na escola: as virtudes, a razão e a afetividade. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 49-66, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27997>. Acesso em: 30 set. 2022.

TOSI, G. História e atualidade dos direitos do homem. **DHnet**. 2011. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/tosi/tosi_hist_atualidade_dh.pdf. Acesso em 25 set. 2022.

UNESCO. **Plano de Ação**: Programa Mundial para Educação em Direitos Humanos. Primeira Etapa. Nova York e Genebra, 2006. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/dados/textos/edh/br/plano_acao_programa_mundial_edh_pt.pdf. Acesso em: 30. set. 2022.

VIOLA, S. A.; ZENAIDE, M. de N. T. Educação em Direitos Humanos na América Latina e Brasil: princípios e desafios em tempos de restrição de direitos. **Revista interdisciplinar de direitos humanos**, v. 7, p. 85-105, 2019. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/661>. Acesso em 20 set. 2022.





REDE TRANS: POLÍTICAS DE SAÚDE DIRECIONADAS À POPULAÇÃO DE TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E TRANSGÊNERAS

Fernando Teixeira Silva Filho¹

Luana Oliveira Santos²

Ludmila Ellen Silva Bessa³

Luiz Henrique Callovi Balarin⁴

Samara da Souza Cruz⁵

RESUMO

O objetivo do presente artigo é refletir sobre a importância de desenvolver e garantir ações e políticas de saúde direcionadas à população de Travestis, Transsexuais e Transgêneras (TTTs) no Município de Assis/SP. O projeto de extensão universitária denominado “Clinic@rte: atuação clínica mediada pelas técnicas expressivas no SUS”, desenvolvido no Núcleo de estágio Clinic@rte da FCL UNESP Assis, criou o dispositivo “Rede trans”. Iniciado em fins de 2019, nesta atividade realizamos encontros quinzenais em grupo com as pessoas TTTs usuárias do SUS. Tal dispositivo grupal é mediado por uma psicóloga referência do SUS e dois estagiários da universidade. Objetiva-se com este dispositivo criar uma rede de apoio para o desenvolvimento de ações e serviços que garantam a integralidade da assistência à saúde. Desde o início das atividades do grupo, observou-se uma efetivação dos direitos sociais da população TTT da região possibilitada por meio das trocas de experiências das/os usuárias, constituindo espaço para refletir a respeito de medidas de enfrentamento e combate à transfobia, bem como para produzir cuidado, acolhimento e sociabilidade. Entretanto, a necessidade de concretizar as políticas de saúde específicas no município se faz urgente, exigindo que o trabalho desenvolvido pela Rede seja expandido para além do interior dos grupos.

Palavras-Chave: Políticas Públicas de saúde; Acolhimento; Rede de apoio; População trans.

ABSTRACT

This article reflects on the importance of developing health policies for the Transvesti, Transsexual and Transgender (TTT) community in the municipality of Assis in São Paulo. The university extension project called “Cli-

1 Psicólogo, Livre Docente em Psicologia Clínica pela Universidade Estadual Paulista, professor adjunto da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis.

2 Psicóloga, formada pela Universidade de Ciências e Letras da UNESP Assis.

3 Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – campus de Assis.

4 Psicólogo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Assis.

5 Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – campus de Assis..



nic@rte: Clinical performance mediated by expressive techniques in the SUS” was developed during the Clinic@rte Supervised Practice of FCL UNESP Assis, then was created “Rede trans” project. At the end of 2019, “Rede Trans” held fortnightly group meetings with TTT community who use services of the SUS in Brazil. “Rede Trans” is mediated by a SUS reference psychologist and two university students during their supervised practice. The main goal of “Rede Trans” project was to create a support network for the development of actions and services that guarantee health care for TTT community. Since the beginning of the “Rede Trans” activities, it has been noticed an effectiveness in guaranteeing social rights of the TTT community in the municipality. This effectiveness was possible due to an important role in exchange experiences, creating a space to reflect on actions to combat transphobia, as well as to produce a good welcome and sociability. However, the need to implement health policies in the municipality is urgent, demanding “Rede Trans” to be expanded.

Keywords: Public health policies; Hospitality; Support network; Trans community.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Lei 8.080/90, a assistência à saúde em todo o território brasileiro no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) deve obedecer a uma série de princípios, entre eles a universalidade do acesso, a integralidade e a igualdade na assistência (BRASIL, 1990). Como tentativa de concretizar essas diretrizes, diversas iniciativas vêm sendo construídas ao longo dos anos na forma de políticas públicas de saúde direcionadas para a atenção à saúde em seus múltiplos aspectos.

Uma das iniciativas em questão diz respeito à Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, instituída pela Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011, visando a reorientação das políticas de saúde com o objetivo de possibilitar e ampliar o efetivo acesso à saúde pela população LGBTQ+ (BRASIL, 2011). Tal política reconhece que a discriminação, marginalização e exclusão das pessoas LGBTQ+ tem como efeito a dificuldade de acesso aos serviços de saúde. Não é incomum que tais pessoas, ao procurarem o SUS, se deparem com preconceito, intimidação, práticas antiéticas e despreparo por parte dos profissionais para atender a suas demandas específicas (SANTANA *et. al.*, 2020).

No município de Assis (SP), o núcleo de estágio Clinic@rte do curso de psicologia da Faculdade de Ciências e Letras UNESP de Assis, que tem por área de atuação e pesquisa os processos de subjetivação e de produção de identidades LGBTQ+, bem como suas relações com o mundo por meio das expressões estéticas junto à prática clínica, foi mobilizado pelas lideranças LGBTQs locais e a Secretaria Municipal de Saúde a pensar sobre

a urgência de alternativas que integrem essa população aos serviços de saúde. A partir desse contato, ocorrido entre os anos de 2018 e 2019, foi possível coletar uma série de denúncias e relatos que retratam especificamente a dificuldade da população trans da região em acessar os serviços de saúde, devido majoritariamente ao despreparo e à transfobia predominante entre os profissionais da saúde.

Tendo em vista que é princípio ético da psicologia a contribuição “para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (CFP, 2005, p. 7), bem como levando em consideração a Resolução CFP nº 01, de 29 de janeiro de 2018, a qual estabelece o papel da psicologia como fundamental no combate a patologização e a opressão da população trans, o referido núcleo de estágio se articulou junto à Secretaria de Saúde do município e ao Grupo Integrado de Prevenção e Atenção às ISTs e HIV (GIPA) para pensar uma alternativa à realidade presente.

Como resultado das articulações entre as instituições mencionadas, trabalhadores da saúde, estudantes de psicologia e a população trans da região, foi criada, em 2019, a Rede Trans, parte integrante do Projeto de Extensão Universitária “Clinic@rte: Atuação clínica mediada pelas técnicas expressivas no SUS”. Este projeto, articulado entre o núcleo de estágio Clinic@rte, o Departamento de Psicologia Clínica da Faculdade de Ciências e Letras do Câmpus de Assis (FCLAs) e a Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Cultura (PROEC), objetiva, a partir das demandas do município de Assis, realizar atividades de prevenção de saúde para os usuários da Atenção Básica de Saúde. A partir da análise das maiores dificuldades enfrentadas pelos usuários da Atenção Básica, constatou-se que as atividades do projeto devem ser focadas na promoção de saúde, enquanto uma estratégia preventiva. Desse modo, o projeto orientou-se a partir dos dispositivos grupais como forma de articulação de situações problemas e potente instrumento de resolução destas (DELEUZE, 1988). Sob esse panorama, pretende-se elaborar sobre a experiência prática da Rede Trans, os objetivos e os desafios que enfrentamos para fazer valer os direitos das pessoas trans no acesso à saúde no SUS.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho é uma adaptação da abordagem plurimodal muito utilizada em musicoterapia (HUGO; SCHAPIRA, 2004; SCHAPIRA, 2007). Ainda que esta abordagem tenha se construído nas bases da Psicologia Humanista, o foco é menos na prevalência de uma corrente teórica e mais nas necessidades da pessoa e/ou grupo. Nesta perspectiva, o adoecimento psíquico não é isolado das interações biológicas, sociais, individuais e coletivas. Por isso, podemos trazer para a discussão a perspectiva da transfobia como elemento fundamental aos processos de subjetivação destas pessoas. Ou seja, analisamos os sofrimentos, os

adoecimentos e as dificuldades pelas quais as e os usuários enfrentam como sendo efeitos da transfobia tanto no plano individual quanto coletivo e social (CFP, 2019).

Ampliando a concepção de grupo de Pichon-Riviére (2009) para o qual se trata de um conjunto de pessoas reunidas com necessidades semelhantes e que buscam cumprir tarefas específicas, recorremos à esquizoanálise para a qual o grupo é dispositivo (DELEUZE, 1989). Neste caso, o dispositivo é um agenciamento maquínico que objetiva articular, dispor “processos de diversas procedências e de diferentes naturezas, os quais podem ser elementos de séries tanto homogêneas, como heterogêneas” (HUR, 2012, p. 21). O dispositivo faz “falar”, faz “ver”, produz enunciações e modos de ser e estar no mundo. Neste sentido, para otimizar a potência deste dispositivo, utilizamos durante as reuniões diversas técnicas interativas (PINHEIRO, 2014) para discutirmos temas relevantes trazidos por elas, tais como a hormonização, a empregabilidade e o enfrentamento à transfobia.

Para tal, também propomos o uso de dinâmicas e técnicas grupais que disparam associações e fazem circular o discurso de enfrentamento à transfobia estrutural e institucional que, cotidianamente, estas pessoas enfrentam. Cremos que a partir disso, conseguimos elaborar um Projeto Terapêutico Singular (PTS) para as participantes da Rede (OLIVEIRA, 2010).

Como técnica grupalística, utilizamos, por exemplo, o enquadre (setting) em que se estabelece as necessidades do grupo para que este se mantenha. Desse modo, entende-se o enquadre como “a soma de todos os procedimentos que organizam, normatizam e possibilitam o funcionamento grupal” (ZIMERMAN; OSÓRIO, 1997, p. 35). No escopo dos aspectos importantes ao enquadre, está o entrelaçamento de algumas regras, atitudes e combinações que definem o local das reuniões, os horários e a periodicidade (idem), as quais funcionam, no caso da Rede, sempre em um mesmo local (o qual não é divulgado amplamente por questões de segurança), com um tempo de duração mínimo de 2h e periodicidade quinzenal. A conjugação dessas características não foi dada de forma passiva, uma vez que sua funcionalidade foi avaliada pelas pessoas que compõem o grupo: tal participação, demonstra, na prática, as importantes funções da técnica, em que as pessoas usuárias discutem seus direitos e deveres, o que desejam e as possibilidades cabíveis para a maioria. Ainda no que tange às funções, as regras estabelecidas em grupo possibilitaram a construção de um ambiente seguro, onde foi possível experienciar e dar novas significações às vivências, experiências e emoções (ZIMERMAN; OSÓRIO, 1997).

A atuação dos estudantes de psicologia e trabalhadores da saúde nesse espaço é ofertar uma escuta afinada às demandas apresentadas pela/os usuária/os, bem como propor discussões coletivas a respeito do conteúdo exposto (COSTA, DA SILVA, SILVEIRA, 2018). Assim como na experiência de Homercher e Bridi Filho (2022), a psicologia se insere na Rede Trans visando reordenar o acolhimento e possibilitar a entrada da po-

pulação TTT no SUS, deslocando o foco da figura hegemônica do médico como detentor do saber sobre a saúde/doença e situando as demandas do sujeito diante da perspectiva da atenção integral em equipe como forma de manter o cuidado, combater a transfobia presente nos serviços e despato-logizar as necessidades das pessoas trans.

Desse modo, aproveitando as habilidades de utilização de recursos tecnológicos contemporâneos das/os estudantes, em função da pandemia, o enquadre ocorreu virtualmente e, por diversas vezes, utilizamos os recursos das lives nas plataformas digitais para a discussão e debate de filmes e temas relevantes ao grupo, trazendo, inclusive, pessoas de fora do grupo para debaterem tais temas. Foi apenas no início de 2022 que os encontros passaram a ser totalmente presenciais.

3 RELATO DA EXPERIÊNCIA

A Rede Trans visa colocar em prática a Política de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais na cidade de Assis, promovendo o acesso da população trans à saúde, de modo a garantir a universalidade, integralidade e equidade proposta pelo SUS.

Para concretizar esses direitos, a Rede têm buscado articulações com: 1) a atenção à saúde do município, com ênfase na atenção básica; 2) junto aos estudantes de psicologia do estágio Clinic@rte da FCL UNESP Assis para o atendimento individual da população trans do município que, por alguma razão, não conseguem ser atendida em seu território. A Rede Trans se propõe a construir um espaço de apoio à população trans do município para possibilitar a troca de experiências e fortalecimento de seus vínculos, o acolhimento de suas vivências e estreitar o contato direto de referências do SUS com suas demandas. Dentre as formas de fazer cumprir essas propostas, a Rede busca promover a formação e a sensibilização de profissionais da saúde às particularidades dessa população, bem como facilitar encaminhamentos aos serviços de saúde adequados quando houver necessidade.

Nesse caminho de atuação, a Rede Trans se divide em dois espaços distintos que se articulam para constituir em conjunto o que é entendido como a Rede propriamente dita. O primeiro desses espaços é o grupo de apoio, que ocorre quinzenalmente e é composto somente pelos usuários, um profissional da psicologia que atua como referência do SUS, e dois estagiários do curso de graduação em psicologia da FCL Unesp Assis. Já o segundo espaço, se refere à reunião da gestão da Rede Trans, a “equipe” de pessoas responsáveis pelo seu funcionamento no âmbito da saúde. Dessas reuniões, que acontecem uma vez por mês, participam psicólogos de referência do SUS, os estagiários da FCL Unesp Assis que atuam na Rede, bem como o supervisor responsável por sua orientação, e profissionais da saúde de demais pontos da Rede - entre os quais pode se destacar, por exemplo, referências do Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juve-

nil (CAPSij) e Unidades Básicas de Saúde (UBS). As reuniões da gestão são abertas para a participação dos usuários, mas esta não é obrigatória.

Nessa perspectiva, o grupo tem a importante função de ofertar um espaço de produção de saúde, para além da sua conceituação hegemônica como ausência de doença (SPINK, 2013). Isto é, o grupo é um importante agente da criação de vínculos, a partir dos quais pessoas trans - que socialmente têm redes de apoio, afeto e cuidado negadas - podem compartilhar vivências e construir um espaço de acolhimento que possibilite o fortalecimento individual e coletivo. O ato de fortalecer, por sua vez, é sempre ressaltado nos encontros como uma potência que precisa transpassar aquele espaço e transcender ao meio social, para que esse espaço de acolhimento possa se expandir.

O espaço da reunião de gestão, por sua vez, serve como possibilidade de troca entre os profissionais que atuam diretamente na Rede, pessoas trans usuárias da Rede e demais profissionais de referência da atenção à saúde que compõem as reuniões. A partir do mapeamento das demandas trazidas pelas pessoas usuárias nos grupos de apoio, é possível pensar conjuntamente formas de organizar os fluxos de atenção, corresponsabilizando as equipes responsáveis por cada território pela promoção de saúde dessa população de forma ampla e enfrentando as problemáticas apontadas por Santana et al (2020) por meio da capacitação de profissionais e do planejamento de estratégias/iniciativas que extrapolam os limites da clínica individual.

Cabe pontuar a importância dessa atividade no contexto do projeto de extensão Clinic@rte. Isto é, pensar a saúde de forma ampla, abarcando seus diversos aspectos de prevenção e promoção articulados às dimensões de gênero, sexualidade, raça, classe e demais marcadores sociais de diferença que atravessam os indivíduos. Tal atitude requer subsídios teórico-práticos que deem conta de atender o que é demandado dos serviços de saúde pela população - algo historicamente faltante na formação hegemônica do profissional em psicologia. Esta, por sua vez, costuma ser predominantemente voltada para perspectivas individualistas e psicologizantes, com transposições rígidas de práticas individualistas para o âmbito da assistência pública e coletiva à saúde, o que dificulta sua atuação no SUS (DIMENSTEIN, 2000).

A atuação do Clinic@rte na Rede Trans justifica-se precisamente por se propor a pensar uma prática psicológica que transpasse os efeitos de hierarquização e patologização produzidos pela escuta tradicionalmente ensinada nos cursos de graduação em psicologia (STONA, 2021). A partir de um enfrentamento das noções historicamente consolidadas de gênero, raça, classe e sexualidade, é buscado, no bojo do trabalho da Rede Trans, desenvolver a diretriz Acolhimento, entendida como um dos pilares das políticas de saúde que demanda a inclusão do sujeito a partir de uma escuta qualitativa, a criação de vínculos e um acesso responsável (RIBEIRO; CASTRO, 2011).



Na experiência prática da Rede Trans, as discussões desenvolvidas em grupo buscam apreender os efeitos da transfobia nas vivências das pessoas trans usuárias e desenvolver a constituição de uma linha de cuidado voltada à essa população específica, tendo por base o enfrentamento às dificuldades de acesso à saúde apontadas Lima e Cruz (2016) e Rocon (2018). Segundo os autores, a falta de articulação entre redes oficiais de referências de atenção básica, ambulatorios e hospitais resulta em um aumento na lista de espera dos serviços específicos voltados à população trans, fazendo com que demandas facilmente tratadas pela atenção básica sejam agravadas até a média e alta complexidade.

Ainda que existam portarias do Ministério da Saúde voltadas para ampliação do acesso da população trans aos serviços de saúde públicos, como é o caso da Política Nacional de Saúde LGBT (BRASIL, 2011), a efetivação dessas iniciativas tem sido insuficiente. Nos diálogos com a população trans, evidencia-se que essa dificuldade na concretização da equidade do acesso aos serviços de saúde se dá tanto por uma estereotipação patologizante dos seus desejos decorrente da transfobia (na expectativa de que todas as pessoas trans busquem necessária e unicamente pelo processo transsexualizador, por exemplo), como na ausência de uma possibilidade de acesso à saúde que vá além de uma mera garantia protocolar da entrada dessas pessoas na atenção básica.

Nos encontros em grupo, encontram-se relatos elucidativos sobre como tais políticas específicas para a população trans não se fazem cumprir na prática. As queixas vão desde um desrespeito ao nome social nos espaços de saúde pública até falas e comportamentos transfóbicos explícitos, que acabam afastando as pessoas usuárias do sistema de saúde. Nesse cenário, a consequência é o afastamento destas dos poucos direitos que conseguem acessar, fazendo-se necessária uma melhor formação dos trabalhadores da saúde, sobretudo frente às discussões de gênero, sexualidade e raça.

4 RESULTADOS

Durante o ano de 2021 e 2022, ocorreram cerca de 30 encontros, dos quais metade foram presenciais e contaram com uma média de 6 pessoas que frequentaram o grupo regularmente. O espaço de escuta da Rede Trans, nesse sentido, possibilitou a ampliação do cuidado para além dos encontros por meio de formações dos profissionais da saúde a respeito de eixos que abarcam pessoas que historicamente sofrem opressões e tem suas vivências negligenciadas.

A organização dessas formações está sendo realizada pelo estágio Clinic@rte, o qual utiliza dispositivos mediadores, como dinâmicas de grupo, para desconstruir crenças e valores transfóbicos, investigar como os trabalhadores têm se articulado e intervir de forma direcionada ao enfrentamento à LGBTfobia, o racismo e o capacitismo.



Considerando que na maioria dos casos o acolhimento da população trans é inexistente e, quando ocorre, é inadequado, os encontros promovidos pela Rede têm buscado discutir sobre como essas pessoas se sentem enquanto usuárias, abrindo espaço para que sejam ouvidas e suas demandas tenham um encaminhamento possível. Com isso, as individualidades encontram sempre pontos comuns na realidade social, demonstrando a potência coletiva que nasce no grupo, mas se fortalece para outros espaços ocupados por cada um dos sujeitos. Tais resultados são relatados nos encontros, demonstrando como o trabalho tem conseguido superar questões individuais, caminhando para uma compreensão que adota “uma perspectiva mais globalizante e dinâmica que possibilite entender a saúde/doença como processo histórico e multideterminado” (SPINK, 2013, p. 39), essencial para a despatologização das vivências trans.

No ano de 2022, as dinâmicas de grupo foram bem sucedidas nos encontros, as quais têm auxiliado no desenvolvimento de discussões disparadoras de forma fluída. Essa experiência demonstra a importância das dinâmicas como uma ferramenta de promoção de saúde mental tanto no âmbito individual quanto no social e coletivo, tendo em vista que estes não podem se constituir separadamente (ZIMERMAN, 2007). No entanto, assim como todo grupo voltado à produção de saúde, é comum que nem sempre muitas pessoas estejam presentes e, na Rede Trans, essa realidade não é diferente. Os encontros, que são quinzenais e têm dias fixos, contam com algumas pessoas que quase sempre estão presentes — fator que auxilia a criação de vínculos entre elas e potencializa os efeitos do grupo. As usuárias comprometidas com o grupo relatam com frequência o incômodo frente ao esvaziamento do espaço e essa discussão ressoa fortemente em um dos trabalhos mais difíceis: expandir a Rede para além dos encontros para espaços diversos, como os culturais, por exemplo.

A partir dessa análise, entende-se também que o retorno presencial demanda um trabalho meticuloso e paciente frente às possibilidades de vinculação e expansão da Rede, fazendo-se necessário que o trabalho continue se aprimorando de forma coletiva juntamente à toda rede de profissionais de saúde do município. O papel do projeto Clinic@rte, por sua vez, tem buscado efetivar o tripé ensino, pesquisa e extensão por meio de práticas como a Rede Trans, que está em construção para além dos muros da universidade engajando pessoas trans das mais variadas regiões da cidade. Assim, o conteúdo apreendido no espectro do ensino - a partir das supervisões, eventos e palestras - se expande para o âmbito extensão, em que as experiências práticas retornam à teoria e fornecem pistas sobre quais caminhos seguir para aprimorar a qualidade do trabalho. E, por fim, todas as vivências adquiridas se objetivam na pesquisa, demonstrando a indissociável relação entre os eixos do tripé.

5 CONCLUSÃO



Ao analisar esse panorama, é possível identificar que a Rede Trans tem sido uma importante iniciativa para pensar uma mudança concreta no paradigma atual de acesso da população de travestis, transexuais e transgêneros (TTTs) à saúde. Apesar de não estar isenta das contradições apresentadas no cenário institucional apresentado anteriormente, a potência da Rede Trans se encontra no engajamento das pessoas usuárias, cujas construções coletivas extrapolam as implicações de gênero, perpassando questões de raça, classe e sexualidade presentes nas subjetividades de cada uma delas, evidenciando desafios a serem enfrentados para garantir a promoção de sua saúde. O desenvolvimento desses diálogos é essencial “numa sociedade como a brasileira, com clivagens de gênero, de distintas raças/etnias em interação e de classes sociais [...]”, uma vez que “o pensamento, refletindo estas subestruturas antagônicas, é sempre parcial” (SAFFIOTI, 2015, p. 40) e o trabalho coletivo é capaz de politizar esse pensamento de forma crítica o modo de produção capitalista, produtor e reproduzidor das opressões contra a população trans.

No que diz respeito ao papel da psicologia e a aplicação da diretriz acolhimento, além do desenvolvimento cognitivo, busca-se criar condições para que cada pessoa usuária da Rede, participante dos encontros quinzenais tenha ferramentas para se expressar emocionalmente, objetivo este que se faz cumprir nas trocas coletivas a partir da escuta ativa dos profissionais da psicologia. A partir dessa perspectiva, até mesmo os encaminhamentos buscam um olhar ampliado, uma vez que são organizados e direcionados, visando diálogos sensíveis juntamente às equipes multiprofissionais dos serviços de saúde, para que as complexidades de gênero, raça, classe e sexualidade sejam desveladas, priorizando não somente um encaminhamento protocolar, como também atendimentos e acompanhamentos que visem uma atenção em dimensão biopsicossocial dos usuários, isto é, adequados à população trans em suas especificidades de modo a ampliar o cuidado em saúde.

Portanto, é necessário refletir sobre as dificuldades e demandas de acesso dessa população quanto à garantia de direitos à saúde, cobrando dos gestores públicos, comunidade e instituições de saúde ações efetivas que reafirmem o que está estabelecido nos princípios e diretrizes do SUS.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. **Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 31 dez. 1990.

_____. Portaria n.º 2.836, de 1º de dezembro de 2011. **Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde**



Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Política Nacional de Saúde Integral LGBT). Diário Oficial da União. Brasília, DF, 2011.

_____. Portaria nº 2.803, de 19 de Novembro de 2013. **Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS).** Diário Oficial da União. Brasília, DF, 2013.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**, Resolução CFP Nº 10/05, 2005.

_____. **Estabelece normas de atuação para as psicólogas e psicólogos em relação às pessoas transsexuais e travestis.** Resolução CFP Nº 01, 29/01, 2018.

_____. **Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs.** Conselho Federal de Psicologia. - Brasília, DF: CFP, 2019.

COSTA, J.T.; DA SILVA, F. S.; SILVEIRA, C.A.B. As práticas grupais e a atuação do psicólogo: Intervenção sem grupo no estágio de processos grupais. **Vínculo. Revista do NESME**, 2018, v. 15.

DELEUZE, Gilles (1989). "O que é um dispositivo?". Em: DELEUZE, G. (1989). **Michel Foucault philosophe. Recontre internationale.** Paris, 9, 10, 11 de Janeiro de 1988.

DIMENSTEIN, M. A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. **Estudos de Psicologia**. v. 5, n. 1, 2000. p. 95-121.

HOMERCHER, B. M; BRIDI FILHO, C.A. A prática psicológica ao atendimento as pessoas trans em um ambulatório LGBTQIA+: Relato de Experiência. In: 6º Congresso Brasileiro de Psicologia. **Anais eletrônicos.** São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www2.cfp.org.br/inscricoesonline/cbp/2022/anais/detalhe.cfm?id=25690>

HUGO, M; SCHAPIRA, D. El método plurimodal como herramienta de evaluación del paciente en salud mental. **Revista Brasileira de musicoterapia**, n. 7, p. 49-65, 2004. Disponível em: <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/319> acesso em 04 jan. 2023.

HUR, D. U.; O dispositivo de grupo na esquizoanálise: tetraavaliação e esquizodrama. Em **Vivência. Revista do NESME**, 2012, v. 9, n. 1, pp. 18-26.



LIMA, F.; CRUZ K. T. Os processos de hormonização e a produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina. **Revista Latinoamericana Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 23, p. 162-186, 2016.

OLIVEIRA, G. N. O projeto Terapêutico Singular. In: CUNHA, G. T. **A construção da clínica ampliada na atenção básica**. 3. ed. São Paulo. Hucitec, 2010.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. 8. ed. (M. A. F. Velloso e M. S. Gonçalves, Trads). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. p.272-286.

PINHEIRO, A. F. S. **Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo**. Montes Claros-MG: Instituto Federal Norte de Minas Gerais, 2014.

ROCON, P. C. Quando os corpos trans adentram o processo transexualizador: experiências que conformam a transexualidade. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). **Centro de Ciências da Saúde**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2018.

RIBEIRO, Y. C. N. M. B.; CASTRO, Ricardo L. V. **Acolhimento com classificação de risco: dois momentos de reflexão em torno das cores**. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Cadernos HumanizaSUS: Vol. 3, Atenção Hospitalar. 1. ed. 2011.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTANA, A. D. et. al. Dificuldades no acesso aos serviços de saúde por lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. **Revista de enfermagem UFPE** on line: v. 14, jan. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/243211> acesso em 04 jan. 2023.

SCHAPIRA, Diego. “A abordagem plurimodal em musicoterapia. Fundamentos teóricos”. Em SCHAPIRA, D; FERRARI, K; SÁNCHEZ, V; HUGO, M. **Musicoterapia. Abordaje Plurimodal**. Buenos Aires: ADIM Ediciones, 2007.

SPINK, M. J. **Psicologia social e saúde: práticas, saberes e sentidos**. 9. ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 2013.

STONA, J.; CARRION, F. **O cis no divã**. Salvador, BA. Editora Devires, 2021. ZIMERMAN, David. A importância dos grupos na saúde, cultura e diversidade.



Vínculo, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 1-16, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902007000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 out. 2022.

ZIMERMAN, D.; OSÓRIO, L. C. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.





MÚSICA, DANÇA E DINÂMICAS COMO RECURSOS DE APRENDIZAGEM INFANTIL SOBRE HIGIENE CORPORAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Gabrielly Moreira Façanha¹

Beatriz Barros Guimarães²

Laura Baima Silveira Souza³

Thais Mendonça da Costa⁴

Ellany Gurgel Cosme do Nascimento⁵

RESUMO

A construção de hábitos de higiene na infância é importante para a saúde e qualidade de vida, sendo responsável pela prevenção de diversas doenças infecciosas e parasitárias, promovendo um desenvolvimento saudável. É essencial que o incentivo à prática de higienização comece na infância, fase em que muitas informações novas são absorvidas e levadas para a vida adulta. Assim, objetiva-se, neste estudo, relatar a utilização da música, da dança e da realização de dinâmicas como recursos para a aprendizagem infantil sobre os hábitos de higiene corporal. Trata-se de relato de experiência, que se reporta para a realização de atividade de educação em saúde com um grupo de 13 crianças, mediada por nove acadêmicas de Medicina, com atividades lúdicas e interativas, como experimento químico e roda de musicalização, que proporcionaram uma maior participação do público-alvo, dinamizando o processo de ensino-aprendizagem. Os participantes compreenderam a importância dos hábitos de higiene pessoal, a função dos produtos de limpeza e o modo de usá-los, e participaram ativamente de todos os processos realizados. Além disso, foi realizado o experimento do orégano, no qual foi utilizado um recipiente com água e orégano, e ao despejar detergente todo o orégano afastou-se do produto colocado, demonstrando, assim, a importância dos produtos de higiene, e facilitou o esclarecimento do assunto e a absorção do conhecimento sobre higienização. Portanto, é possível compreender o potencial das atividades lúdicas como ferramenta de ensino, promovendo, de forma criativa e estimulante, o conhecimento sobre higiene corporal para as crianças.

1 Graduanda em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. gabrielly-facanha@alu.uern.br

2 Graduanda em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. beatrizbarros@alu.uern.br

3 Graduanda em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. laura-baima@alu.uern.br

4 Graduanda em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. thaismendonca@alu.uern.br

5 Docente da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutora em Ciências da Saúde – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. ellanygurgel@uern.br



Palavras-chave: Hábitos de higiene corporal; Aprendizagem infantil; Atividades lúdicas.

ABSTRACT

Hygiene habits in childhood is important for health and quality of life and also it is responsible for prevention of infectious and parasitic diseases, providing healthy development of children. So, it is essential to create an incentive for maintaining hygiene habits in childhood, a phase in which a lot of content is consumed and continues into adulthood. In this sense, the main purpose of this study is to report the use of music, dancing and dynamics as resources for children's learning about body hygiene habits. This is an experience report based on activities of health education with a group of thirteen children, performed by nine medical students, including playful and interactive activities, such as a chemical experiment and musicalization, which encouraged audience engagement, facilitating the teaching-learning process. During this project, all of the participants understood the importance of hygiene habits, the role of cleaning products and how to use them and all of the students participated in all the activities. In addition, it was done an experiment using oregano. The oregano was placed in a recipient with water and when a drop of detergent is added, then all the oregano moved away, demonstrating the importance of hygiene products and facilitating subject learning. Therefore, it was possible to understand the potential of playful activities as a teaching tool to promote knowledge about hygiene habits for children in a creative and stimulating way.

Keywords: hygiene habits; Children's learning; Playful activities.

1 INTRODUÇÃO

A higiene corporal é fundamental para evitar o aparecimento de doenças. Dessa forma, conseguimos observar a importância da temática para uma vida saudável. Ramos *et al.* (2020) expõem que, quando analisamos o conceito da palavra higiene, evidenciamos que está intimamente relacionado à saúde, além de apontar a importância do desenvolvimento da consciência acerca de aspectos de higiene durante a infância, por se tratar da faixa etária em que as informações são mais bem assimiladas.

Nesse sentido, Dallabona (2004), com o intuito de deixar o tema mais atrativo para as crianças e facilitar o aprendizado, evidencia que seja pertinente a utilização de ferramentas lúdicas, como artifícios musicais, danças e dinâmicas, a fim de atingir uma ampla contemplação do tema. Ele ainda acrescenta que é por intermédio do lúdico que conseguiremos uma educação de qualidade e que realmente consiga ir ao encontro dos interesses e necessidades da criança.

O uso de diferentes linguagens como a música, a dança e o teatro torna possível que se fomente um ambiente onde as crianças possam conhecer o seu corpo, diante de suas possíveis sensações e funções, além da identificação das suas limitações e potencialidades diante da sua integridade física (BRASIL, 2014).



Sob essa perspectiva, Lesmes *et al.*, (2017) evidenciam que a ocorrência de ações preventivas é de suma importância, uma vez que infecções relacionadas à falta da prática higiênica são mais frequentes em países em desenvolvimento, como o Brasil, sendo o público infantil o mais vulnerável por estar em processo de formação de seu sistema imunológico. Assim, a atividade desenvolvida mostra-se substancial por ter como premissa a ação intervencionista, levando ensino das melhores medidas de higiene e do controle de riscos capazes de afetar a integridade e a saúde, promovendo, então, comportamentos saudáveis.

Lima *et al.*, (2013) destacam que os temas com maior necessidade de ações preventivas são as enteroparasitoses, doenças associadas à pobreza e à qualidade de vida, incluindo condições de habitação e higiene. Tais doenças são causadas por helmintos e protozoários, os quais se alojam na luz intestinal e podem estar relacionadas aos hábitos higiênicos individuais, bem como ambientais. No público infantil, as parasitoses mais prevalentes são *Giardia lamblia* e *E. histolytica*, *E. vermicularis*, *Ascaris lumbricoides*, *Trichuris trichiura*, *Ancilostomas*, Tênia e *Schistosomas*.

Corroborando tal contexto, Neghme e Silva (2008) apontam que a prevalência de uma dada parasitose está diretamente relacionada com ausência de saneamento básico, hábitos de higiene e condições socioeconômicas. Por isso, a orientação sobre a correta limpeza das mãos, necessidade de tomar banhos com frequências diárias e escovar os dentes após as refeições tem como principal finalidade a prevenção desse tipo de doenças e a minimização de possíveis complicações delas. Partindo desse panorama, acadêmicas de Medicina utilizaram a ludicidade como estratégia educativa com crianças no Centro de Referência em Assistência Social - CRAS, tornando o processo de aprendizado leve para crianças e introduzindo-as como heroínas na eliminação e/ou minimização dessas doenças, de forma a compreender o seu papel na solução da problemática.

Desse modo, pontuamos como objetivo, neste estudo, relatar a utilização da música, da dança e da realização de dinâmicas como recursos para a aprendizagem infantil sobre os hábitos de higiene corporal.

2 RELATO DA EXPERIÊNCIA

Trata-se de relato de experiência de ação de educação em saúde intitulada "Limpinho e Saudável", que foi realizada por um grupo de nove extensionistas do projeto *Ensinando Crianças Aspectos de Higiene (ECAH)*, no dia 19 de setembro de 2022, no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Mossoró/RN, com um grupo de 13 crianças, que possuíam entre 5 a 11 anos de idade e estavam acompanhadas por seus responsáveis. A ação teve como objetivo ensinar, de modo lúdico, hábitos de higiene corporal, como tomar banho, usar o sabonete e lavar as mãos com sabão.

A relevância em trabalhar o tema de higiene pessoal com os infantes para o desenvolvimento de hábitos saudáveis é esclarecida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PNC's) de ciências, os quais ponderam que os hábitos de higiene corporal devem ser adquiridos desde a infância, sendo esta uma condição para uma vida saudável, dando autonomia para que

sejam realizadas as atividades de higiene de maneira satisfatória (BRASIL, 1997).

Para isso, foi desenvolvida uma programação com atividades lúdicas que possibilitaram uma interação com o público infantil. Esse caráter lúdico para a realização da atividade de extensão foi escolhido devido ao fato de que a utilização de músicas, jogos, teatro de fantoches tornam, como afirma Souza *et al.*, (2010), o processo ensino-aprendizagem mais dinâmico, possibilitando um melhor aproveitamento do que está sendo transmitido nas atividades educativas e facilitando o processo de entendimento e a adoção de hábitos higiênicos.

O itinerário desta atividade educativa contemplou experimentos científicos para atrair a atenção das crianças. Nesse esteio, foi contextualizado inicialmente o tema por meio de uma atividade chamada “Limpinho e saudável”, seguida por um momento de musicalização, que teve como artifício de aprendizado a música “Toma banho, Melissa”: “Banho não machuca, sabonete não belisca, toma banho Melissa, toma banho Melissa” - paródia da música “Vai Tomar Banho Tiriça” (Mc Jorginho PDR), a qual permitiu uma maior interação com cada um, fortalecendo a premissa de Moreira, Santos e Coelho (2014), que destaca que a música desenvolve uma série de habilidades na criança, como a sensibilidade, a criatividade, o senso crítico, o ouvido musical, a imaginação, a memória, a atenção, a concentração, o respeito ao próximo, enfim, dentre tantos outros benefícios que são proporcionados por tal artifício.

Figura 01 - Momento de musicalização. Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Após o momento musical, foi realizada uma dinâmica com um



experimento científico para demonstrar a ação do sabonete, produto que foi citada pela Fada da Higiene, uma personagem da peça, que ensina as funções dos produtos de higiene. Para o experimento, foram usados recipientes com água e orégano, o qual representava os germes, e foi passado nos dedos das crianças o detergente, que representava o sabonete. Ao colocar o dedo no centro do recipiente, as crianças percebiam a dispersão do orégano para as bordas, e foi explicado para elas que esse afastamento representava o poder do sabonete em afastar os germes do nosso corpo, deixando claro a importância desse produto higiênico para a nossa saúde corporal. Esse experimento baseia-se no conceito de tensão superficial da água e na sua capacidade de ser diminuída pelo detergente, o que explica o movimento do orégano para as bordas, onde a tensão superficial é maior.

No decorrer do experimento, o grupo de crianças interagiu fazendo perguntas e expondo suas explicações, baseadas nas suas experiências do cotidiano, para a dispersão do orégano na presença do detergente. Além disso, elas responderam corretamente todas as perguntas do *quizz*, evidenciando a eficiência da estratégia lúdica e mostrando que atividades interativas estimulam o interesse da criança pelo assunto abordado e facilitam que elas se sintam confortáveis para expor seus pensamentos e questionamentos.

Figura 02 - Extensionista realizando o experimento junto com as crianças. Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Em sequência, foi realizado um jogo de perguntas para testar o que os infantes aprenderam com a peça e com o experimento. Foram mostrados alguns produtos, como pasta de dente, escova de dente, fio dental,

álcool em gel, detergente, shampoo e sabonete em barra, e perguntou-se para as crianças: qual a função desses produtos? E em quais ocasiões e como eles deveriam ser utilizados?

Por fim, o momento foi encerrado com a apresentação de uma coreografia, realizada juntamente com o grupo de crianças, da música “Bom Banho”, do Mundo Bitá, com o intuito de revisar e fixar tudo que foi ensinado durante a ação. Esse é um trecho da música utilizada:

“Hora do banho
Não ache estranho
Qualquer pessoa de qualquer tamanho
Sabe que se limpar não é problema
Pequena, não fuja de mim, assim
Lava, lava, lava
E depois que o banho acabar
Se enxugar e pentear, se perfumar e se trocar
Sinta no ar
Que cheirinho bom
Bom, bom”

Nesse aspecto, a música foi crucial para uma maior expressão do público e melhor interação com ele, sendo uma forma de entendimento acessível às crianças. Além disso, evidencia-se que a linguagem musical é excelente para o desenvolvimento de diversas habilidades, como o equilíbrio, a sociabilidade, a autoestima e o autoconhecimento.

Figura 03 - Realização da coreografia pelas extensionistas. Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil, 2022



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

A partir da ação efetuada foi possível perceber que a realização de atividades lúdicas possibilitou que as crianças participassem ativamente do seu processo de aprendizagem sobre os hábitos de higiene corporal e interagissem entre si, o que é capaz de contribuir para o desenvolvimento pessoal e social dos infantes, facilitando para eles o processo de socialização e comunicação.

Nessa perspectiva, Pereira (2005) indica que as atividades lúdicas não são apenas simples passatempos, mas sim representam momentos de descoberta, construção, desenvolvimento e compreensão de si enquanto indivíduo, além de estimularem a autonomia, a socialização e a criatividade. Para além de tais benefícios, tais atividades também possibilitam uma maior interação entre os públicos envolvidos, aproximando, por exemplo, alunos e professores.

Tais resultados mostram que a transmissão de conhecimento em um ambiente descontraído e sem cobrança, torna o processo de aprendizagem mais atrativo e prazeroso para o público infantil, proporcionando um aprendizado de qualidade.

3 CONCLUSÃO

Conseguimos obter êxito na ação experienciada, posto que durante todas as atividades as crianças se manifestaram de forma participativa, colaborando para execução da ação, permaneceram atentas às temáticas

apresentadas, responderam perguntas levantadas sobre o tema, interagiram com a dinâmica proposta e demonstraram domínio sobre o conteúdo exposto.

Dentre as limitações encontradas, podemos destacar que os recursos não foram suficientes para todo o público-alvo, uma vez que o número de crianças era superior ao número de ferramentas que tínhamos para realização da dinâmica. Tais ações poderiam ser melhor desenvolvidas se além do repasse de tais informações, fossem ofertados *kits* de higiene, tendo em vista que em alguns casos a falta de bons hábitos de higiene está relacionada à carência financeira e material das famílias. Podemos mencionar também que tal ação pode ser facilmente realizada em outros ambientes, como nas creches e nas escolas, tendo em vista a relevância da temática para o público infantil.

Por fim, para as estudantes de Medicina, a experiência foi bastante proveitosa, a partir da qual foi possível o desenvolvimento do hábito de lidar com infantes com idade entre 5 e 11 anos. Atividades como essas são oportunidades para vivenciar, na prática, a teoria estudada, sendo possível a sedimentação de elementos imprescindíveis à formação médica, principalmente no que se refere à relação com as crianças por meio do vínculo, comunicação adequada, reconhecimento do estilo de vida da comunidade e adoção de condutas condizentes com a realidade, envolvendo o potencial e a necessidade das famílias.

Como sugestão para ações futuras, pode-se realizar a construção desse processo de musicalização junto às crianças, para que seja desenvolvido o senso crítico e artístico nesse momento inicial. Além disso, há a possibilidade de associar as atividades com outros cursos de graduação para incremento nessas ações artísticas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Saúde da Criança e a Saúde da Família**: agravos e doenças prevalentes na infância. UNA-SUS. Universidade Federal do Maranhão - UFMA, São Luís, 2014.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**: Saúde. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DALLABONA, S. R.; MENDES S. M. S. O lúdico na educação infantil. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, v. 1, n.4, p. 107-112, 2004

LESMES, V. I. S. *et al.* Caracterización de hábitos de higiene y ambientes en lugares de atención integral a población infantil. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 51, p. 1-7, 2017.

LIMA, D. S. *et al.* Parasitoses Intestinais Infantis no Nordeste Brasileiro: Uma Revisão Integrativa da Literatura. **Cadernos de Graduação**, v.1, n.2, p.71 - 80, 2013.

MOREIRA, A. C.; SANTOS, H.; COELHO, I. S. A música na sala de aula -

A música como recurso didático. **UNISANTA Humanitas**, v.3, n.1, 2014, p. 41-64, 2014.

NEGHME, A.; SILVA, R. Ecología del parasitismo en el hombre. **Bol, Oficina Sanit. Panamam.**, n. 70, p. 313-29, 1971.

PEREIRA, L. H. P. **Bioexpressão**: a caminho de uma educação lúdica para a formação de educadores. Rio de Janeiro: Mauad X: Bapera, 2005.

RAMOS, L. S *et al.* Instruções de higiene na escola e na sociedade como ação de saúde e prevenção de doenças: uma revisão bibliográfica. **REAS/EJCH**, v. 12, n. 10, p. 45-58, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e4558.20>. Acesso em: 6 out. 2022.

SOUZA, M. M. A. *et al.* A inserção do lúdico em atividades de educação em saúde na creche-escola Casa Criança, em Petrolina-PE. **Revista de Educação do Vale do São Francisco**, v.1, n.1, 2010.



A UTILIZAÇÃO DO INSTAGRAM NO PROJETO DE EXTENSÃO TURISMO EXPRESSO COMO FERRAMENTA PARA O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Cláudia Regina Tavares do nascimento¹
Gustavo Lopes de Santana²

RESUMO

O presente artigo propõe discorrer a respeito de um projeto de extensão desenvolvido com os discentes do curso de turismo no Campus Central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Devido ao momento pandêmico ocasionado pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2) que se propagou de maneira intensa e rápida com um alto índice de contaminação e, por conseguinte, foram adotadas medidas de segurança, tais como: o isolamento e o distanciamento sociais, o sistema educacional brasileiro precisou se adequar e assim teve que substituir o ensino presencial para o modelo remoto. O Departamento de Turismo (DETUR/UERN) viu-se obrigado a adaptar o estágio para que acontecesse remotamente para a segurança de todos. O presente relato tem o objetivo de descrever a vivência do estágio curricular supervisionado no projeto de extensão universitária “Turismo Expresso”. Trata-se de um estudo com caráter descritivo/comparativo, do tipo relato de experiência, realizado a partir do projeto de extensão intitulado “Turismo Expresso”, executado uma vez por semana, por cinco acadêmicos do curso de Turismo. As atividades aqui descritas ocorreram no período 16 de agosto de 2021 e 15 de outubro de 2021. É possível afirmar que o “Turismo Expresso” vem cumprindo com o seu papel extensionista, no sentido de contribuir na aproximação da universidade e comunidade externa, promovendo o aumento da integração através da rede social Instagram. Resultados: A utilização do Instagram® ajudou nosso projeto a desempenhar suas atividades de forma remota e obter um alcance maior de pessoas beneficiadas com as publicações. Conclusão: apesar das dificuldades, o estágio no projeto de extensão conseguiu atender a demanda dos discentes.

Palavras-Chave: *Instagram*; Projeto de extensão; Turismo; Estágio curricular.

1 Docente efetiva do Departamento de Turismo – DETUR/UERN; doutoranda do programa de pós-graduação em Geografia DINTER – UFRN/UERN.

2 Discente do Curso de Turismo – DETUR; bolsista do projeto de extensão Turismo Expresso.



ABSTRACT

This paper discusses the extension project produced by students of the Tourism course at the State University of Rio Grande do Norte (UERN). Due to the pandemic caused by the new coronavirus (Sars-CoV-2), which spread intensely with high rate of contamination. In order to prevent and control the transmission of COVID-19, some strategies such as isolation and social distancing were encouraged. As a consequence, Brazilian educational system needed to adapt using videoconferences to replace face-to-face teaching. The Department of Tourism - DETUR was forced to adapt the Supervised Practice remotely for everyone's safety. This paper describes the experience of supervised practice in the extension project "Turismo Expresso". This is a descriptive and comparative study based on an experience report to be executed at least once a week by five students of the Tourism course. The activities described in this paper took place on August 16th and ended on October 15th, 2021. It is possible to state that "Turismo Expresso" has been fulfilling its mission in order to improve the interaction between university and community, promoting audience interaction through Instagram. Results: Using Instagram® helped our project to carry out its activities remotely and obtain a greater reach of people who benefited from the publications. Conclusion: Despite the difficulties, the internship in the extension project managed to meet the students' demand.

Keywords: *Instagram*; Extension project; Tourism; Supervised practice.

1 INTRODUÇÃO

Nos projetos de extensão os discentes têm a oportunidade de desenvolver atividades extensionistas que lhes proporcionem a vivência de experiências além dos muros universitários. A participação dos estudantes da graduação em projetos deste cunho contribui de forma significativa na formação acadêmica completa, ampliando as suas experiências práticas na relação com a comunidade e possibilitando uma troca de conhecimento entre ambos (MANCHUR, 2013).

O presente artigo propõe discorrer a respeito de um projeto de extensão desenvolvido com os discentes do curso de Turismo no Campus Central. O Projeto "Turismo Expresso" vem atuando em ações extensionistas desde 2018, e está vinculado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX). A extensão universitária pode ser entendida como um processo social e científico de interação interdisciplinar e educativo que permite comunicação, por meio da troca de saberes entre a universidade e a sociedade. Essa troca permite que a extensão tenha três funções: a acadêmica, pautada por conhecimento teórico-metodológico; a social, permitindo a organização e a construção de cidadania; e a articuladora, através das ações (SERRANO, 2006).



Com o surgimento do novo coronavírus em dezembro de 2019, que se propagou de maneira intensa e rápida com um alto índice de contaminação, nos anos de 2020 e 2021, a população mundial passou a adotar medidas de segurança, tais como: o isolamento e o distanciamento social. Devido a esse isolamento, o sistema educacional brasileiro foi impactado, já que o modelo presencial de ensino precisou se adequar à nova realidade e assim teve que ser substituído de maneira rápida para o modelo remoto. Esse modelo de ensino foi a alternativa encontrada por diversas Instituições de Ensino Superior - IES para dar continuidade à formação do alunado.

O setor turístico também foi impactado diretamente e algumas dessas empresas deixaram de funcionar, outras funcionavam apenas de Home Office, evitando aceitar estagiários. Além destas questões, é pertinente esclarecer que muitos discentes pertenciam ao grupo de risco ou residiam com familiares que apresentavam alguma comorbidade.

Em face destas dificuldades o Departamento de Turismo (DETUR), viu-se obrigado a adaptar o estágio supervisionado para o ambiente remoto, com o objetivo de evitar a postergação da preparação do discente para sua futura atuação no mercado de trabalho no Trade Turístico, que o estágio acontecesse remotamente para a segurança de todos.

Para o referido projeto de extensão, a suspensão de atividades em campo não significou a quebra de vínculos com os parceiros do projeto, pelo contrário, se buscou novas maneiras de manter o vínculo, e a internet surgiu como uma ferramenta extensionista. Lorenzo (2013) reitera que o processo de ensino e aprendizagem, nessa ótica moderna, instaurou um paradigma, onde professores, através das redes de computadores, têm a possibilidade de trabalhar e colaborar em outros espaços com os demais profissionais da área, além de seus próprios estudantes.

O estágio no Turismo Expresso, teve seu início em 16 de agosto de 2021 e término em 15 de outubro de 2021, e trouxe a postagem de conteúdos audiovisuais referentes ao turismo, de cunho acadêmico, técnico e popular produzido por todos os estagiários, através da apresentação de vídeos de curta duração sobre assuntos de interesse público, que vão desde como organizar sua mala de viagem a como proceder em situações de extravio de bagagem. O meio de comunicação utilizado é através do perfil do “Instagram” que conta com 508 seguidores e antes da pandemia os episódios da série Turismo.

As redes sociais são amplas, diversificadas e formadas por ações inesgotáveis, pois envolvem várias pessoas conectadas ao mesmo tempo. Socializar o conhecimento através dessas ferramentas, pode tornar o aprendizado mais acessível. Contudo, ainda existe uma preocupação em relação à veracidade das informações que são produzidas nesses espaços por razão das informações serem, em alguns momentos, incompletas ou sem fundamento científico (CIRILO; SANTOS; SANTOS; 2015).



2 RELATO DA EXPERIÊNCIA

O Turismo expresso tem como coordenadora Cláudia Regina Tavares, professora do Curso de Turismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Nessa condição, as suas atribuições são realizar o acompanhamento do plano de atividades e avaliação das atividades do estudante durante a realização do estágio, manter os membros da equipe organizados e focados no projeto e nos objetivos.

O estágio obrigatório faz parte da grade curricular de muitas universidades, sendo um item indispensável para a formação do aluno e, também, atua como elemento integrador da Universidade com o mercado de trabalho.

Há poucos cursos universitários concebidos hoje como experiências puramente acadêmicas, isto é, quase todos implementaram modelos formativos mistos mediante estágios práticos, de vivências práticas em empresas, de modelos de formação em cooperação, da realização de projetos, etc. (ZABALZA, 2004, p. 174).

O estágio foi desenvolvido durante o contexto pandêmico e trouxe uma realidade atípica vivida, na qual as vivências deixaram de ser físicas para serem mediadas por redes, na elucidação das atividades realizadas no site da rede social Instagram, como ferramenta de interação entre docentes, tutores, estagiários, alunos extensionistas, responsáveis, e os seguidores da plataforma. O Instagram, ferramenta proporcionada pela Internet, foi a escolhida pelo projeto para reconectar o laço humano-afetivo e como solução para uma urgência trazida pelo momento.

O estágio é parte importante para a integração da teoria estudada em sala de aula com a prática vivenciada, porém para obter melhor êxito é importante que seja acompanhado e supervisionado pela instituição e pela área de estágio, que são representadas pelos professores orientadores de estágio:

O estágio é um procedimento didático-pedagógico, cuja atividade é de competência da instituição de ensino, a quem cabe a decisão sobre o conteúdo teórico, e de pessoas jurídicas de direito público e privado, cujo papel limita-se à oferta de vagas de estágio, colaborando no processo educativo no que se refere ao aprendizado prático. (BISSOLI, 2002. p. 15)

Portanto, a formação acadêmica além de apresentar e discutir conceitos por meio da teoria e da metodologia científica, é também responsável por preparar o discente para o mercado de trabalho, por intermédio dos estágios obrigatórios e não-obrigatórios, e assim formar um profissional competente que possa aliar a teoria estudada na universidade com a prática vivenciada nos estágios.



É importante que o aluno enxergue o estágio como uma forma de aprendizado, para que conheça melhor a área em que pretende atuar e avalie o mercado de trabalho para qual está se preparando.

Com a era da globalização e a criação da Internet, surgiu um fenômeno de redes sociais que utilizam as tecnologias da informação e da comunicação para se articular e se auto-organizar, que tomou dimensões globais. Por conseguinte, é pertinente considerar que as tecnologias digitais surgiram como uma ferramenta de socialização que afetou diretamente a organização da sociedade contemporânea (LEVY, 1999). Nesse sentido, os sites de redes sociais (SRSs) surgiram como uma nova ferramenta oportunizada pelo processo de uso da internet, igualmente como um instrumento de comunicação e uma ponte de conexões (LORENZO, 2013).

As redes sociais ocorrem através do uso de novas tecnologias, direcionadas a atingir interesses específicos, utilizando os mais variados recursos, meios e canais capazes de realizar articulação entre grupos e instituições. No caso específico do projeto “Turismo Expresso” toda a elaboração e pesquisa dos conteúdos postados foram feitas pelos discentes estagiários:

Gustavo Lopes Santana: aluno bolsista do projeto e estagiário, é responsável pelo planejamento de conteúdos e pelo quadro onde estão nossos egressos.

Felipe Dantas de Araújo: responsável pelas enquetes nos stories.

João Victor da Silva Costa: encarregado da criação de produção audiovisual dos eventos de Mossoró, como o quadro de eventos de Mossoró das terras quentes para o mundo.

Mayara Alice Paz Pinheiro: responsável pela criação de memes e charges.

Tayane Helle Sousa Xavier: encarregada da produção visual de curiosidades do Rio Grande do Norte.

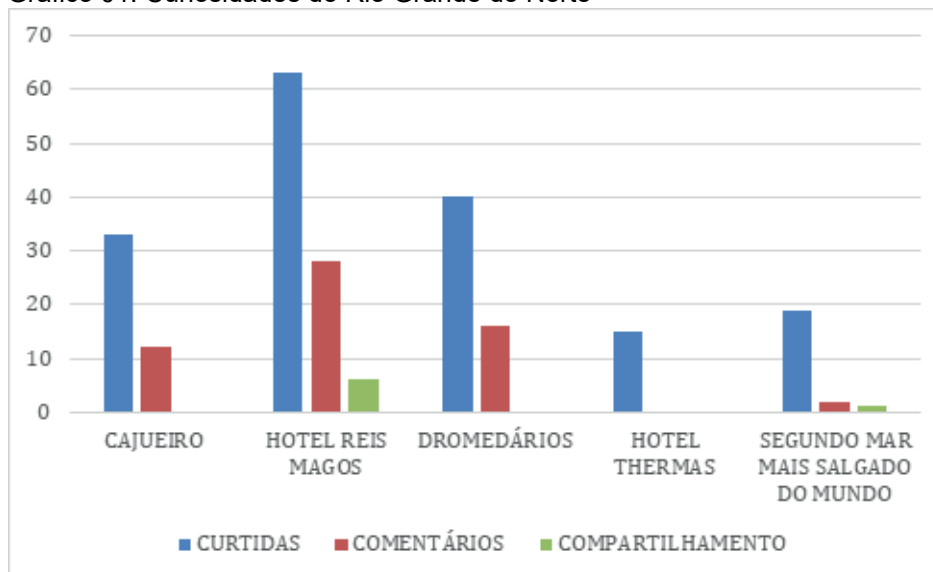
A proposta era de trabalhar uma equipe composta por docentes, discentes e graduados sobre a indissociabilidade do ambiente universitário e sua colaboração social e profissional.

Durante o estágio no projeto de extensão “Turismo Expresso” foram desenvolvidos produtos voltados para o público do Instagram. No decorrer do estágio os discentes desenvolveram (oito) produtos: Turismo Expresso, no qual o tema da temporada são os pontos turísticos de Mossoró; Onde Estão Nossos Egressos; Eventos de Mossoró; Memes, imagens de teor cômico sobre viagens; Restaurantes Bizarros; Enquetes; Cine Turismo Expresso; Curiosidades do Rio Grande do Norte, em formato de imagens, aborda sobre curiosidades do território potiguar.

Segue abaixo gráficos, e figuras que representam os principais quadros desenvolvidos pelos discentes durante o Estágio Curricular Supervisionado.



Gráfico 01: Curiosidades do Rio Grande do Norte



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

O gráfico 1, demonstra o engajamento dos usuários do Instagram através de curtidas; comentários ou compartilhamento sobre os principais atrativos turísticos do Estado do Rio Grande do Norte, pois apesar de serem amplamente divulgados pelas empresas de divulgação das atrações turísticas existentes no Rio Grande do Norte, as mesmas apresentam peculiaridades que não são divulgadas. O motivo que nos levou a postar estas curiosidades ocorreu que muitos discentes do Curso de Turismo apesar de residirem no Estado do RN, poucos possuem recursos financeiros para realizarem uma viagem turística. Os atrativos que tiveram mais curtidas dos usuários do Instagram foi o Hotel Reis Magos, seguido dos dromedários e do cajueiro do Pirangi. É oportuno observar que os atrativos de todos os atrativos turísticos postados estão localizados na cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte ou na Região Metropolitana.

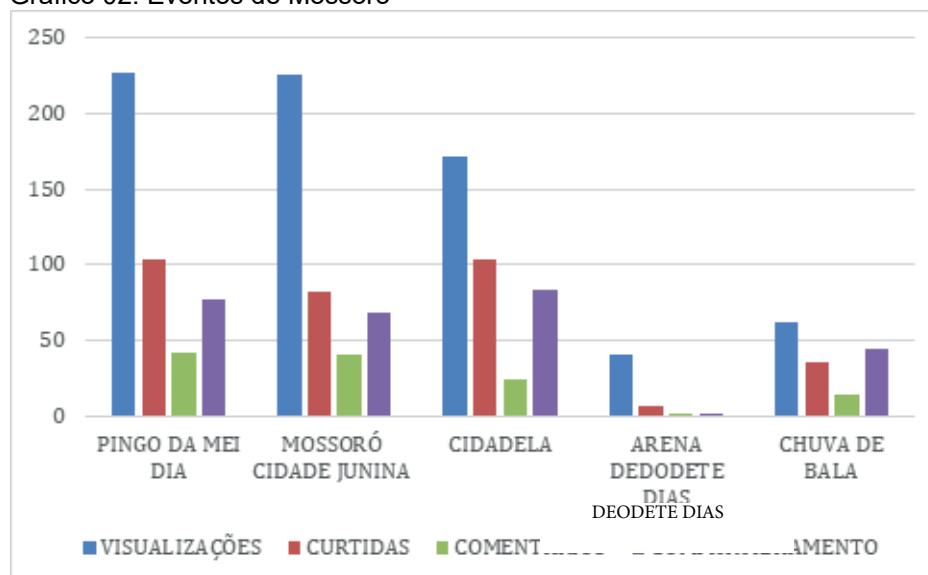
Figura 01: Curiosidades do Rio Grande do Norte



Fonte: Tayane Xavier (2021).

A figura 1 traz a imagem dos posts a respeito das principais curiosidades de alguns atrativos turísticos do estado do Rio Grande do Norte.

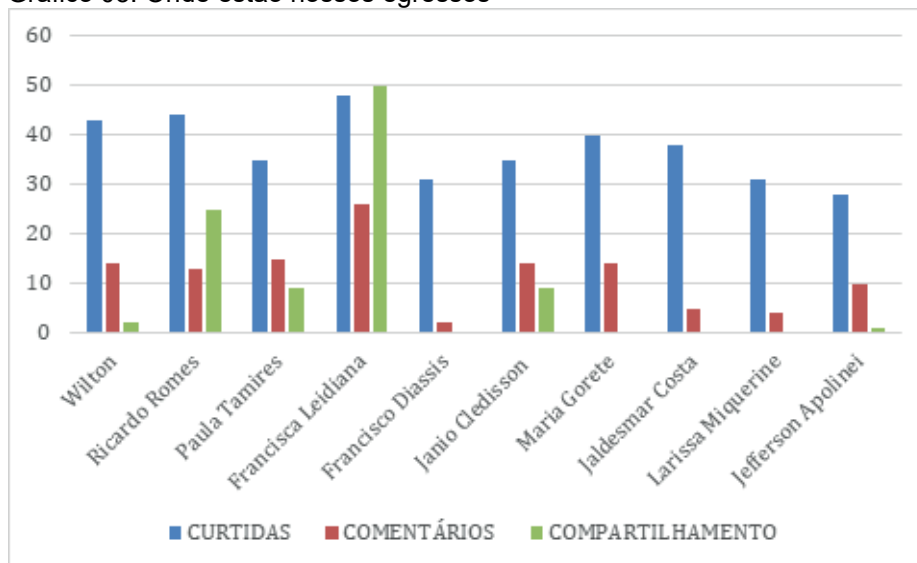
Gráfico 02: Eventos de Mossoró



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

O gráfico 2 descreve a interação a respeito dos eventos que ocorrem durante o período junino na cidade de Mossoró. Este tipo de informação fortalece as manifestações culturais nordestinas e principalmente do município de Mossoró. Estas informações foram postadas no formato de vídeos curtos de aproximadamente 3 (três) minutos, narrando as principais características de cada evento, tais como: origem, período de realização, local onde ocorreu, número de participantes, dentre outros. De acordo com o gráfico acima é possível observar que a interação foi bastante positiva. Os eventos que mais tiveram visualizações e curtidas foram “Pingo da mei dia” e “Mossoró Cidade Junina”, respectivamente.

Gráfico 03: Onde estão nossos egressos



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

O gráfico 3 faz referência a um post intitulado “onde estão nossos egressos” foi criado no intuito de apresentar onde estão os egressos do Curso de Turismo Campus Central, trazendo informações sobre os egressos do Curso de Bacharel em Turismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. A postagem tinha uma foto do bacharel, e informações básicas a respeito dos mesmos: ano em que iniciou seus estudos na universidade, bem como ano da sua colação de grau; em que área estava atuando no mercado de trabalho, se o mesmo se inseriu mercado de trabalho, ou se migrou para outra área profissional; se deu continuidade aos seus estudos na carreira acadêmica, dentre outros.

Cabe destacar que estes posts tiveram um número expressivo de curtidas e comentários. Dentre os egressos apresentados os que mais tiveram curtidas e comentários foram: Francisca Leidiana, Ricardo Romes, e Francisco Wilton respectivamente. Dois dos referidos bacharéis citados, especificamente Francisca Leidiana e Francisco Wilton seguiram a carreira acadêmica, enquanto Ricardo Romes atuava na área de agência de viagens. No quadro 1 despertou no alunado um fortalecimento com o curso, bem como um sentimento de positividade de atuação no mercado de trabalho.

Quadro 1 – Principais decisões desenvolvidas durante o estágio no Turismo Expresso

PRINCIPAIS AÇÕES DESENVOLVIDAS DURANTE O ESTÁGIO NO TURISMO EXPRESSO.
Reunião com a coordenadora para produção de infográfico com designação das funções dos estagiários; criação de calendário de postagens no perfil do Instagram; criação de grupo no WhatsApp; auxiliar os estagiários com as ferramentas de criação de mídias; produção de templates e repasse aos estagiários; realizar postagens no Instagram @turismoexpresso.
Reunião com a coordenadora para produção de infográfico com designação das funções dos estagiários; criação de calendário de postagens no perfil do Instagram; criação de grupo no WhatsApp; auxiliar os estagiários com as ferramentas de criação de mídias; produção de templates e repasse aos estagiários; realizar postagens no Instagram @turismoexpresso.
Publicação das enquetes no Instagram relacionadas ao projeto; Pesquisa e leitura de artigos científicos relacionados a mídias sociais para enviar para a coordenadora do projeto; Pesquisa de material para criação de perguntas das enquetes; Criação de artes para os templates; Enviar material a ser postado para o bolsista do projeto.

Fonte: Cláudia Regina Tavares; Gustavo Lopes de Santana - 2021.

Algumas dificuldades foram relatadas pelos alunos durante o período em que estagiaram no projeto de extensão. Ver quadro 2:

Quadro 2 – Principais dificuldades apresentadas pelos discentes durante o estágio no Turismo Expresso.

PRINCIPAIS DIFICULDADES APRESENTADAS PELOS DISCENTES DURANTE O ESTÁGIO NO TURISMO EXPRESSO.
Devido ao fato de tudo ser feito à distância, muitas vezes esse fator dificultava o andamento e desenvolvimento de algumas atividades uma vez que presencialmente o suporte que é prestado para dúvidas e auxílios é mais eficaz. Por ser encarregado de ensinar aos demais estagiários a utilizarem a ferramenta de edição Canva, a qual muitos não estavam familiarizados, demandou muito tempo para produção de alguns conteúdos a ponto de apenas se conseguir entregá-lo na véspera ou até mesmo no dia de sua postagem. Algumas instruções via mensagem de texto e áudio através do whatsapp não eram suficientes, então em alguns momentos teve-se que recorrer à gravação de vídeo tutorial e vídeo conferência no google meets. As melhorias no desenvolvimento do estágio ocorrerão à medida que transacionamos do semestre remoto para o semestre presencial visto que a assistência prestada presencialmente é facilitadora da organização e desenvolvimento do projeto.
No decorrer do estágio algumas dificuldades foram enfrentadas, pois como se trata de algo feito totalmente na internet/redes sociais, muitas vezes não conseguimos um número exato de participações de acordo com o número de seguidores que o Instagram possui, nas enquetes que eram postadas. Independente disso, tivemos um bom número de participações, onde observou-se que a ferramenta das enquetes possibilitou aos participantes que não sabiam sobre determinado assunto, fossem até os conteúdos publicados e se informassem.

Fonte: Cláudia Regina Tavares; Gustavo Lopes de Santana - 2021.

O referido projeto tem como sua principal área de atuação a comunicação turística utilizando o alcance que o Instagram proporciona em termos

de audiência para transmitir informações e dicas. Reforça ainda o processo da divulgação de reportagens de turismo com o objetivo de informar e divulgar a prática de viajar, significado dos principais termos utilizados na navegação aérea, reserva e compra das passagens até orientações de como arrumar sua mala de maneira prática. Além de abordar assuntos na área do Plano de Desenvolvimento Integrado de Turismo Sustentável, na divulgação dos atrativos e destinos turísticos dos Polos: Agreste/Trairi; Costa Branca; Costa das Dunas; Seridó.

Cabe aqui destacar que a importância em realizar o estágio no projeto de extensão foi tão significativa que um aluno escolheu transformar essa experiência em um estudo de caso e assim, escrever seu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC intitulado: “Experiência de estágio no Turismo Expresso: O uso do Instagram como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem no turismo”. Ou seja, a experiência do estágio supervisionado ocasionou a escrita de um trabalho acadêmico.

3 CONCLUSÃO

Com base nos resultados é possível afirmar que o “Turismo Expresso” vem cumprindo com o seu papel extensionista, no sentido de contribuir na aproximação da universidade e comunidade externa.

No entanto, mesmo com o uso corriqueiro da rede social, existem dificuldades e problemáticas ainda longe de soluções. Os componentes do projeto lutam diariamente com a instabilidade das redes sociais, sobretudo nas atualizações constantes de suas interfaces e manuseios, em junção ao acesso à Internet restrita por velocidade ou instabilidade. Como meio facilitador, o Instagram vem sendo usado para responder questões pontuais do projeto, tendo sido uma ferramenta sugerida pelos próprios extensionistas para continuação das atividades.

Dessa forma, o mesmo, pretende dar continuidade nas implementações e movimentações das redes sociais, em particular o Instagram, por tempo indeterminado, tendo em vista a relevância do projeto em questão. Vale salientar que, o aumento no número de postagens o qual se tornou imprescindível a partir do isolamento social e suspensão das atividades presenciais devido à pandemia pelo novo coronavírus, contribuiu para que os discentes que realizaram seu estágio no projeto de extensão continuassem realizando suas atividades de maneira remota.

REFERÊNCIAS

BISSOLI, Maria Ângela Marques Ambrisi. **Estágio em turismo e hotelaria**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2002 – (série turismo).

CIRILO, S. S.; SANTOS, L.; SANTOS, V. V. As redes sociais no processo ensino-aprendizagem. **IV Colóquio Internacional de Pesquisas em**

Educação Superior (COIPESU).

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora, v. 34, p. 260, 1999.

LORENZO, E. W. C. M. **A utilização das redes sociais na educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Clube dos Autores, p. 29 – 58, 2013.

MANCHUR, J; SURIANI, A. L. A; CUNHA, M. A contribuição de projetos de extensão na formação profissional de graduandos de licenciaturas. **Revista Conexão UEPG**, v. 9, n. 2, p. 334-341, 2013. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/5522/3672>. Acesso em: 03 de junho de 2022.

RIBEIRO, Renato Janine. **A universidade e o mundo atual**: Fellini não via filmes. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SERRANO, Rosana Maria Souto Maior. **Conceitos de extensão universitária**: um diálogo com Paulo Freire. Pró-reitoria de extensão e assuntos comunitários–PRAC. João Pessoa, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3ik-GxYp>. Acesso em: 2 jul. 2022.

ZABALZA, Miguel A. **O ensino universitário**: seu cenário e seus protagonistas; trad. Ermani Rosa - Porto Alegre: Artmed, 2004.

Revista **Estendere**

**Curricularização e desafios da extensão
na contemporaneidade**

v. 8, n. 1, jul.-dez./2022